




**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

GLAUCINEI DUTRA GALVÃO

**O SERMÃO DO MONTE (MATEUS 5 -7): MUDANÇAS SINTÁTICAS
NA TRADUÇÃO DE JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA
(SÉCULO XVII – XXI)**

Campo Grande/MS
2021

| | |
|---|---|
| M |  UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL |
| D. GALVÃO | |
| O SERMÃO DO MONTE (MATEUS 5 -7): MUDANÇAS SINTÁTICAS NA TRADUÇÃO DE JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA (SÉCULO XVII – XXI) | <p data-bbox="667 712 1129 748" style="text-align: center;">GLAUCINEI DUTRA GALVÃO</p> <p data-bbox="395 1189 1401 1301" style="text-align: center;">O SERMÃO DO MONTE (MATEUS 5 -7): MUDANÇAS SINTÁTICAS NA TRADUÇÃO DE JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA (SÉCULO XVII – XXI)</p> |
| 2021 | <p data-bbox="762 2000 1034 2067" style="text-align: center;">Campo Grande/MS 2021</p> |

GLAUCINEI DUTRA GALVÃO

**O Sermão do Monte (Mateus 5 -7): Mudanças Sintáticas na
Tradução de João Ferreira de Almeida (Século XVII – XXI)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

Orientador: Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes

Campo Grande/MS
2021

G171s Galvão, Glaucinei Dutra

O Sermão do Monte (Mateus 5 -7) : mudanças sintáticas na tradução de João Ferreira de Almeida (Século XVII – XXI) / Glaucinei Dutra Galvão. – Campo Grande, MS: UEMS, 2021. 130 f.

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes.

1. Sociolinguística 2. Mudança sintática 3. Tradução bíblica I. Gomes, Nataniel dos Santos II. Título

CDD 23. ed. - 410

GLAUCINEI DUTRA GALVÃO

O Sermão do Monte (Mateus 5 -7): Mudanças Sintáticas na Tradução de João Ferreira de Almeida (Século XVII – XXI)

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Carlos Ribeiro Caldas Filho
PUC Minas

Profa. Dra. Aline Saddi Chaves – suplente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Leonardo Gonçalves de Alvarenga
Universidade Estadual Norte-Fluminense/UENF

Campo Grande/MS, 10 de agosto de 2021.

*A Deus, meus pais Carlos Marques Galvão e Irani
Dutra Galvão, que me deram incentivo e apoio para
conquistas pessoais e profissionais.*

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer e dedicar esta dissertação às seguintes pessoas:

A Deus, por mais uma conquista.

Ao Prof. Dr. Orientador Nataniel dos Santos Gomes pelas orientações e companheirismo que foram essenciais para o desenvolvimento dessa dissertação. Ao Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza e Prof. Dr. Leonardo Gonçalves de Alvarenga pelas intervenções na etapa de qualificação.

A minha família, mãe Irani Dutra Galvão, pai Carlos Marques Galvão, meus irmãos Gláucio Dutra Galvão e Gláucia Dutra Galvão, pois nos momentos de desânimo me apoiaram com suas palavras e orações.

A minha amiga Profa. Ma. Margarete Toribio, por todos os ensinamentos compartilhados nos desdobramentos de minhas pesquisas.

“Não busque o conhecimento por causa dos aplausos, ou para lhe capacitar a discutir com os outros, mas para o benefício de sua alma.”

Jonathan Edwards

GALVÃO, Glaucinei Dutra. *O Sermão do Monte (Mateus 5 -7): Mudanças Sintáticas na Tradução de João Ferreira de Almeida*. 2020. 130f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2021.

RESUMO

A pesquisa de natureza bibliográfica e documental teve como objetivo investigar as mudanças sintáticas na tradução de João Ferreira de Almeida. Este trabalho fundamentou-se nas pesquisas sociolinguísticas de Uriel Weirich, William Labov e Marvin I. Herzog (2006) que versam sobre Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística; Carlos Alberto Faraco (1991) apresenta a mudança linguística sobre o viés da Linguística Histórica; Rosa Virgínia Mattos e Silva (1993) que trata sobre a formação histórica da morfologia e da sintaxe do português. As obras de Norman Geisler e William Nix (2006); Johan Konings (1992); Katharine Barnwell (2011) e Michael J. Gorman (2017) utilizadas para estruturar e descrever a história e os métodos das traduções bíblicas. A pesquisa foi realizada com base na tradução de João Ferreira de Almeida, no trecho bíblico do evangelho de Mateus, nos capítulos 5, 6 e 7 também conhecido como *Sermão de Monte*, por meio de comparações entre as traduções do ano de 1681 publicada pela Companhia da Índia Oriental e 2011 publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil. A coleta de dados se deu por meio de pesquisa documental e a análise consistiu na comparação das traduções para descrever as mudanças sintáticas entre as mesmas. Ao longo da pesquisa percorremos os caminhos entre a variação e a mudança linguística, além de investigarmos os processos que envolvem uma tradução bíblica. Essa pesquisa buscou apresentar algumas reflexões sobre a mudança sintática e contribuir com os estudos da sociolinguística.

Palavras-chave: Sociolinguística. Mudança Sintática. Tradução Bíblica.

GALVÃO, Glaucinei Dutra. **O Sermão do Monte (Mateus 5 -7): Mudanças Sintáticas na Tradução de João Ferreira de Almeida.** 2020. 130f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2020.

ABSTRACT

The research of bibliographic and documentary nature had as objective to investigate the syntactic changes in the translation of João Ferreira de Almeida. This thesis was based on the sociolinguistic researches of Uriel Weirich, William Labov and Marvin I. Herzog (2006) that traverse on Empirical Foundations for a Theory of Linguistic Change; Carlos Alberto Faraco (1991) presents the linguistic change on the bias of Historical Linguistics; Rosa Virgínia Mattos e Silva (1993) that deals with the historical formation of Portuguese morphology and syntax. The works of Norman Geisler and William Nix (2006); Johan Konings (1992); Katharine Barnwell (2011) and Michael J. Gorman (2017) used to structure and to describe the history and methods of biblical translation. The research done based on the translation by João Ferreira de Almeida, in the biblical excerpt from the book of Matthew, in chapters 5, 6 and 7 also known as The Sermon on the Mount, through comparisons between the translations of the year 1681 published by the Company of East India and 2011 published by the Bible Society of Brazil. Data collection took place through documentary research and the analysis consisted of comparing the translations to describe the syntactic changes between them. Throughout the research, we followed the paths between variation and linguistic change, in addition to investigating the processes that involve a biblical translation. This research sought to present some reflections on syntactic change and to contribute to the studies of sociolinguistics.

Keywords: Sociolinguistics. Syntactic Change. Biblical translation.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| 1. INTRODUÇÃO | 12 |
| 2. MUDANÇA LINGUÍSTICA | 15 |
| 2.1 Mudança linguística, variação e atualização ortográfica | 17 |
| 2.2 Como ocorre uma mudança linguística | 31 |
| 2.3 Tipos de mudança linguística | 34 |
| 3. AS TRADUÇÕES BÍBLICAS | 38 |
| 3.1. As traduções antigas, as medievais e as modernas | 43 |
| 3.2. Traduções completas e contemporâneas para o português brasileiro | 53 |
| 3.3. Por que a Bíblia tem tantas traduções? | 56 |
| 3.4. A tradução de João Ferreira de Almeida | 60 |
| 3.4.1. Quem foi João Ferreira de Almeida? | 61 |
| 3.4.2. Contexto histórico, linguístico e objetivos da obra de João Ferreira de Almeida | 62 |
| 3.4.3. Característica da tradução de João Ferreira de Almeida | 65 |
| 4. SERMÃO DO MONTE | 70 |
| 4.1. Aspectos históricos | 71 |
| 4.2. Autor | 73 |
| 4.3. Características textuais | 75 |
| 5. MUDANÇAS SINTÁTICAS NO SERMÃO DO MONTE | 78 |
| 5.1. Inversão Sintática JFA (1681) para JFA (2011) | 80 |
| 5.2. Deslocamento da conjunção ‘porém’ JFA (1681) para JFA (2011) | 88 |
| 5.3. Substituição da conjunção ‘mas’ de JFA (1681) para JFA (2011) | 98 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 109 |
| REFERÊNCIAS | 111 |
| ANEXOS | 120 |

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, intitulada *O Sermão do Monte (Mateus 5 -7): Mudanças Sintáticas na Tradução de João Ferreira de Almeida (Século XVII – XXI)*, reúne cinco capítulos que juntos visam contribuir com os estudos sociolinguísticos sobre a mudança sintática e os fatores históricos e sociais que colaboram para tais mudanças. O estudo valeu-se de pesquisas biográficas e documentais de linguistas e sociolinguistas como Uriel Weinreich, William Labov, Marvin I. Herzog, Carlos Alberto Faraco, Rosa Virgínia Mattos e Silva dentre outros sobre atualização ortográfica e, no campo da linguística, sobre: variação linguística, teorias sobre mudanças linguísticas, como ocorre e os tipos de mudança.

[...] aprender a resolver e medir as lutas disputadas por adversárias linguísticas, desmascarando a força e o valor que cada uma goza no sistema sociolinguístico da comunidade de fala. Ao enfrentar essas pequenas batalhas, municiando-se da relação entre língua e sociedade e propondo-se a um estudo preciso e detalhado de fatores condicionantes, encaixamentos e avaliações das variantes, você pôde decisivamente apreciar os dois caminhos distintos trilhados por elas: ou a estabilidade e a coexistência no sistema, ou a mudança em progresso. (TARALLO, 1985, p.81)

A partir desse viés teórico, acerca da mudança em progresso e da relação entre língua e sociedade apresentamos os fenômenos sociais e históricos que corroboram com a análise da mudança linguística na tradução bíblica de João Ferreira de Almeida. Portanto, no discorrer dessa leitura será possível compreender como se organizava a sintaxe da língua portuguesa e quais as possibilidades de organização na contemporaneidade através do estudo diacrônico.

Os estudos de Weinreich, Labov e Herzog têm destaque no primeiro capítulo que versa sobre as teorias da mudança linguística, pois constituem o ponto de partida para as investigações sobre a dinâmica da mudança. Para os autores a mudança estrutural não afeta a estruturalidade da língua, isto é, a língua continua estruturada enquanto vão ocorrendo as mudanças (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006, p.13). Sendo assim, eles sistematizaram um conjunto de princípios para o estudo da mudança linguística fundado na aceitação radical da língua como um fenômeno caracterizado pela heterogeneidade ordenada, como explica Bagno (2006, p.153).

As obras de Norman Geisler e William Nix (2006), Johan Konings (1992), Katharine Barnwell (2011) e Michael J. Gorman (2017) serviram de base para estruturar e descrever a história e métodos de traduções bíblicas. Outro aspecto relevante tratado no mesmo capítulo foi a ampliação dos conhecimentos acerca do tradutor João Ferreira de Almeida, seu contexto histórico e linguístico, os objetivos da obra e as características da tradução.

O evangelho de Mateus, capítulos V, VI e VII também conhecido como o *Sermão do Monte* foi o recorte bíblico selecionado para os desdobramentos da pesquisa conforme anexo 01 e 02. A obra de John Stott intitulada *A mensagem do Sermão do Monte: Contracultura Cristã*, nos amparou a elucidar sobre a importância do recorte para os cristãos, pois nas palavras do autor “o Sermão do Monte exerce um fascínio sem par. Ele parece encerrar a essência do ensino de Jesus” (STOTT, 2008, p.11).

Para apresentar os aspectos históricos e as características textuais do Sermão do Monte nos valem das obras de Manuel Alexandre Júnior, *Exegese do Novo Testamento* (2016) e Michael J. Gorman, *Introdução à exegese bíblica* (2017). Uma vez que a exegese é entendida como a rigorosa análise histórica, linguística, literária e teológica de um texto bíblico (ALEXANDRE JÚNIOR, 2016, p.35). Nesse ponto da pesquisa também usamos os aportes teóricos clássicos da sociolinguística, nas vozes de José Lemos Monteiro (2000), Fernando Tarallo (1985), Louis-Jean (2002) e Carlos Alberto Faraco (1991).

Ao final da pesquisa, elucidamos sobre a mudança sintática na tradução de João Ferreira de Almeida comparando as traduções do século XVII e XXI. A análise foi balizada nas obras dos autores Ismael de Lima Coutinho (1976), Evanildo Bechara (2009), Maria Helena (2010) de Moura Neves, Weinreich, Labov e Herzong (2006). Por tratar-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, muitas versões das traduções de João Ferreira de Almeida foram consultadas, assim como outras fontes teóricas além das mencionadas, uma vez que a língua é uma fonte inesgotável de estudo, pois como afirma Saussure (2006, p.17), a língua “é um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” E ainda,

Em todas as sociedades, a língua é um instrumento de identidade, de transmissão da cultura e dos valores sociais e culturais, mas também é “arma de luta” contra desigualdades sociais, é expressão de sentimentos, de oportunidades em todos os níveis: social, econômico, político e cultural. É importante referir que é com a língua que as pessoas criam laços de irmandade ou mesmo de conflitos, que se discutem os vários assuntos inerentes à vida em sociedade; enfim, sem a linguagem a comunicação, o contato entre as pessoas seria difícil. (TIMBANE, 2013, p. 23)

E, usando a língua que se tornou possível escrever e ao longo do tempo reunir e organizar os livros que compõem a Bíblia Sagrada. Logo, ao final dessa leitura apresentaremos o contexto histórico da tradução do evangelho de Mateus capítulo V, VI e VII por João Ferreira de Almeida, as marcas deixadas pelo texto original grego nessa tradução, e a análise dos elementos linguísticos que confirmam as mudanças sintáticas da língua portuguesa ao longo do tempo nas referidas traduções.

Ao discutir sobre a sintaxe da língua portuguesa pelo viés da sociolinguística, essa pesquisa valoriza os métodos da investigação e análise e coloca o leitor a par de investigações e descobertas recentes dessa linha de pesquisa. Além de aprofundar os conhecimentos acerca da mudança linguística na sintaxe do livro mais conhecido e lido no mundo: a Bíblia Sagrada, em especial no Sermão do Monte (Mateus 5 – 7), como afirma Gorman (2017, p.25), a Bíblia é o *best-seller* de todos os tempos, um livro lido, interpretado e citado por milhões de pessoas, de inúmeras maneiras.

A seguir, apresentaremos uma discussão sobre mudanças linguísticas, que servirão para a nossa análise sobre a mudança sintática na comparação entre as revisões da tradução bíblica feita por João Ferreira de Almeida.

2. MUDANÇA LINGUÍSTICA

A linguagem é uma capacidade exclusiva do ser humano por meio da qual os homens estabelecem a comunicação uns com os outros, por intermédio da língua e signos comuns entre os membros daquele grupo social. Sob o mesmo ponto de vista Bechara elucida:

Entende-se por linguagem qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência, indo além da simples representação tipográfica. A linguagem se realiza historicamente mediante sistemas de isoglossas comprovados numa comunidade de falantes, conhecidos como o nome de *línguas*. (BECHARA, 2009, p. 28)

A capacidade de comunicação por meio da linguagem diferencia o homem do animal, ademais, Fachin e Minuzzi (2012), escrevem que a linguagem é um fenômeno humano e, por conseguinte, está intrinsecamente relacionada com práticas sociais. Ainda que se fale popularmente em linguagem animal, tal modelo tem o objetivo de busca por alimento, por proteção e reprodução. É impossível que uma determinada decisão tomada em grupo de animais seja transmitida para outro agrupamento distante, como é perfeitamente admissível entre seres humanos, sendo possível até identificar os locutores envolvidos em uma comunicação, ou seja, saber se é homem, mulher, criança, jovem, idoso e até o grau de formação do falante.

A língua pode ser entendida como o sistema de signos comuns a uma comunidade. Para Fachin e Minuzzi (2012), a língua teve sua origem por meio da linguagem. Ela é um tipo de linguagem, uma modalidade expressa por intermédio de palavras, utilizada por um grupo de indivíduos que formam uma comunidade. Do mesmo modo pode-se dizer que cada comunidade possui seu mecanismo de comunicação, como os brasileiros utilizam o português. Todavia, o português é constituído de várias divisões que se manifestam de forma diferente, de acordo com a região que o falante está envolvido, o que se chama de dialeto e estas variedades apresentam características ora semelhantes ora dessemelhantes, mas que ao mesmo tempo não perdem sua identificação com a língua, não impedindo a comunicação.

Ao longo da história da humanidade, o ser humano criou e desenvolveu uma série de códigos e assim passou a registrar a língua, com o decorrer deste processo surge a necessidade de estabelecer normas para o uso desses códigos. De acordo com Junqueira (2003), os analogistas privilegiaram as regularidades linguísticas, adotando uma atitude normativa (preocupação em como a língua dever ser); os anomalistas reconheciam a existência de irregularidades e enfatizavam o uso efetivo da língua (preocupação em como a língua é). Na

contemporaneidade é fácil compreender que a língua é instável e sofre variações, mas nem sempre foi assim. Para Bechara:

Por motivações de ordem cultural e para conter, na medida do possível e do razoável, a força diferenciadora, centrífuga, que caracteriza o perpétuo devenir das línguas, pode-se desenvolver dentro da língua comum um tipo de outra língua comum, mais disciplinada, normatizada idealmente, mediante a eleição de usos fonético-fonológicos, gramaticais e léxicos como padrões exemplares a toda a comunidade e a toda nação, a serem praticados em determinadas situações sociais, culturais e administrativas do intercâmbio superior. É a modalidade a que Coseriu chama língua exemplar, mais relativamente uniforme do que a língua comum, porque está normatizada intencionalmente [ECs.8, 164-165]. (BECHARA, 2009, p. 51)

Ademais a língua passa a ter uma organização para estudo e compreensão do seu funcionamento. Para Roma (1997), enquanto as disciplinas que estudam a língua se aplicam ao exame da estrutura do significante e à descrição da estrutura do significado, a linguística se aplica à interpretação do significante e do significado da língua como expressão do sentido, ou seja, da língua como objeto de estudo a ser analisada. Logo, desde seu início enquanto ciência, a Linguística afirma que a língua é viva, assim passa por transformações e mudanças constantes, mas mesmo antes dela, estudos anteriores já falavam sobre tais modificações.

Ao longo do capítulo discutiremos sobre a Mudança Linguística e a distinguiremos de Variação Linguística e da Atualização Ortográfica. Assim como a língua passou e continua passando por mudanças, os métodos e teorias utilizados para o desenvolvimento de pesquisas sobre as mudanças linguísticas também passaram por transformações e o nosso primeiro passo é compreender a Mudança Linguística.

Faraco (1991) expõe que até o ano de 1960 os estudos da linguística histórica foram hegemônicos. Todavia a partir dos primeiros anos da década a introdução da disciplina de linguística nos currículos de Letras das universidades brasileiras deu início a um processo de abertura de novos caminhos para os estudos linguísticos no Brasil. Porém, nos últimos anos da mesma década houve uma retomada dos estudos da linguística histórica.

Nos últimos anos, porém, questões de linguística histórica parecem estar voltado a interessar estudiosos brasileiros. Pode-se citar, nesse sentido, trabalhos de Fernando Taralho, Rosa Virgínia Mattos e Silva e Marcos Antônio de Oliveira entre outros, Talvez esteja aí a retomada do fio tão drasticamente rompido na década de 60. Uma tal retomada será sem dúvida, muito salutar. De um lado, porque os trabalhos mencionados não apenas reatam o fio, mas o fazem trazendo para nosso contexto acadêmico abordagens, por assim dizer, renovadas da questão histórica; e, do outro lado, porque voltamos a olhar a linguagem como uma realidade histórica e, portanto, vinculada intimamente à vida social e cultural dos falantes. (FARACO, 1991, p. 6)

Similarmente a obra de Weinreich, Labov e Herzog intitulada *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* publicada em 1968 em inglês [a edição brasileira é de 2006] apresenta reflexões sobre os estudos em linguística histórica para a contemporaneidade. Assim como obra posterior de Louis-Jean Calvet (1945, publicada no Brasil no início dos anos 2000), *Sociolinguística: uma introdução crítica*, discorre sobre o fato de as línguas mudarem todos os dias e evoluírem. A essa mudança diacrônica se acrescenta uma outra, a sincrônica: pode-se perceber numa língua, continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado, ou seja, as mudanças através do tempo por causa das variações presentes na língua.

Sob o mesmo ponto de vista, Monteiro (2000) expõe que é necessário admitir que os fenômenos de mudança, decorrentes da variação, podem ser objeto de estudo e observação, contrariamente ao que pensavam outros linguistas. Ou seja, a Mudança Linguística parece acompanhar de perto a evolução da própria sociedade. Em uma sociedade moderna, mudanças sociais ocorrem a todo instante devido aos avanços tecnológicos de informação e comunicação, provocando mudanças primeiramente na língua fala e que com o passar do tempo influenciam na língua escrita. Como nenhuma sociedade se mantém estanque, e a língua também é reflexo da sociedade, ela passará por transformações. Isso acontece com todas as línguas desde que elas surgiram.

2.1. Mudança linguística, variação e atualização ortográfica

Nessa seção vamos discorrer sobre o que é *mudança linguística* e diferenciá-la de *variação* e *atualização ortográfica*, porém, como foi dito anteriormente, a língua é viva e está em um ciclo constante de mudança e tais mudanças podem ser de natureza diversa, como por exemplo fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, lexicais e pragmáticas e essas mudanças são resultados de diversos fatores políticos, históricos, sociais, geográficos, dentre outros.

De acordo com Faraco (1991), “os falantes normalmente não têm consciência de que sua língua está mudando. Parece que, como falantes, construímos uma imagem da nossa língua que repousa antes na sensação de permanência do que na sensação de mudança.” Ao observar um recorte longo de tempo é possível perceber a existência da mudança linguística. Porém não é possível pontuar o momento exato em que essa mudança linguística ocorreu, pois na maioria

dos casos a forma antiga concorre com a forma nova até chegar ao ponto que a forma antiga deixe de ser usada e passe a dar lugar a outra forma.

Os estudos sobre as linguagens podem explorar tanto a língua oral como a escrita, porém desde os primórdios da humanidade todos os povos falavam, mas poucos tiveram a oportunidade de escrever suas línguas.

A escrita teve origem num passado relativamente recente, se o compararmos com os muitos milhares de anos pelos quais se estende o progresso intelectual da humanidade. Esta não se utilizou qualquer “sistema completo” de escrita antes dos meados do século IV a. C. Porém, foram encontradas pinturas nas cavernas e gravações em pequenos objetos que datam do Paleolítico superior (20.000 anos ou mais a. C.), assim como círculos e outros símbolos, variados e distintos. Contudo, não são nem formas absolutas de escrita (isto é, vigente e sistemática) nem é possível relacioná-las de modo algum com os primitivos sistemas hoje conhecidos. (QUEIROZ, 2005, p.15)

A escrita é relativamente recente na humanidade. Ela tem cerca de cinco mil anos. Com a criação de imprensa, ela pode ser difundida de forma ainda mais rápida. Com o advento das tecnologias virtuais, a escrita tornou-se ainda mais popular no mundo. Esse é um fato que aconteceu no passado e perdura até os dias hoje pelo fato de que todos têm a capacidade falar, mas alguns têm a capacidade escrever.

Farias (2016) afirma que fora o português há aproximadamente 180 outras línguas no Brasil. De acordo com o site *Observado*, estima-se que existam entre seis e sete mil línguas vivas no mundo, faladas pelos seus 7,2 bilhões de habitantes, todavia a maior parte dessas línguas não possui um registro oficial, logo com o passar do tempo tendem simplesmente a desaparecer. Deve-se esclarecer que a mudança linguística na escrita pressupõe uma variação na oralidade, a qual influencia no decorrer do tempo a língua escrita, então não há um grau de importância maior ou menor entre a língua falada e a escrita.

Considerando o fato de que nem tudo que está no campo da oralidade está na escrita e vice-versa, é possível afirmar que a escrita é a representação da língua e não a representação da fala, assim como a fala é a representação da língua, pois se tratam de duas práticas discursivas diferentes, porém se influenciam mutuamente. Faraco (1991) corrobora com esta afirmativa ao afirmar:

Outra fonte possível de detecção de eventuais mudanças em progresso é o contraste entre a língua escrita e a língua falada. Isso porque a língua escrita é normalmente mais conservadora que a língua falada e o contraste entre as duas pode nos levar a perceber fenômenos inovadores em expansão na fala e que não entraram na escrita. (FARACO, 1991, p. 14)

Caberia dizer que nem toda mudança influenciaria em uma variação, nas palavras de Tarallo (1985), nem tudo que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação. Sendo assim usaremos a língua escrita, porque mesmo sendo mais conservadora nos permite exemplificar e explicar a mudança e a variação, pois há certas construções permitidas no campo da oralidade, no entanto inadmissíveis na escrita como podemos observar no nesse exemplo de Faraco:

[...] no português do Brasil, as orações relativas iniciadas por preposição: *O livro de que mais gostei foi Sempre viva*. Elas estão em franco processo de desaparecimento no vernáculo, isso é, na língua falada em situações espontâneas de interação, nas quais se diz perfeitamente: *O livro que mais gostei foi Sempre viva*. Apesar disso, elas se mantêm fortes na língua escrita. (FARACO, 1991, p. 14)

Isso acontece, porque língua escrita é rígida e essa rigidez se deve ao valor normativo da língua. Cunha e Cintra (2016) explicam o esse fato:

A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, como o que se torna uma ponderável força contrária à variação. (CUNHA e CINTRA, 2016, p. 4)

O que explica a não aceitação de algumas construções na língua escrita com o exemplo, de Faraco das *orações relativas iniciadas por preposição*, Chagas (2003) afirma que embora seja algo conhecido que as línguas mudam, tanto em sua forma falada quanto em sua forma escrita, a língua escrita é sempre mais conservadora do que a língua falada. No entanto apesar da rigidez é possível também mudanças linguísticas na língua escrita como elucidados por Chagas.

Há algum tempo vêm ocorrendo alterações no sistema dos pronomes pessoais, com formas como *tu, nós* e *vós* enfrentando a concorrência de formas como *você, a gente* e *vocês*, respectivamente. Dessas três formas, *vós* é a que já foi praticamente eliminada da língua falada, tanto no Brasil como em Portugal. Já o pronome *tu* foi perdido em muitas regiões do Brasil no caso reto, mas preserva ainda bem vivos a forma *te* e o pronome *teu*. O pronome *nós* enfrenta a forte concorrência da expressão *a gente*, embora se conserve sem ser ameaçado em certos contextos. (CHAGAS, 2003, p. 147)

Os exemplos de Faraco e Chagas confirmam o que fora observado por Calvet (2002), “as línguas mudam; elas mudam sob o efeito de suas estruturas internas, de contato com outras

línguas e atitudes linguísticas.” O que leva a afirmar que mesmo a língua escrita sendo tão rígida e conservadora é passível de mudanças.

Nesse mesmo sentido, Weinreich, Labov e Herzog (2006) apresentam três refinamentos relevantes sobre as teorias de mudança linguística e esses nos permitiram compreender tais transformações (a) *reclassificação*, (b) *fatores condicionantes* e (c) *causas*. O primeiro refinamento (a) uma *reclassificação* das mudanças observadas segundo novos princípios:

[...] quando se introduziu uma separação entre traços distintivos e redundantes na análise fonológica, todas as mudanças sonoras puderam ser divididas conforme envolvessem ou não traços distintivos. De modo semelhante a distinção entre dialetos prestigiados e desprestigiados suscitou uma nova classificação inovação, dependendo de eles se moverem para cima ou para baixo na “escala” de prestígio. (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006, p. 61)

Os autores afirmam que uma reclassificação das mudanças previamente observadas ou observáveis é de interesse limitado para uma teoria da *mudança linguística* enquanto tal. O segundo refinamento (b) propostas de *fatores condicionantes* novos sobre a mudança:

[...] (b), a hipotecação dos fatores condicionantes sobre a mudança. Assim, uma teoria bruta dos sons da fala não torna possível afirmar muita coisa sobre a configuração fonológica real das línguas, mas à medida que a teoria se torna mais refinada, a generalização possível acerca de como as línguas são construídas se torna cada vez mais rica. Mesmo num espírito completamente indutivo, torna-se possível fazer generalizações estatísticas altamente específicas sobre línguas existentes; torna-se possível, na mesma linha, mostra se uma dada mudança produz um estado de língua que viola as normas estáticas ou, mais significativamente, se conforma a elas. Se as observações de línguas forem, ademais, amarradas numa estrutura teórica mais ampla, pode se atribuir importância ainda maior a séries interconectadas de mudanças, e mais desafiadora e significativa se torna a busca pelas tendências de “otimização” na mudança linguística. (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006, p. 62)

Logo é indiscutível que em uma análise se apresente os novos *fatores condicionantes* de mudança linguística. Sendo assim, é possível termos mais condições favoráveis para o desenvolvimento da pesquisa sociolinguística. O terceiro refinamento pode ser considerado um dos mais relevantes, pois versa sobre as propostas de novas *causas* da mudança como expõem Weinreich, Labov e Herzog (2006).

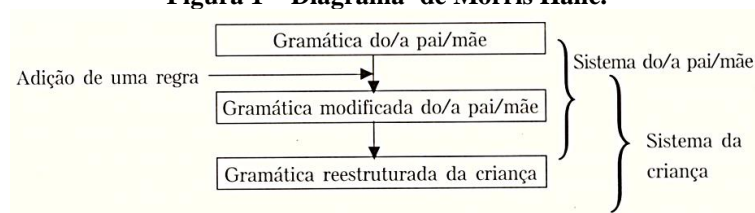
De máxima importância é (c), a proposta de novas causas da mudança, baseada numa teoria dos estudos da língua tão firmemente estabelecida que uma mudança num estado de língua implica necessariamente outra mudança *ex hypothesi*, de modo que o evento A possa ser designado como causa da mudança B. Em sua versão mais forte, uma teoria da mudança identificaria A como *causa suficiente de B*; numa versão mais

fraca, o evento A apareceria pelo menos como a causa *necessária* de B. (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006, p. 62)

Corroborando com Carvalho (1989, p.28), língua move-se ao longo do tempo numa corrente que ela própria constrói em curso. Desta maneira podemos afirmar que o processo de mudança linguística é decorrente de duas versões que concorrem entre si e essa concorrência é um processo contínuo e natural das línguas.

No tópico *Traços distintivos e mudança fonológica* Weinreich, Labov e Herzog (2006) fazem apontamentos aplicando os refinamentos mencionados sobre o esquema de descrição linguística – a “fonologia gerativa” (Halle 1959, 1962) – implica uma redefinição e uma reclassificação das mudanças registradas há muito tempo. O mecanismo de Halle propõe a mudança linguística que pode ser diagramado da seguinte forma:

Figura 1 – Diagrama¹ de Morris Halle.



Pelo viés dos autores, há várias questões levantadas por Halle igualmente construtivas e penetrantes; no entanto, o exame dos fundamentos empíricos do ponto de vista de Halle revela sérios motivos de preocupações.

Vamos agora abordar três aspectos do argumento de Halle que ilustram mais claramente essas limitações: (1) o isolamento da relação individual pai-para-filho da comunidade de fala, e o uso desta relação como um modelo de mudança linguística; (2) o isolamento de desenvolvimentos históricos específicos de seu contexto social; e (3) a aplicação dos traços distintivos a exemplos concretos de mudança no espaço fonológicos. (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006, p. 80)

Na visão de Weinreich, Labov e Herzog (2006), a “mudança é mais regular no produto do que no processo”. E afirmam:

Podemos esperar que a mudança abrupta ou a descontinuidade ocorram no ponto de resolução. É neste ponto que podemos esperar uma súbita reestruturação da gramática: a busca de descontinuidades linguísticas na sucessão dos grupos etários seria, portanto, um primeiro passo necessário para a sugestão de Halle receber firme suporte empírico. (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006, p. 86)

¹ WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006, p. 86 .

Os autores elucidam sobre a importância do refinamento das teorias, pois a teoria é fundamental para compreensão dos fenômenos que envolvem a mudança linguística, pois ao se apropriar da fundamentação teórica irão existir benefícios dos mais variados tipos que explicam tais mudanças, dentro de uma melhor contextualização e maior compreensão das transformações da língua.

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006), a língua é caracterizada por oscilação sincrônica na fala dos indivíduos. Essa afirmação corrobora com Leite e Callou (2004) afirmam que o que há de concreto no cotidiano são as realizações individuais que ocorrem à nossa volta. Caberia dizer um falante pode fazer sucessivas escolhas linguísticas, sejam elas em quaisquer campos da língua, e que tais oscilações sincrônicas são advindas da mudança linguística.

Do ponto de vista de Weinreich, Labov e Herzog (2006), certamente não basta apontar a existência ou a importância da variabilidade: é necessário lidar com os fatos da variabilidade com precisão suficiente para nos permitir incorporá-los em nossas análises da estrutura linguística.

Uma variável linguística tem de ser definida sob condições estritas para que seja parte da estrutura linguística; de outro modo, se estará simplesmente escancarando a porta para regras em que “frequentemente”, “ocasionalmente” ou “às vezes” se aplicaram. A evidência quantitativa para a *co-variação* entre a variável em questão e algum outro elemento linguístico ou extralinguístico oferece uma condição necessária para admitir tal unidade estrutural. A *co-variação* pode ser oposta à *co-ocorrência estrita*, ou *co-ocorrência* pode ser concebida como o caso-limite da *co-variação*. Provas das relações de *co-ocorrência estrita* podem emergir, de fato, de uma investigação quantitativa do tipo que oferece provas de *co-variação*. (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006, p. 107)

Para os autores todas as regras podem ser consideradas como sendo da seguinte forma:

Figura 2 – Forma² de Weinreich, Labov e Herzog.

$$(1) A \rightarrow g [B] / X \left[\begin{array}{c} \bar{Z} \\ \bar{Z} \end{array} \right] Y$$

$$(2) g [B] = f (C,D,E...)$$

Weinreich, Labov e Herzog (2006) usam a forma para apresentar a variabilidade da pronúncia do r na cidade de Nova York, “onde B é um ou mais traços de A, e C, D e E são variáveis linguísticas ou extralinguísticas. A expressão g[B] é a *variável linguísticas* definida pela regra, normalmente notada (B). Vejamos a aplicação na imagem:

² WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006, p. 107.

Figura 3 – Aplicação da forma³ de Weinreich, Labov e Herzog.

$$(3) /r/ \rightarrow g[r] / - \left\{ \begin{array}{l} K \\ \# \end{array} \right\}$$

$$(4) g[r] = f(\text{estilo, classe, idade})$$

Em (3), a categoria notada /r/ é reescrita como a variável (r) em posição final e pré-consonantal, equivalente à frequência da consoante suprimida [r], uma função de estilo, classe e faixa etária do falante. (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006, p. 108)

Ao final do capítulo *A língua como um sistema diferenciando* Weinreich, Labov e Herzog apresentam aos pesquisadores alguns princípios gerais para o estudo da mudança linguística:

1. A mudança linguística não deve ser identificada como deriva aleatória procedente da variação inerente da fala. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada.
2. A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas.
3. Nem toda a variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.
4. A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a covariação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico.
5. As gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala. Como as estruturas variáveis contidas na língua são determinadas por funções sociais, os idioletos não oferecem a base para gramáticas autônomas ou internamente consistentes.
6. A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confiada a etapas discretas dentro da família. Quaisquer descontinuidades encontradas na mudança linguística são os produtos de descontinuidades específicas dentro da comunidade, mais do que produtos inevitáveis do lapso geracional entre pais e filhos.
7. Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicação confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico. (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006, p. 125-126)

Do mesmo modo Maria Tereza Camargo Bidermam (2001) afirma que sendo a língua um patrimônio social, preexistente aos indivíduos, classifica-se como uma realidade heterogênea, sujeita aos outros fatores que compõem a herança social, como a cultura e a estrutura da sociedade por exemplo. A sociedade por ser social e historicamente constituída

³ WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006, p. 108.

pelo homem necessita de linguagens variáveis para dialogar e interagir com os mais diversos meios, nesse sentido os fundamentos empíricos de Weinreich, Labov e Herzog são coerentes, porque é necessário entender as mudanças da sociedade e assim compreendermos as mudanças linguísticas da sociedade.

Segundo Fernando Tarallo (1985), não há loteria sem apostadores, futebol, sem adversários, guerra, sem soldados, nem tampouco “caos” linguístico sem variantes. Para os gramáticos Cunha e Cintra (2016, p.3), a sociolinguística, ramo da linguística que estuda a língua como fenômeno social e cultural, veio mostrar que essas inter-relações são muito complexas e podem assumir diferentes formas.

Para Monteiro (2000), faz-se necessário dedicar uma atenção maior ao conceito de variação linguística e percebê-la como requisito ou condição do próprio sistema linguístico. A língua é um elemento da identidade humana, sendo assim é preciso compreender a variação linguística e não a ver com um erro, pois ridicularizar a língua é o mesmo que atacar essa identidade.

Os estudos de Labov apresentados por José Lemos Monteiro em seu livro *Para compreender Labov* elucidará os conceitos de variação linguística. Como afirma Gadet (1992), o modelo laboviano permitiu compreender que as estruturas variantes, muito mais do que as invariantes, relevam padrões de regularidade que, de tão sistemáticos, não podem ser devidos ao acaso.

Monteiro (2000) afirma que a variação é inerente ao sistema. Em Hudson (1984) vamos encontrar o seguinte esclarecimento “não há sequer dois falantes que tenham a mesma linguagem, porque é impossível haver duas pessoas que tenham a mesma experiência linguística”. Todavia é importante esclarecer que as variações linguísticas não permeiam todas as construções de língua, como exemplifica Monteiro (2000), “em romeno o artigo se põe ao nome. Em português, porém, como em inúmeras outras línguas, o artigo sempre antecede o nome e qualquer alteração nessa ordem redundaria numa construção agramatical”, nesse mesmo sentido o autor afirma:

Todo sistema linguístico é dotado, pois, de um conjunto de regras que não podem ser infringidas, sob pena de dificultar ou mesmo inviabilizar a compreensão dos enunciados. A esse conjunto de leis internas se costuma dar o nome de *invariante*. (MONTEIRO, 2000, p. 58)

Além das regras *invariantes* ou *categóricas*, Monteiro apresenta as regras *variáveis*:

Aplicam-se sempre quando duas ou mais formas estão em concorrência num mesmo contexto e a escolha de uma depende de uma série de fatores, tanto de ordem interna ou estrutural como de ordem externa ou social. (MONTEIRO, 2000, p. 58)

De acordo com Labov (1972), há uma outra distinção: as regras variáveis têm uma função comunicativa (estilística, expressiva ou enfatizadora), ao passo que as regras invariantes não têm essa função, servindo apenas para facilitar a expressão das seleções já realizadas. Dessa maneira, não é papel da sociolinguística recusar o papel da norma culta, logo a prescrição dos gramáticos não pode desconectar da língua usada no dia a dia. Do mesmo modo os gramáticos Cunha e Cintra não veem a variação como prejuízo às normas da língua.

Condicionada de forma consistente dentro de cada grupo social e parte integrante da competência linguística dos seus membros, a variação é, pois, inerente ao sistema de língua e ocorre em todos os níveis: fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintático, etc. E essa multiplicidade de realizações do sistema em nada prejudica as suas condições funcionais. (CUNHA & CINTRA, 2016, p. 3)

Outrossim, Monteiro (2000), afirma que “duas ou mais formas distintas de se transmitir um conteúdo informativo constituem, pois, uma *variável linguística*”. Labov (1972) argumenta que para definir-se uma variável linguística é necessário: a) definir o número exato de variantes; b) estabelecer toda a multiplicidade de contextos em que ela aparece; c) elaborar um índice quantitativo que permita medir os valores das variáveis. Similarmente podemos observar no recorte abaixo de Leite e Callou sobre os estudos das vogais pretônicas.

Nos estudos sobre o português, as vogais pretônicas têm sido consideradas um fator de diferenciação não só entre os falares brasileiros, mas também entre o português do Brasil e o de Portugal. Para o português do Brasil, as vogais pretônicas, grafadas e e o, estabelecem a linha divisória entre os falares do Norte, que em geral optam pela realização aberta, e os falares do Sul que geralmente optam pela realização fechada. Para a determinação dos limites relativos a essas vogais, compararam-se dados de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e São Paulo, obtendo-se os seguintes percentuais no que se refere às pretônicas médias abertas [ɛ] e [ɔ]: 60% em Salvador, 47% em Recife, 5% no Rio de Janeiro, 0% em São Paulo e 0% em Porto Alegre. A comparação entre os percentuais de cada cidade mostra que em Porto Alegre e São Paulo não há ocorrência de vogais médias abertas, no Rio de Janeiro o percentual é insignificante e em Salvador e Recife há uma predominância das vogais abertas. (LEITE & CALLOU, 2004, p. 40-41)

As autoras apresentaram em sua pesquisa os pontos *a*, *b* e *c* estabelecidos por Labov. O que corrobora com Monteiro (2000), “os sociolinguistas em geral entendem que, para estabelecer-se o conceito de variável linguística, é necessário que as duas ou mais variantes tenham o mesmo significado referencial ou denotativo.”

Pelo mesmo viés Monteiro (2000), conceitua as *variantes livres e combinatórias*. Conforme Dubois et. al (1993).

[...] se duas unidades linguísticas figuram no mesmo ambiente e podem ser substituídas uma pela outra, sem que haja uma diferença no sentido referencial da palavra ou da frase, então as duas unidades estão em variação livre; se por outro lado, elas não se apresentam nunca no mesmo ambiente, diz-se que estão em distribuição complementar e são variantes combinatórias ou contextuais. (DUBOIS, 1993, p.653)

Para exemplificar o conceito de Dubois, Monteiro (2000), apresenta o fonema /t/, ocorrendo antes da vogal /i/ (cf. *tia, tigela, tive* etc.), se realiza na maioria das cidades brasileiras como uma consoante africada, o que porém, não ocorre em outros ambientes (cf. *tala, tela, tola, turma* etc.). Para o autor, pode-se, pois, dizer que seus alofones se encontram em distribuição complementar e constituem variantes combinatórias de um único fonema.

Mais um braço da variação são as *variantes de prestígio* e *variantes estigmatizadas*, as quais podemos definir com *status* considerado superior as variantes de prestígio, pois são utilizadas pela elite da sociedade por ter mais acesso aos padrões de normatização da língua, já as variantes estigmatizadas carregam um *status* considerado inferior, por serem utilizadas pelas classes menos favorecidas da sociedade. Semelhantemente Monteiro (2000), um dos preconceitos mais fortes numa sociedade de classes é o que se instaura nos usos da linguagem.

Já as *variantes inovadoras* e *conservadoras* estão intrinsecamente relacionadas com a *mudança linguística* que já foi discutida. Como afirma Monteiro:

É natural que havendo duas ou mais formas de se transmitir uma dada informação, se configure um processo de mudança linguística. Há então uma espécie de conflito em que a forma mais antiga, denominada de *conservadora*, pode terminar sendo substituída pela mais recente ou *inovadora*. Em geral, quando se trata de do dialeto padrão, a primeira é a que goza de maior prestígio na comunidade, e a inovadora, até ser aceita, sobre alguma restrição ou estigma. (MONTEIRO, 2000, p. 65)

Monteiro dá continuidade aos estudos sobre variação linguística utilizando os pressupostos de Labov (1972), que define os *estereótipos, indicadores* e *marcadores*.

[...] os estereótipos funcionam (*stereotypes*) como formas linguísticas socialmente marcadas, etiquetadas de maneira ostensiva pela sociedade. Os indicadores (*indicators*) constituem traços linguísticos que apresentam uma distribuição regular nos grupos socioeconômicos, éticos ou etários, mas são utilizados pelo indivíduo mais ou menos da mesma maneira em todos os contextos. Os marcadores (*markers*) por sua vez, são variantes que apresentam não só uma distribuição social mas também uma diferenciação estilística. (LABOV, 1972)

Nas palavras de Monteiro (2000), é oportuno não perder de vista que as atitudes ou crenças face aos fenômenos linguísticos dependem muito do grau de coesão dos grupos sociais. Outrossim, para Bortoni-Ricardo (2009, p.25) “sempre haverá variação de linguagem nos domínios sociais”.

Já as *variáveis externas* são resultado das pressões de ordem externa ao sistema, como afirma Monteiro (2000), os fatores externos mais discutidos são o estilo de fala, o sexo, a idade, a escolaridade, a profissão, a classe social, a região ou zona de residência e a origem do falante. Para explicá-los Monteiro faz alusão a alguns autores. Sobre *os estilos de fala* Chaika (1982) observa:

[...] o estilo de fala representa um sistema de comunicação controlador da interação social, indicando assim como os falantes devem produzir ou interpretar uma mensagem. Além de indicações acerca da formalidade ou informalidade, intimidade ou distanciamento da relação entre os interlocutores, o estilo engloba também usos ritualizados da linguagem, como as formas de saudação (*greetings*), de tratamento (*address*), entre outras. (CHAIKA, 1982)

Pelo mesmo viés Monteiro faz menção ao modelo de pesquisa estabelecido por Labov (1972), que distingue o estilo *casual, cuidado, de leitura, de lista de palavras, de pares mínimos*. Monteiro (2000) segue sua explanação com *a variável de sexo*, para o autor “é ponto pacífico que as mulheres e os homens não falam da mesma maneira.”

Além das diferenças no ritmo e tom de voz, há preferência por certas estruturas sintáticas, pelo emprego de determinados vocábulos ou fórmulas de cortesia, bem como pela omissão de outros em função das conotações que possam apresentar. Há inclusive certas crenças populares de que as mulheres falam mais do que os homens ou que falam mais rápido. (MONTEIRO, 2000, p. 71)

Do mesmo modo Monteiro corrobora com Leite e Callou (2004), “os gêneros masculinos e feminino são categorias procedentes de uma construção histórica, cultural e social e, na sociolinguística, a diferença entre a fala de homens e mulheres é objeto de permanente discussão.” Sendo assim Monteiro (2000) finaliza essa discussão afirmando que, “a diferença sexual aparece, pois, antes de tudo como um fato de ordem sociocultural que se reflete na língua enquanto sistema semiótico entre outros”.

No penúltimo tópico o autor José Lemos Monteiro discute sobre *a classe social*, sendo essa também um dos pontos das variáveis externas. Para o autor (2000), “ninguém duvida de que a classe social a que pertence o indivíduo exerce fortes influências em seu modo de falar”. Do mesmo modo, Chambers (1995) julga que classe social é o aspecto mais marcado

linguisticamente nas nações intensamente industrializadas e a estratificação social pode ser observada com base em indicadores ocupacionais, educacionais e econômicos.

Monteiro conclui seus pressupostos sobre *a variação linguística*, com o item *o grupo ético*, no qual cita Labov (1972) pois, os estudos labovianos demonstram a importância do fato ético, tomando como exemplo a evolução do sistema vocálico em Nova Iorque, que nesse processo de identidade étnica desempenha um papel tão relevante que chega a ser, no caso de alguns itens, até mais decisivos do que a classe socioeconômica. Porém, esse fator linguístico não pode ser notado em todas as cidades como afirma Monteiro:

É evidente, porém, que em muitas localidades brasileiras não se pode detectar nenhuma influência da etnia na variação linguística. Esse fator deve atuar de algum modo em cidades como São Paulo, onde há imigrantes de várias partes do mundo. Mas numa cidade como Fortaleza, pelo menos no estágio atual, o fator racial talvez nem deva ser levado em conta nos estudos de variação. (MONTEIRO, 2000, p. 77)

Vemos então que a *variação linguística* é decorrente de múltiplos comportamentos da sociedade e está naturalmente correlacionada com a *mudança linguística*, que por sua vez nos permite abrir uma discussão sobre as mudanças ocorridas na grafia das palavras em decorrência do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*, criado em 1990, o qual entrou em vigor em 1º de janeiro de 2009.

É sabido que o Português é a sexta língua mais falada no mundo, ficando atrás apenas do mandarim, espanhol, inglês, hindu e árabe, porém de acordo com Almeida e Arruda (2009), a existência de duas grafias (a brasileira e a lusitana) dificultava que fosse reconhecido como idioma diplomático pela Organização das Nações Unidas – ONU.

Houve muitas discussões acerca do acordo, no entanto de acordo com a professora-doutora Marília Ferreira, presidente da Associação Brasileira de Linguística citada por Bechara (2016), “a ortografia não existe para representar a fala, mas é uma representação abstrata e convencional da língua.” Cabe dizer que a grafia das palavras não é capaz de acompanhar a diversidade da fala, do mesmo modo Almeida e Arruda (2016), “as mudanças não afetarão as pronúncias praticadas pelos mais de 247 milhões de pessoas que falam o português. Elas trouxeram modificações apenas em sua forma de grafar e, com o tempo, serão completamente absorvidas”.

Neves (2010) elucida as metas de simplificação e unificação nas diversas fixações ortográficas que se sucederam e para isso usa metaortografia e historiografia linguística. A autora considerou que “todos ouviram acerbos vozes, especialmente de Portugal, que gritaram

contra o que consideraram uma violência: o povo de uma nação ter de abrir mão de determinados hábitos ortográficos para igualar sua escrita com a de outra nação.”

Mas ao longo dessa discussão sobre o *Acordo*, alguns estudiosos da Língua Portuguesa se posicionaram a favor como Evanildo Bechara e Sílvio Elia que defenderam a proposta. Porém, assim como Portugal no início do processo, um grupo de professores se manifestou contra o a reforma ortográfica, pois toda reforma gera desconforto e desorganização.

Dessa forma, Neves apresenta o caminho da ortografia ao longo da história da Língua Portuguesa:

Faço primeiro uma apresentação bem geral da macrodivisão canônica da história da ortografia portuguesa, porque nela se vão mostrar duas categorias que serão fundamentais para as considerações que se seguirão, ambas envolvidas nos procedimentos de unificação e simplificação, que invoquei como centrais em nosso tema. Nos manuais em geral se encontra a seguinte divisão em períodos da história da ortografia portuguesa:

- 1º período fonético: até ao século XVI;
 - 2º período pseudoetimológico: do século XVI ao início do século XX;
 - 3º período histórico-científico (simplificado): do início do século XX à atualidade.
- (NEVES, 2010, p. 93)

O primeiro período e marco pela busca da representação da fala através da escrita como explica a autora.

É fácil entender que, na história de qualquer dos sistemas alfabéticos, existe um primeiro período de simples representação direta dos sons pelos sinais gráficos da escrita: toda incursão pela história da escrita desses sistemas na humanidade nos mostrará a tendência de um percurso em que a possibilidade de estabelecimento de um sistema (orto)gráfico se marca inicialmente por esse tipo de relação direta entre som e letra. Aliás, é também por aí que uma criança passa a ter consciência do que significa entrar no universo da representação de linguagem falada em linguagem escrita. (NEVES, 2010, p. 94)

A autora prossegue:

A criança, na história de sua aquisição da escrita - assim como o homem, na sua história -, está pronta para mover-se em um sistema gráfico linguístico **se e quando** vence a hipótese de representação pictográfica (de representação direta da coisa pela sua imagem), e depois a de representação silábica, para chegar à fase de compreensão da representação alfabética, que é esta: os grafemas relacionam-se com os sons em que a linguagem oral se manifesta. A primeira realização de tal relação é o que se chama escrita **fonética**. Isso não significa, porém, que por aí se chegará a regramento capaz de dar conta das representações de um modo sistemático e funcional. Pelo contrário, a multiplicação ao infinito das possibilidades de emissão vocal nunca encontrará uma correspondência em grafemas que possam organizar-se em um mínimo de sistematicidade, funcionalidade e economia. Um sistema absolutamente fonético é impraticável. (NEVES, 2010, p. 94)

Porém, o segundo período da história da ortografia Neves (2010), afirma que a “base de sustentação de um sistema gráfico que promovesse cerceamento de tal multiplicidade tinha de valer-se da legitimação fornecida pela etimologia, fato significativamente presente na constituição histórica dos diversos idiomas.” Já o 3º período (atual), defendido por Gonçalves Viana que busca a unificação e simplificação. Para os defensores o objetivo principal do *Acordo*, é buscar dirimir os prejuízos da dupla grafia do português da diplomacia mundial. Assim como defende Neves (2010), de fato estávamos com uma situação aberrante de duas ortografias oficiais para o mesmo idioma. A autora explica que:

A recusa de tal invocação assenta-se fortemente no fato de que estamos a falar apenas de fixação ortográfica, e, portanto, de representação gráfica de sons da língua, fixação que vai do som em função para o sinal gráfico, nunca do sinal para o som em função. Ou seja, nem mesmo para os sons da língua tal como emitidos (o fonético) se há de entender que haverá algum comando que os altere, a partir do estabelecimento de normas de grafia. (NEVES, 2010, p. 96-97)

Na visão de Neves (2010), simplificar não é fixar formas de pronúncia, não é anular ou questionar diferenças, mas é tratá-las de modo sistemático e com princípios fixados. Viana (1994), citado por Neves:

É preciso que a ortografia nacional não contrarie nem disfarce a evolução real do idioma pátrio, nem as suas diferenças e diferenciações dialectais, até onde se coadunem com escrita comum. (VIANA, 1904 apud NEVES, 2010, p. 100)

O que corrobora com o fato de que os acordos ortográficos são resultados do processo de natural de transformação da língua e necessários para a atualização da língua, porquanto é possível unificar a língua escrita e não a falada. E diferente do que se pensa, os acordos buscam a conservação da Língua Portuguesa, pois imaginemos que cada país instituisse sua própria atualização, a língua escrita se perderia com o passar do tempo.

O português é o idioma oficial de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, mas cada um desses países apresenta uma fonética diferente e suas maneiras diferentes de falar, se não houver uma regulamentação da escrita haverá uma língua diferente para cada país e não o *português* como ocorre em outras línguas como espanhol, inglês, francês e alemão.

2.2. Como ocorre uma mudança linguística

Para se compreender como ocorre uma mudança linguística faz-se necessário o apoio dos pressupostos teóricos labovianos apresentados nas palavras Monteiro (2008), Weinreich, Labov, Herzo (1968) e Chagas (2003).

Segundo Chagas (2003), dentro de uma perspectiva variacionista se tem como certo que toda mudança pressupõe variação, ou seja, para que a mudança ocorra a língua tem necessariamente de passar por um período em que há variação, em que coexistem duas ou mais variantes. Outrossim, é necessário admitir que os fenômenos de mudança, decorrentes da variação, podem ser objeto de estudo e observação, contrariamente ao que pensavam outros linguistas (MONTEIRO, 2000).

Sob o mesmo ponto de vista, podemos afirmar que há uma relação inerente entre mudança linguística e variação linguística, logo não possível explicar a mudança sem a variação. Assim como afirmam Paiva e Duarte (2016) nas palavras de Weinreich, Labov e Herzog (1968), a estreita relação entre variação e mudança, abrem o caminho para a compreensão dos estágios intermediários entre dois momentos temporais, permitindo, assim, captar a instalação contínua e gradativa da mudança.

Porém, muitos estudiosos levantaram hipóteses para explicar o fenômeno da mudança linguística. De acordo com Monteiro (2000), “das hipóteses formuladas, umas são fantasiosas e outras bastante sedutoras. Em geral, pode-se dizer que a falta de bases empíricas constitui um obstáculo sério para se aceitá-las.”

Mas, de acordo com o autor algumas dessas hipóteses tiveram maior repercussão, como *A lei do menor esforço* do dinamarquês Jacob Hornemann Bredsdorff, *A influência do Substrato* definida por Viggo Bröndal, *A herança genética* correlacionada com a teoria do substrato, *A influência climática* defendida primeiramente por Pe. Rousselot, *Os condicionamentos culturais* de Antoine Meillet, *A mudança de geração*, *A hipótese funcional*, *A hipótese intralinguística* de Louis Hjelmslev, *A teoria das ondas* de Johannes Schmidt, *A difusão lexical* de Ronald Wardhaugh, *A regularidade da mudança* defendida por Leonard Bloomfield, *A teoria da inovação ativa* desenvolvida por William Labov, *A resistência à mudança* desenvolvida por Anthony Kroch.

Essas hipóteses fazem parte de uma gama de reflexões da linguagem e a relação entre pensamento e linguagem a fim de explicar o fenômeno da mudança linguística ao longo das

histórias das línguas. De acordo com Labov (1972), a tarefa de explicar a mudança linguística parece decompor em outras três:

[...] os estereótipos (*stereotypes*) como formas linguísticas socialmente marcadas, etiquetadas de maneira ostensiva pela sociedade. Os indicadores (*indicators*) constituem traços linguísticos que apresentam uma distribuição regular nos grupos socioeconômicos, éticos ou etários, mas são utilizados pelo indivíduo mais ou menos da mesma maneira em todos os contextos. Os marcadores (*markers*) por sua vez, são variantes que apresentam não só uma distribuição social mas também uma diferenciação estilística. (LABOV, 1972, apud MONTEIRO, 2000, p. 66-67)

Nesse mesmo sentido, Chagas (2003), diz que para se compreender a mudança linguística faz-se necessário distinguir três questões: como a mudança se inicia, como se processa e como se difunde. Para a primeira questão: *Como se origina uma mudança linguística?* Chagas (2003, p. 153) elucida sobre mudanças decorrentes do contato entre línguas “a ação de um ou mais elementos externos à língua e à sociedade em que ela se insere. É o que ocorre quando a língua entra em contato com a outra.” Ainda sobre a primeira questão Chagas (2003, p. 154) afirma que “além de ser desencadeada por contato entre línguas distintas, a mudança pode ser provocada por fatores internos a uma língua e à comunidade em que ela é falada.”

Sobre a segunda questão *Como se processa a mudança linguística?* Chagas (2003, p. 155), afirma que “para responder à segunda pergunta, a de como se processa a mudança linguística, podemos estudar como as mudanças afetam a língua como sistema. Nesse tipo de pesquisa, alguns dos exemplos mais bem estudados de mudança linguística são as mutações fonológicas.”

No latim vulgar, que foi o que deu origem às línguas românicas, havia num primeiro momento, aliada à diferença de quantidade, a diferença de abertura da cavidade oral na pronúncia das vogais. Assim, por exemplo, o som do *i* breve [i] era algo intermediário entre o som do *i* longo [i] e do *e* longo [ɛ]. Na passagem do latim vulgar para as línguas românicas, foi perdida a oposição de quantidade entre as vogais breves e longas. No caso da vogal *a*, foi perdida a distinção, mas no caso das demais vogais, o sistema sofreu uma grande redistribuição em termos de timbre vocálico. (CHAGAS, 2003, p. 155)

E para a última questão *Como a mudança se propaga?* Chagas (2003, p. 155), afirma “é fato conhecido que é bem comum as inovações linguísticas serem recebidas com reprovação”.

Como exemplo, podemos ver a vocalização do [l] em final de sílaba no português do Brasil, ocorrida no século XX. Na gramática de Napoleão Mendes de Almeida

encontramos um incidente que ele narra ocorrido quando de uma visita sua à Bahia. Napoleão comentou com um morador a respeito da vocalização, que seria algo errado, segundo seu ponto de vista normativo, e o morador lhe respondeu que quem falava desse jeito era “boçau”. Apesar de não ter sido vista com bons olhos, essa mudança se implantou praticamente em todo o território nacional. (CHAGAS, 2003, p. 157)

Ademais, sempre que surge uma inovação linguística em uma comunidade de fala, essa passará por uma certa resistência pelos gramáticos e defensores da normatização, sendo que tais inovações podem sofrer maior ou menor resistência, porém, de acordo com Chagas (2003), “a resistência inicial normalmente encontrada pelas inovações linguísticas explica o padrão de propagação verificado em geral nas mudanças linguísticas.” Para o autor a velocidade da mudança seria constante em seu curso.

Pelo mesmo viés, Paiva e Duarte (2006), afirmam que na proposta de WLH, a mudança é entendida como uma consequência inevitável da dinâmica interna das línguas. As mudanças da sociedade influenciam nas mudanças linguística, causando muitas vezes desconforto, pois trata-se de um processo de acrisolamento, no sentido de aprimorar a comunicação.

WLH, ao destacar a estreita relação entre variação e mudança, abrem o caminho para a compreensão dos estágios intermediários entre dois momentos temporais, permitindo, assim, captar a instalação contínua e gradativa da mudança. Velhas e novas formas variantes rivalizam num mesmo momento de tempo e essa alternância pode representar uma transição para um outro estado da língua. Essa transição pode ser percebida principalmente no controle social da variação, na sua distribuição pelos diferentes estratos sociais da população analisada. (PAIVA & DUARTE, 2006, p. 139)

Mas compreender os processos de mudança linguística não é uma tarefa tão simples assim, pois nas palavras de Weinreich, Labov e Herzog (1968) citados por Paiva e Duarte (2006), qualquer teoria da mudança, mesmo a mais modesta, deve responder a algumas questões cruciais que envolvem a instalação de uma nova variante: os fatores condicionantes, a transição, o encaixamento, a implementação e a avaliação.

Paiva e Duarte (2006), acrescentam que “na medida em que identificamos os condicionadores que agem sobre a mudança, adiantamos uma explicação da forma como a mudança vai se expandindo por diferentes contextos textuais”. Faraco (1991, p. 9) ratifica essa ideia ao afirmar que as línguas humanas não constituem realidades estáticas; ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo. Porém, as mudanças linguísticas não estão só em contextos sociais como afirmam. Paiva e Duarte (2006, p.144)

Uma mudança não envolve apenas movimentações estruturais, como as que discutimos até aqui, mas igualmente motivações, ou seja, uma mudança é “mudança no comportamento social”.

Como concorda Faraco (1991), qualquer parte da língua pode mudar, desde aspectos da pronúncia até aspectos de sua organização semântica e pragmática. Logo, as mudanças linguísticas se dão em todos níveis da língua e esse movimento de transformação muitas vezes não é percebido pela comunidade o que torna o campo dos estudos sociolinguísticos mais abastado.

Sendo assim, é possível constatar a estreita relação entre os pressupostos teóricos dos autores citados nesses tópicos, pois tanto Labov como Chagas usaram praticamente o mesmo caminho para explicar as mudanças linguísticas.

2.3. Tipos de mudança linguística

A apresentação dos tipos de mudança linguística foi balizada na obra de Faraco (1991) *Linguística Histórica* que utilizaremos para elucidar sobre as mudanças fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, pragmáticas e lexicais, pois para o autor “a classificação geral das mudanças é feita utilizando-se os diferentes níveis comuns no trabalho de análise linguística.”

Conforme Bechara (2009), chamam-se fonemas os sons elementares e distintivos que o homem produz quando, pela voz, exprime seus pensamentos e emoções. A fonética e fonologia estudam os sons e fonemas de uma língua, mas distinguem-se entre si porque, de acordo com o dicionário Houaiss (2015, p. 463), *fonética* é o estudo dos sons da fala de uma língua, ou seja, como é a produção, propagação e percepção desses sons e *fonologia* é estudo dos fonemas de uma língua, sendo assim o estudo sistemático dos sons.

[...] costuma-se distinguir, em linguística histórica, a mudança fonética – que, em princípio, consiste apenas numa alteração da pronúncia de certos segmentos em determinados ambientes da palavra – da mudança fonológica – que envolve alterações, por exemplo, no número de unidades sonoras distintivas (os chamados fonemas) e, portanto, no sistema de relações entre essas unidades. (FARACO, 1991, p. 21)

As mudanças fonético-fonológicas podem alterar tanto a pronúncia quanto o número de fonemas de uma palavra, como exemplifica Faraco (1991), a substituição de /l/ por /w/ no fim de sílaba no português brasileiro alterou a pronúncia de palavras como alto, multa, soldado.

O outro exemplo de mudança fonética fonológica faz referência ao desaparecimento no português moderno de /ts/ e /ds/, unidade sonoras distintivas no português medieval, alterou o sistema com a redução do número de fonemas.

Segundo Borba (1998, p. 143), a morfologia é o estudo das formas presas procurando determinar como elas estruturam unidades maiores e como aí atuam. Do mesmo modo, Faraco (1991), explicita que a morfologia trata dos princípios que regem a estrutura interna das palavras: seus componentes (chamados de *morfemas*), os processos de derivacionais (as formas de se obter novas palavras) e flexionais (as formas de se marcar, no interior da palavra, as categorias gramaticais como gênero, número, aspecto, voz, tempo, pessoa).

Dentre a gama de estudo sobre as mudanças morfológicas Faraco (1991) cita três. O primeiro estudo versa as palavras autônomas que podem se tornar morfemas derivacionais.

A esse respeito, Câmara Jr. (1979, p. 116) mostra como advérbios do antigo indo-europeu passaram a ser prefixos em latim, depois de se anteporem ao verbo e a ele se aglutinarem. Por esse processo, de *placare* (“acalmar a ira de alguém”) obteve-se, pela anteposição do advérbio *sub* e sua aglutinação ao verbo, *supplicare* (os efeitos sonoros da aglutinação – /b/ ► /p/ e /a/ ► /i/ – decorrem de aspectos fônicos gerais no latim). (FARACO, 1991, p. 22)

Já o segundo sobre os sufixos que podem desaparecer como morfemas distintos passando a integrar a raiz da palavra.

É o caso do sufixo latino *-ulu-*, indicador de grau diminutivo, que perdeu seu caráter sufixal, integrou-se à raiz das palavras, transformando, desse modo, uma palavra originalmente derivada numa palavra simples que veio a substituir a antiga palavra primitiva. Temos, hoje, por exemplo, em português, a palavra *abelha* que não veio do latim *apis*, mas do diminutivo *apicula*. (FARACO, 1991, p. 22)

O último estudo aborda sobre como o sistema flexional pode mudar.

Na passagem do latim para as línguas românicas, por exemplo, desapareceu o sistema de flexão de caso. Em latim, a função sintática da palavra na sentença – sua relação de sujeito ou complemento do verbo – era marcada no interior da palavra por meio de terminações específicas, distribuídas em várias declinações. Assim, um substantivo pertencente à segunda declinação tinha a terminação *-us*, do nominativo, se ocorresse como sujeito (*lupus*); a terminação *-o*, do dativo, se ocorresse como objeto indireto (*lupo*); a terminação *-um*, do acusativo, se ocorresse como objeto direto (*lupum*); e assim por diante. Nas línguas românicas, essas funções são marcadas pela ordem – o sujeito, em geral, antecede o verbo e o objeto direto o segue; ou com preposições – o objeto indireto em português, por exemplo, é acompanhando da preposição *a* ou *para*. Dizia-se em latim, *dare lupo alimentum* e diz-se em português *dar alimento ao lobo*. (FARACO, 1991, p. 22)

Dessa maneira os estudos sobre as mudanças morfológicas tratam sobre as alterações na estrutura, formação e classificação dos vocábulos. Enquanto que as *mudanças sintáticas* tratam dos estudos acerca das transformações na organização das sentenças de uma língua. Segundo Borba (1998, p. 181), a sintaxe trata das *relações* que as unidades contraem no enunciado, e corrobora com Faraco (1991, p. 22) que afirma que, a sintaxe é o estudo da organização das sentenças numa língua e com Bechara (2009, p. 54) que entende que a sintaxe é o estudo das combinações materiais ou funções sintáticas. Todavia o processo de mudança sintática é lento, conforme afirma Calvet (2002, p. 24), o vocabulário muda mais rapidamente que a sintaxe. Observemos um exemplar de mudança sintática sobre *predicados atributivos descritivos*:

Os verbos que ocupam o núcleo do sintagma nominal são, no português arcaico, *seer*, *estar*, *jazer* e *andar*. No português moderno, *jazer* deixou de ser usado nesses contextos e *seer*, que tanto era usado para a expressão de atributos permanentes como transitórios no período arcaico da língua, só ficou sendo próprio aos atributos permanentes. (SILVA, 1993, p. 75)

Sobre as mudanças semânticas, é necessário compreender que em língua portuguesa os estudos da semântica tratam sobre o estudo do sentido de palavras, orações, frases, símbolos e imagens, entre outros significantes. Conforme Faraco (1991, p. 23), a semântica trata da significação. Segue exemplo do autor de mudança semântica:

[...] o caso da redução do significado da palavra arreo que, no português medieval, designava qualquer enfeite, adorno, aparelhamento e que hoje designa apenas o conjunto de peças necessárias à montaria do cavalo ou a seu trabalho de carga (isto é, designa apenas o aparelhamento do cavalo para montaria ou carga). (FARACO, 1991, p. 23)

A pragmática “estuda o uso dos elementos linguísticos em contraste com o estudo das propriedades estruturais desses elementos.” (FARACO, 1991, p. 24). A pragmática também sofreu e sofre mudanças ao longo do tempo como afirma Bakhtin (1979, parte III), o estudo da evolução das formas de reportar o discurso de outrem na prosa de línguas europeias modernas.”

Por fim, trataremos das *mudanças lexicais*. Como descrito por Houaiss (2015), lexicografia é “parte da linguística que estuda as palavras, seus significados, sua origem e sua formação e estrutura”. Logo os estudos que versam sobre as mudanças lexicais nos permitem ver com clareza as relações entre língua e cultura, como afirma Timbane (2013, p. 123), “a língua não fica estática enquanto tiver falantes que a falam” e explicita seus pressupostos com as diferenças entre o português brasileiro e o moçambicano.

Por exemplo, no futebol brasileiro e moçambicano há diferença dos termos, resultado dos contextos socioculturais existentes nos dois pontos geográficos. São exemplos do PM: trinco (volante no PB), toques (embaixadinhas, no PB), pontapé-de-baliza (tiro de meta, no PB), chapéu (cavadinha, PB), trave (poste, no PB), fora-do-jogo (impedimento, no PB) (TIMBANE, 2013, p.158)

Segundo Faraco (2001, p.132) “as línguas não multiplicam seus princípios e regras gramaticais, mas multiplicam continuamente seu léxico.” A língua tem a capacidade de assumir formas diferentes e é usada por indivíduos, situações e épocas diferentes, e esse é um dos aspectos mais interessantes da língua humana, fato que intriga os estudiosos e pesquisadores da área, pois as línguas são sujeitas a variações e a mudanças, porque têm a capacidade de acompanhar a evolução e a transformação da sociedade.

No próximo item apresentamos as traduções da Bíblia, com destaque para a língua portuguesa e o trabalho feito por João Ferreira de Almeida.

3. AS TRADUÇÕES DA BÍBLIA

Conforme Faraco (1991, p. 9), as línguas não constituem realidades estáticas; ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo. Como já exposto no capítulo anterior, a língua tem a capacidade de acompanhar as mudanças da sociedade, outrossim, algumas literaturas também tendem a acompanharem todo esse processo de mudança da língua devido a sua importância para os leitores. Isso está intrinsecamente ligado com o fato de que a Bíblia Sagrada “formou decisivamente a linguagem e os conceitos religiosos e culturais de grande parte da humanidade” como afirma Konings (1992, p.15).

De acordo com Galvão (2020, p.276), “a Bíblia Sagrada acompanhou todos os processos de evolução da escrita, do registro da escrita, da língua, da história da tradução, da história da vida de mártires cristãos, de uma infinidade de histórias que permeiam os estudos bíblicos sem perder sua *veracidade*⁴”. O fato é que a Bíblia Sagrada ficou conhecida e difundida no mundo, sendo traduzida para uma infinidade de línguas. Apesar de ser um livro antigo, a Bíblia apresenta muitas ideias atemporais para o público cristão. Como é possível observar no trecho retirado do Sermão do Monte: ³Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus;⁵.

De acordo com Bechara (2009, p.254), o verbo *é* refere-se à conjugação do verbo ser, do modo indicativo que está conjugado no tempo presente. Dessa maneira, Reino dos céus já pertence aos pobres de espírito e não algo que pertenceu ou pertencerá, reforçando assim a ideia de atemporalidade da Bíblia, já que “a Palavra atemporal de Deus consiste das passagens que se aplicam a todos, em todo lugar e que jamais mudarão” (FONTAINE, 2012).

Agostinho (1984) afirma que, “sem a existência de Deus criador de todas as coisas e do Verbo de Deus, seria impossível pensar a questão da temporalidade, pois Deus é eterno. Não depende do tempo para existir, pois a eternidade é maior que o tempo, ela não passa, é infinito-eterno.”. Sendo vista por esse viés de atemporalidade a Bíblia influenciou e influencia vários segmentos de estudos científicos, do mesmo modo sua mensagem é capaz de transformar e tocar no coração de seus leitores.

Logo, a criação e evolução da escrita foi fundamental para o processo de produção desse livro sagrado, conforme Reis (2019, p.11), pois a escrita é mais que um instrumento que

⁴ Termo usado para sinalizar a autenticidade e a confiabilidade do texto bíblico. De acordo com Geisler e Nix (2006, p. 160-170), *autenticidade* é termo que se emprega na crítica textual em referência à verdade sobre a origem de um documento, ou seja, sua autoria. *Confiabilidade* refere-se à verdade dos fatos ou do conteúdo dos documentos da Bíblia.

⁵ BÍBLIA SAGRADA, Mateus 5, 3. Tradução de João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida, 2011.

emudece a palavra, ela transforma a cultura em uma possibilidade transmissível, como as leis, a filosofia, o comércio, a religião, a poesia, e a história. Outrossim, na própria Bíblia podemos encontrar registros sobre o processo de escrita e conservação das Escrituras Sagradas.

1. Naquele mesmo tempo, me disse o SENHOR: Alisa duas tábuas de pedra, como as primeiras, e sobe a mim a este monte, e faze uma arca de madeira. 2. E, naquelas tábuas, escreverei as palavras que estavam nas primeiras tábuas que quebraste, e as porás na arca. 3. Assim, fiz uma arca de madeira de cetim, e alisei duas tábuas de pedra, como as primeiras, e subi o monte com as duas tábuas na minha mão. (DEUTERONÔMIO, 10.1-3 p.274-275 grifo da autora)

As escolhas dos materiais para a produção dos textos e os métodos de conservação dos textos sagrados para o público leitor o foram fundamentais para que tivéssemos acesso a eles. Do mesmo modo que grandes estudiosos dos ensinamentos sagrados, tradutores, reformadores, pregadores e escritores lutaram e deram suas próprias vidas para proteger a Bíblia e levar a mensagem sagrada.

Para Villasenor (2020), “a Bíblia começou a ser escrita faz muito tempo, aproximadamente durante 1300 anos foi escrita, entre o ano 1250 a C e o ano 100 d C.”, entretanto, é sabido que não há um consenso exato sobre o período em que foi escrita e o tempo gasto para escrevê-la. De acordo com Untermann (2003), citado por Thiago da Silva Pacheco em seu artigo intitulado *Moisés: origens e processos de reelaboração do personagem nos textos canônicos*,

Com efeito, as Escrituras, mais que dar lugar de destaque a Moisés, são elas mesmas atribuídas direta ou indiretamente a este personagem. Diretamente porque teria sido ele, como reza a tradição judaica – absorvida pelo cristianismo – o autor do Pentateuco, conjunto de livros mais importantes do Antigo Testamento. Indiretamente porque autores e personagens dos próprios textos bíblicos, sem falar de rabinos e pais da igreja, tratam deste personagem e dialogam diretamente com a revelação atribuída a ele. (UNTERMAND, 2003, p. 180)

Sendo assim, a Bíblia foi escrita desde os tempos de Moisés, ela é uma compilação de livros sagrados, organizados em *Antigo Testamento* e *Novo Testamento*, escrita por cerca de 40 autores⁶, responsáveis por colocar em palavras humanas os ensinamentos de Deus, e foi escrita em hebraico, aramaico e grego.

⁶ De acordo com Hodge (2001, p. 124-125), o desenvolvimento da Bíblia foi conduzido por cerca de quarenta escritores independentes, muitos dos quais entendiam muito pouco do plano que desenvolveram, mas cada um contribuiu com sua parte para o progresso e acabamento do todo.

A Bíblia constitui uma unidade, na diversidade de escritos autônomos. Cada livro bíblico tem sua própria história e deve ser lido sobre o fundo de seu próprio contexto histórico, gênero literário, intenção do autor etc. Num outro momento, a Bíblia pode ser considerada na sua unidade, para compreender, por exemplo, por que e em que sentido ela foi assumida por determinada comunidade religiosa. (KONINGS, 1992, p.20)

As unidades bíblicas estão organizadas em dois grandes momentos da história do cristianismo e uma das principais diferenças entre essas duas épocas é que o *Antigo Testamento* versa sobre o período em que Deus se revelava ao povo de Israel e *Novo Testamento* é marcado com a vinda de Jesus Cristo. Todavia há versões diferentes da compilação bíblica para católicos e protestantes.

No Antigo Testamento na versão dos protestantes encontramos o *Pentateuco* formado pelos livros de Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio; *Os Livros Históricos* reunindo doze livros, Josué, Juízes, Rute, I Samuel, II Samuel, I Reis, II Reis, I Crônicas, II Crônicas, Esdras, Neemias e Ester; *Os Livros Poéticos* de Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cantares de Salomão; *Os Livros dos Profetas Maiores* com as obras dos Profetas Isaías, Jeremias, Daniel e Ezequiel que também é o autor do livro de Lamentações; e, por fim, *Os Livros dos Profetas Menores* com o total de doze obras, Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. Na versão católica do Antigo Testamento além dos livros mencionados temos os livros *Deuterocanônicos* e *Pseudo-Epígrafos* de Tobias, Judite, Sabedoria, Baruc, Eclesiástico (Sirácida ou Sirac), I Macabeus e II Macabeus, e a ausência de alguns fragmentos dos livros de Ester e de Daniel.

Já o Novo Testamento apresenta o mesmo número de livros, tanto na versão católica quanto na protestante, encontramos então *Os Evangelhos* de Mateus, Marcos, Lucas e João; *O Livro Histórico* de Atos dos Apóstolos; *As Epístolas Paulinas* formadas pelos livros de Romanos, I Coríntios, II Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, I Tessalonicenses, II Tessalonicenses, I Timóteo, II Timóteo, Tito, Filemon e Hebreus; *As Epístolas Gerais* com os livros de Tiago, I Pedro, II Pedro, I João, II João, III João e Judas; *O livro de Profético* de Apocalipse.

A intenção do trabalho não é discutir doutrinas cristãs, sejam católicas, protestantes, pentecostais ou ortodoxas, mas analisar as mudanças sintáticas na tradução de João Ferreira de Almeida – Revista e Corrigida, cujo tradutor era protestante. Sendo assim, versaremos

unicamente sobre a Bíblia Sagrada para os protestantes e como ela pode acompanhar as transformações linguísticas do mundo sem perder sua *veracidade*⁷.

Nas palavras de Konings (1992, p. 20) “a Bíblia não é apenas um só livro. Sendo um só livro – e isso tem sua importância –, ela é também uma biblioteca. Aliás, o próprio vocábulo bíblia é, etimologicamente, o plural da palavra grega *biblion* (=livro); significava, originalmente, os livros”. Apesar da diversidade dos livros sagrados, eles se relacionam em determinados pontos. Uma leitura mais acurada da Bíblia certamente leva o leitor a reconhecer a presença recorrente de um fenômeno linguístico denominado, inicialmente no âmbito da Teoria Literária, *intertextualidade*⁸ (COELHO, SILVA e VIEIRA, 2011).

A leitura bíblica é uma prática comum e diária da comunidade cristã, porém, “a maioria das pessoas não conhece a Bíblia no seu texto original, e sim, através de traduções (KONINGS, 1992, p. 25). Logo, o trabalho dos tradutores foi e é indispensável para os leitores da Bíblia Sagrada.

Sendo assim as traduções dos textos sagrados têm levando um número cada vez maior de estudiosos ao incansável trabalho de tradução e revisão. No Brasil existem múltiplos projetos voltados para a tradução da Bíblia Sagrada, como, por exemplo, a missão ALEM, que desde 1983 oferece o CLM – Curso de Linguística e Missiologia, o qual busca capacitar pessoas para desenvolverem trabalhos nas áreas de Linguística, Educação Intercultural, Evangelização e Tradução das Escrituras Sagradas. Alessandra Postali (2020) que faz parte da ALEM, declarou que “temos missionários que estão há mais de 30 anos dentro de uma comunidade, ainda com o projeto em andamento.”.

O trabalho de uma equipe de tradução requer minuciosos conhecimentos linguísticos, o primeiro passo é pesquisar sobre os idiomas, dialetos e cultura da comunidade de fala, buscando compreender como o idioma funciona, e em alguns casos ensinando a comunidade a ler e escrever em sua língua e assim criar um sistema de escrita, porque em grande parte dessas comunidades a língua só existe no âmbito oral, não possuindo uma gramática e / ou dicionário da língua. Após o estabelecimento de normas para a língua escrita, é possível traduzir as Escrituras na língua local e, após a tradução, submeter os textos sagrados para o público cristão para testes de clareza e naturalidade da tradução com os falantes nativos.

⁷ Termo usado para sinalizar a autenticidade e a confiabilidade do texto bíblico. De acordo com Geisler e Nix (2006, p. 160-170), *autenticidade* é termo que se emprega na crítica textual em referência à verdade sobre a origem de um documento, ou seja, sua autoria. *Confiabilidade* refere-se à verdade dos fatos ou do conteúdo dos documentos da Bíblia.

⁸ Trata-se das várias maneiras pelas quais a produção e recepção de dado texto depende do conhecimento de outros textos por parte de seu autor ou autores (KOCH, 2007).

É bem verdade que não existe tradução perfeita, do mesmo modo que não existe comunicação perfeita, ou absoluta. Toda comunicação humana é limitada, mas normalmente é satisfatória para atingir seus objetivos. Comunicação limitada, parcial, não significa, contudo, comunicação ilusória ou falsa. Do mesmo modo, também não pode haver tradução perfeita. (SOUZA, 1998, p.53)

Para Buzzetti (1987), toda tradução é parcialmente limitada (mas nem por isso ilusória), podendo, porém, ser aperfeiçoada. As colocações de Souza e Buzzetti legitimam a expressão italiana "*Traduttore, Traditore*" ("Tradutor, traidor"), que quer dizer que toda tradução não corresponde exatamente ao sentido original da frase. Para Manfredo (2012), a antiga expressão italiana "traduttore, traditore" brinca com a ideia de que todo tradutor é um traidor. As obras Lawrence Venuti *A invisibilidade do tradutor* (1995) e *Escândalos da tradução* (1998) apresentam de maneira consistente a questão "traição" na tradução.

Em *A invisibilidade do tradutor* (1995) Venuti denuncia a marginalidade da tradução e propõe estratégias para tentar revertê-la ou, pelo menos, atenuá-las (MARTINS, 2003, p.241). Na obra *Escândalos da tradução* (1998) ele aborda aspectos de natureza cultural, econômica, política e apresenta a tradução "estigmatizada como uma forma de escrita, desencorajada pela lei dos direitos autorais, depreciada pela academia, explorada pelas editoras e empresas, organizações governamentais e religiosas" (VENUTI, 1998, p.10).

Conforme Manfredo (2012), o processo do trabalho de tradução está sempre relacionado com a subjetividade e as concepções de mundo e idiossincrasias de quem traduz. Porém, no decorrer desse capítulo trataremos sobre a tradução *literal* e de *significado* buscando um equilíbrio entre elas, pois, como afirma Souza (1998, p.52), elas podem ser vistas como complementares, uma vez que, depende do seu objetivo, do tipo de texto, da sua função predominante, e do maior ou menor grau de convergência ou de divergência linguística e cultural entre duas línguas envolvidas na tradução.

Outra vertente é a grande variedade de traduções bíblicas presente na contemporaneidade, e merecem destaque as prediletas traduções *católicas* Bíblia de Jerusalém, Bíblia do Peregrino, Bíblia Católica do Jovem, A Bíblia e Bíblia Pastoral. Já as traduções *protestantes* mais difundidas na atualidade são Almeida Revista e Corrigida, Almeida Revista e Atualizada, Almeida Corrigida Fiel, Bíblia Nova Versão Internacional e Bíblia Sagrada: Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

3.1. As traduções antigas, as medievais e as modernas

Segundo Konings (1992 p. 22), já antes de Cristo existiam duas versões da Bíblia: a original, em língua hebraica, e a tradução grega, para os judeus de língua grega a Septuaginta. Em 586 a.C. quando os babilônios comandados pelo rei Nabucodonosor II destruíram o templo de Salomão, na antiga Jerusalém, queimaram tudo que podiam. Eles mantiveram os hebreus cativos por 70 anos e quando estes voltaram do cativeiro foram espalhados por todo o mundo, construíram pequenas sinagogas cristãs na qual podiam ensinar e dar instruções, sendo assim, era indispensável que em cada sinagoga tivesse cópias dos textos sagrados para o público leitor.

Corroborando com Geisler e Nix (2006, p. 129-130), não existem manuscritos que teriam sido produzidos antes do cativeiro babilônico (586 a.C.), mas houve uma verdadeira ampliação de cópias das Escrituras que datam da era do Talmude (c. 300 a.C.-500 d.C.). De acordo com os autores é nesse momento que surgem os *rolos das sinagogas* e as *cópias particulares*.

Rolos das sinagogas:

Os rolos das sinagogas eram considerados “cópias sagradas” do texto do Antigo Testamento, por causa das regras rigorosas que cercavam sua execução. Tais cópias eram usadas em cultos, em reuniões públicas e nas festas anuais. Um rolo separado continha a *Tora* (Lei); parte dos *Nebhiim* (Profetas) vinha em outro rolo; os *Kethubhim* (Escritos), em outros dois rolos e os *Megilloth* (“Cinco rolos”), em cinco rolos separados. Os *Megilloth* sem dúvida eram escritos em rolos a fim de facilitar a leitura nas festas anuais. (GEISLER e NIX, 2006, p.130 grifo da autora)

Cópias particulares:

As cópias particulares eram consideradas cópias comuns do texto do Antigo Testamento, não usadas em reuniões públicas. Esses rolos eram preparados com grande cuidado, ainda que não fossem controlados pelas rigorosas regras que regiam a confecção de cópias das sinagogas. Os desejos do comprador determinavam a qualidade de cada cópia. Raramente a pessoa obtinha uma coleção de rolos que contivesse o Antigo Testamento em sua integralidade. (GEISLER e NIX, 2006, p.130 grifo da autora)

A tarefa de copiar os manuscritos era delegada aos *escribas*. Soares (2011, p.29) explica que, “escribas eram amanuenses encarregados das edições e transcrições de livros”. Outrossim Ramos (2017, p.6), o lugar dos escribas na sociedade se tornou ambicionado, mas a possibilidade de ler e escrever permaneceu reservada a uma pequena parcela. O trabalho exímio dos escribas contribuiu para que os livros contidos na Bíblia Sagrada chegassem até nós, a princípio *as traduções antigas*, após *as medievais* até chegar *as modernas traduções*.

Logo de início as traduções constituíram parte fundamental da vida religiosa dos antigos judeus. Esses deram o primeiro passo a preceder todas as traduções posteriores. Na igreja primitiva, as atividades missionárias eram acompanhadas por traduções da Bíblia em outras línguas. Com o passar do tempo, surgiu mais uma fase na história da tradução da Bíblia, com o desenvolvimento da imprensa. O resultado foi que devemos fazer perfeita distinção entre as três categorias genéricas de tradução da Bíblia: as traduções antigas, as medievais e as modernas. (GEISLER E NIX, 2006, p. 185)

Conforme Geisler e Mix (2006, p.185) as traduções continham trechos do Antigo Testamento e, às vezes, também do Novo. Apareceram antes do período dos concílios da igreja (c. 350 d.C), abarcando obras como o *Pentateuco samaritano* que de acordo com Fohrer e Sellin (2007, p.716) “não era uma nova versão, mas segundo eles uma “recensão”⁹. Os *Targums* aramaicos que conforme Klein, Blomberg e Hubbard (2017) combinavam uma tradução livre com acréscimo explicativos ocasionais e comentários, podem às vezes dar base à versão neotestamentárias dos textos do Antigo Testamento. *O Talmude* trata “de compilação literária, escrita em hebraico e aramaico, que reúne debates e discussões dos antigos rabinos acerca de uma vasta gama de questões” (NETO, 2008, p. 43). O *Midrash*, como elucida Almeida e Funari (2016, p. 46), enquanto categoria propriamente judaica de interpretação, pode ser definido como um “exame, interrogação” (derivado da raiz *darach*). O Midrash é, pois, uma exploração da letra do texto, a buscar um pretexto para a reflexão, uma leitura infinita.

A mais importante tradução desse período é a *Septuaginta*. Após a morte de Alexandre, o Grande em 323 a.C. o mundo conhecido tornou-se bilíngue e o grego era a segunda língua mais falada no mundo e assim surge a necessidade da tradução da Bíblia hebraica para o grego, por volta do ano 285 a.C havia vários judeus que faziam parte da sub cultura egípcia, dentre eles Demétrio de Faleros, responsável pela Biblioteca de Alexandria, que pergunta ao rei Ptolomeu II Filadelfo se haveria a possibilidade conseguir para o acervo uma tradução da lei judaica, o rei fez o pedido ao sumo sacerdote Eleazar de Jerusalém, que por sua vez seleciona seis sábios de cada uma das doze tribos, unindo um total de setenta e dois tradutores fato que também deu origem ao nome dessa tradução, pois *Septuaginta* significa setenta em grego.

Para Santos (2008), enquanto projeto de tradução do Pentateuco, e posteriormente, de todos os textos hebraicos à disposição, a Septuaginta é considerada como a Torá greco-helenista. De acordo com Konings (1992, p.26) foram feitas outras traduções em grego (*Áquila, Símaco, Teodocião*), mas nenhuma delas conheceu popularidade igual à da Septuaginta.

⁹ De acordo com Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2020), recensão: 1. [Pouco usado] Recenseamento. 2. Exame ou análise de uma obra, de um texto (ex.: recensão crítica). = RESENHA.

Finalizando o período das antigas traduções, há as traduções do Novo Testamento para o aramaico e para o latim que surgiram antes do Concílio de Nicéia em 325.

Passando para o período das *traduções medievais da Bíblia*, conforme Geisler e Nix (2006, p.186) foram concluídas entre 350 e 1400 a Enciclopédia de Fatos da Bíblia Editora Hagnos de Mark Water que nos apresenta algumas das traduções desse período.

Livro de Armagh, Bíblias Latinas, Paráfrase de Caedmon, Aldhelm, Os evangelhos de Lindisfarne, Beda, o Venerável, Alcuíno de York, Rei Alfredo, Aelfric, Os evangelhos Ormulum e Atos, Richard Holle de Hampole, John Wycliffe, John Purvey, A Bíblia de Gutenberg, Novo Testamento grego de Erasmo, Bíblia Poliglota, Martinho Lutero, William Tyndale, Miles Coverdale, Bíblia de Mateus, Grande Bíblia, Bíblia de Tavener, Bíblia de Genebra, Bíblia do Bispo, Bíblia Douay-Rheims. (WATER, 2014)

Porém, a tradução mais relevante desse período é a *Vulgata Latina*, de Jerônimo. O trabalho começa após a proclamação do cristianismo como religião oficial do Império Romano, com o passar do tempo se popularizou na Europa ocidental e na África setentrional, cuja língua mais falada era o latim, por isso cresce o desejo em ter uma tradução da Bíblia no latim.

Os numerosos textos da *Antiga latina* que apareceram ao redor da segunda metade do século IV introduziram a uma situação intolerável. Em virtude desse problema, Dâmaso, bispo de Roma (366-384), providenciou uma revisão do texto da *Antiga latina*. O resultado desse esforço chama-se *Vulgata Latina*. (GEISLER E NIX, 2006, p.211)

Tal diversidade advinda do fato de o Antigo Testamento latino ser na verdade uma tradução da LXX, o Novo Testamento havia sido traduzido em ocasiões informais, não-oficiais como afirmam os autores Geisler e Nix, (2006, p.212). O então responsável por esse trabalho foi Sofrônio Eusébio Jerônimo, segundo Penna (1952), “foi um dos grandes mestres da fé cristã, sobretudo entre a aristocracia romana de seu tempo”. Seus pais eram cristãos e o enviaram para estudar Filosofia em Roma, lá se converteu ao cristianismo e ele dedicou sua vida aos seus estudos da língua hebraica. São Jerônimo como era mais conhecido levou 16 anos para concluir seu trabalho de tradução.

Chama-se *Vulgata* essa versão da Bíblia, pois quer dizer edição, tradução ou leitura de divulgação popular que foi usada pela Igreja Católica de Roma durante séculos e até hoje é fonte para diversas traduções. Nas palavras de Geisler e Nix (2006, p.186), a *Vulgata* constituiu a base tanto dos comentários como do pensamento, por boa parte da Idade Média. Foi dela que

surgiu a paráfrase de Cedmão, a obra *Histórica eclesiástica*, de Beda, o Venerável, e até mesmo a tradução da Bíblia para o inglês, feita por Wycliffe.

Sobre às *traduções modernas* que, conforme Geisler e Nix (2006, p.186), surgiram a partir da época de Wycliffe e de seus sucessores. Podemos tratar esse período como *período de traduções modernas para línguas modernas*, pois como afirma Faraco (1991, p. 9), as línguas humanas mudam com o passar do tempo, ou seja, acompanham o processo de evolução de toda uma sociedade e dessa maneira trataremos de traduções bíblicas para gerações mais próximas de nós e para isso selecionamos a tradução alemã, inglesa, espanhola e brasileira.

Dentre as traduções alemãs merece destaque o trabalho de Martinho Lutero (1483-1546), que apresentou em 1534 a primeira tradução da Bíblia usando os textos das línguas originais e não mais a Vulgata Latina. Lutero iniciou sua obra em 1521 com o Novo Testamento que foi impresso em 1522, já o Antigo Testamento foi traduzido entre 1523 e 1534. No entanto, após a publicação, ele a submeteu a uma revisão que contou com o auxílio de uma comissão de eruditos dentre eles Filipe Melâncton, esse trabalho de revisão foi concluído em 1544.

De acordo com Jesi (2014, p.19) a tradução de Lutero assinala, por assim dizer, o nascimento da língua alemã moderna. Logo, além de contribuir com o alemão corrente ele também procurou estabelecer algumas teorias da tradução quando escreveu *Sendbrief vom Dolmetschen* (Epístola sobre a Tradução), expondo alguns dos princípios fundamentais da sua teoria da tradução.

A tradução de Lutero contribuiu para a divulgação da Reforma Protestante do século XVI e do conhecimento das verdades, já que a visão do protestantismo luterano era *sola Scriptura* que em português significa *somente a Escritura*. Nas palavras de Kruger (2013), a *sola Scriptura* é uma guardiã da liberdade cristã, a essência do movimento era a Bíblia e para isso todos precisavam ter acesso à Bíblia.

Lutero tinha as qualificações de um bom tradutor. Conhecia a Bíblia como poucos e sabia se expressar muito bem em alemão. Fez uso da língua oficial da corte da Saxônia, que era entendida num contexto mais amplo. Mas, acima de tudo, Lutero tinha o segredo do tradutor: sabia fazer a passagem ou transferência de uma língua para a outra. Para ele, as perguntas norteadoras eram: “Como se diz isto em alemão?”, “O leitor vai entender?”. Com tal finalidade em vista, Lutero foi ouvir como o povo falava. (SCHOLZ, 2017)

Sendo assim, Lutero contribuiu para estrutura da literatura da língua alemã e com o trabalho de tradução da Bíblia para outras línguas como a Sueca (1542), Dinamarquesa (1550), Islandesa (1584), antiga versão Holandesa (1560), Finlandesa e dialetos cognatos (1642).

Além das contribuições para a literatura alemã as ações de Martinho Lutero com a Reforma Protestante geram transformações de ordem religiosa e que sua vez afetam outras áreas da sociedade e que chegam no Brasil. Nas palavras de Nascimento, Primo e Simões (2015, p.124) a influência de Lutero se estendeu na economia política, música e educação e sua tradução da bíblia tornou-se uma pedra fundamental na educação, rompendo paradigmas da época em que a educação deixaria de ser responsabilidade da Igreja e passa para as instituições políticas.

Tendo em vista a capacidade de a Bíblia acompanhar todo esse processo de transformação social, abordaremos brevemente as traduções da Bíblia para o inglês moderno, e dentre elas as traduções dos séculos XIV e XV, destaca-se a obra de John Wycliffe (c. 1320 a 1384) que foi o primeiro tradutor da Bíblia completa para a língua inglesa e contou com o auxílio de Nicolás de Hereford. De acordo com Geisler e Nix (2006, p.223), essas traduções foram feitas a partir de manuscritos da época da *Vulgata Latina*. O segundo nome em evidência é William Tyndale (c. 1492-1536), que traduziu para o inglês o Novo Testamento. Seu trabalho é contemporâneo ao de Lutero em 1525, usou como texto base o Novo Testamento grego de Erasmo de Roterdão, a *Vulgata Latina* e a tradução de Lutero.

Miles Coverdale (1488-1569), contribui com o trabalho de Tyndale. Conforme Geisler e Nix (2016, p.224), Miles Coverdale, assistente e revisor de provas de Tyndale na Antuérpia, tornou-se a peça-chave na impressão da primeira Bíblia completa em inglês. Após, temos a Bíblia de Thomas Matthew (c. 1500-1555), que foi a primeira Bíblia licenciada pelas autoridades públicas da época. Em 1539 *A Grande Bíblia*, como afirmam Geisler e Nix (2016, p.226), foi oferecida como meio de acalmar as tensões advindas da situação da Bíblia na Inglaterra. Ela recebeu seu nome devido ao grande tamanho e formato, pois era maior que a de qualquer edição anterior e caprichosamente enfeitada. Outra tradução que merece destaque é a Bíblia de Genebra (1557, 1560).

1. A Bíblia de Genebra foi a primeira Bíblia inglesa a adotar a divisão do texto em versículos. 2. Foi a primeira Bíblia a usar o tipo de letra romano, muito mais fácil de ler do que a letra gótica; 3. Foi a primeira Bíblia a usar letra itálica para aquelas palavras que os tradutores precisaram usar para tornar claras as frases em inglês, mas que não estavam nas línguas originais. (TEIXEIRA e ZIMMER, 2008)

Ela foi tão popular, que fez frente à *Bíblia dos bispos* (1568) e à primeira geração da chamada *Versão autorizada* (1611) Geisler e Nix (2016, p. 227). A *Bíblia dos bispos* (1568), é resultado de uma revisão da *Grande Bíblia* e foi publicada em 1568, em Londres. Conforme

Geisler e Nix (2016, p. 227), o trabalho foi confiado a um grupo de estudiosos que incluía cerca de oito bispos, daí o nome de *Bíblia dos bispos*.

Por fim, a versão do rei Tiago (1611), de King James, conhecida como *A Bíblia do rei Tiago*. John Reynolds, presidente puritano da Faculdade Corpus Christi, em Oxford, propôs na Conferência de Hampton que se fizesse uma versão autorizada da Bíblia para a língua inglesa e o rei Tiago conhecido por seu interesse em assuntos teológicos e religiosos aceitou a proposta. Ao longo dos tempos essa versão bíblica foi sendo aperfeiçoada e dando origem a outras populares até hoje como *The New English Bible* (A Nova Bíblia em Inglês) e *New International Version* (Nova Versão Internacional). Conforme a Comissão de Tradução (2000), a Nova Versão Internacional define-se como tradução evangélica, fiel e contemporânea.

Sobre as traduções modernas para o Espanhol, destaca-se a tradução de Casiodoro de Reina (1520- 1594), que foi a primeira tradução da Bíblia para o castelhano, de acordo com o dicionário Santillana (2003), castelhano é o dialeto românico de Castela, a Velha, que deu origem a língua espanhola. A obra de Casiodoro foi balizada nas línguas originais e publicada em (1569), em Basileia. Dentre as características marcantes dessa tradução temos a inclusão dos livros apócrifos, a abundância de notas marginais, orientações e admoestações aos leitores feitas pelo tradutor. Conforme Teixeira e Zimmer (2014, p. 76), ficou conhecida como “La Biblia del Oso”, assim chamada pela figura de um urso no logotipo do impressor que teve a edição ao seu encargo.

Posteriormente, foi revisada muitas vezes. Em 1602, a revisão de Cipriano Valera aprimorou tanto sua qualidade que, desde então, a tradução passou a ser conhecida como “Reina-Valera”. Continua sendo a Bíblia mais usada em língua espanhola, especialmente na América Latina. (Teixeira e Zimmer, 2014, p. 76)

Cipriano de Valera (1532- 1602) dedicou cerca de 20 anos para concluir seu trabalho de revisão, ele realizou ajustes balizando-se nos textos originais do hebraico e grego, como também em outras versões da Bíblia já existentes da época, eliminou as notas marginais, agrupou todos os livros apócrifos entre o Antigo e Novo Testamento. Durante muito tempo sua versão circulou somente com o nome de Casiodoro de Reina, mas atualmente seu trabalho é reconhecido e por isso o nome *Reina-Valera*. Graças aos constantes trabalhos de revisão periódicas segue mantendo a sua vigência e atualidade e com uma qualidade literária excelente.

Finalizamos com as principais traduções da Bíblia para a língua portuguesa, porém trataremos primeiramente das *traduções parciais*. Segundo Geisler e Nix (2006, p.247), D. Diniz (1279-1325), foi a primeira pessoa a traduzir para a língua portuguesa o texto bíblico, ele

usou como texto base a *Vulgata Latina* por ser um profundo conhecedor do latim, todavia fez apenas a tradução dos vinte primeiros capítulos do livro de Gênesis.

Fernão Lopes afirmou em seu curioso estilo de cronista do século XV, que d. João I (1385- 1433), um dos sucessores de d. Diniz ao trono português, fez grandes letrados tirar em linguagem os Evangelhos, os Atos dos Apóstolos e as epístolas de Paulo, para que aqueles que os mais devotados acerca da lei de Deus (*Crônica de d. João I, segunda parte*). Esses “grandes letrados” eram vários padres que também se utilizaram da *Vulgata Latina* em seu trabalho de tradução. (GEISLER e NIX, 2006, p.248)

Ainda nas palavras de Geisler e Nix (2006, p.248), D. João I, também conhecedor do latim, traduziu o livro de Salmos, que foi reunido aos livros do Novo Testamento traduzidos pelos padres. A neta do rei D. João I e filha do infante D. Pedro, a infanta D. Filipa, traduziu do francês os evangelhos. Não podemos deixar de mencionar o trabalho realizado pelo Frei de Alcobaça, que de acordo com Geisler e Nix (2006, p.248), pertencia à grande escola de tradutores portugueses da Real Abadia de Alcobaça. Outro trabalho relevante foi a publicação da gramática hebraica para estudantes portugueses, que apresentava a tradução do livro de Obadias.

Outras traduções em língua portuguesa, realizadas em Portugal, são dignas de menção: Os quatro evangelhos, traduzidos em elegante português pelo padre jesuíta Luiz Brandão. No início do século XIX, o padre Antônio Ribeiro dos Santos traduziu os Evangelhos de Mateus Marcos, ainda hoje inéditos. (GEISLER E NIX, 2006, p. 248-249)

A primeira tradução do Novo Testamento para o português em território brasileiro foi balizada na *Vulgata Latina*. De acordo com Giraldi (2012), a tradução do Novo Testamento pelo bispo Nazaré – No período de 1845 a 1847, o bispo católico da cidade de Coimbra, Portugal, Joaquim de Nossa Senhora de Nazaré, então residente em São Luís, no Maranhão fez a primeira tradução do Novo Testamento para o português. Outra admirável tradução citada por Geisler e Nix (2006), foi *Harpa de Israel* o título que o notável hebraísta P. R. dos Santos Saraiva deu à sua tradução dos Salmos publicada em 1898. Em 1909, o Padre Santana publicou sua tradução do Evangelho de Mateus, vertida diretamente do grego.

Em 1912, Basílio Teles publica a tradução do Livro de Jó, e nesta tradução acrescenta sangrias poéticas. Cinco anos após J. L. Assunção publica o Novo Testamento, obra baseada na *Vulgata Latina*. Geisler e Nix citam as obras parciais de Esteves Pereira, J. Basílio Pereira, Meir Masiah Melamed e Huberto Rohden.

Traduzido do velho idioma etíope por Esteves Pereira, o livro de Amós surgiu isoladamente no Brasil em 1917. Seis anos depois, J. Basílio Pereira publicou a tradução do *Novo Testamento* e do *Livro dos Salmos*, ambos baseados na *Vulgata*. Por essa época surgiu no Brasil (infelizmente, se indicação de data) a *Lei de Moisés (Pentateuco)*, edição bilíngue hebraico-português, preparada pelo rabino Meir Masiah Melamed. O padre Huberto Rohden foi o primeiro católico a traduzir no Brasil o Novo Testamento diretamente do grego. Publicada pela instituição católica romana Cruzada Boa Esperança, em 1930, essa tradução, por estar baseada em textos considerados inferiores, sofreu severas críticas. (GEISLER e NIX, 2006, p. 249)

De acordo com Carrião (2016), o pioneiro Huberto Rohden usou o Novo Testamento em grego antigo em sua tradução. Embora as traduções parciais tenham sua relevância o período das traduções completas para o português é marcado por João Ferreira de Almeida (1628-1691), ele é o principal responsável pela tradução da Bíblia para a língua portuguesa, e por mais de 325 anos utilizamos sua tradução. Nasceu em Tores de Tavares, Portugal e mudou-se para Holanda quando tinha 14 anos, filiou-se à Igreja Reformada e viajou de navio para Malaca a fim de auxiliar os protestantes no sudeste da Ásia.

O trabalho de tradução da Bíblia consumiu a maior parte de sua vida, porém não pôde concluir sua obra, fez a tradução do Novo Testamento e chegou até o livro de Ezequiel, 48, 21 e após revisões adicionais a Bíblia foi finalizada em 1753 pelo pastor Jacobus op den Akker, de Batávia.

Por conhecer o hebraico e o grego, Almeida pôde utilizar-se dos manuscritos dessas línguas, calcando sua tradução no chamado *Textus receptus*, do grupo bizantino. Durante esse exaustivo e criterioso trabalho, ele também se serviu das traduções holandesa, francesa (tradução de Beza), italiana, espanhola e latina (*Vulgata*). (GEISLER E NIX, 2006, p.249)

Tal conhecimento sobre a língua hebraica e grega é fruto da facilidade do aprendizado, pois de acordo com Casonatto (2013) com facilidade no aprendizado de línguas e com o intuito de aperfeiçoar suas traduções, já que encontravam tanta resistência em publicar a Bíblia, Almeida decide estudar hebraico e grego no mesmo ano em que concluiu sua primeira tradução do Novo Testamento, em 1645, aos 17 anos de idade. No entanto, trataremos, nos próximos tópicos deste capítulo, detalhes sobre a vida de João Ferreira de Almeida, contexto histórico e linguístico do período da tradução, minúcias e objetivos da sua tradução.

Outra obra importante do século XVIII é *A Bíblia de Rahmreyer*, como caracteriza Zanon (2014, p.112), Pedro Rahmeyer foi o responsável por uma tradução completa da Bíblia em português. Geisler e Nix (2006, p.150) afirma que, o manuscrito dessa Bíblia se encontra na Biblioteca do Senado de Hamburgo, na Alemanha.

A tradução do padre Antônio Pereira de Figueiredo é uma das obras de grande relevância, de acordo com Giraldi (2012), Figueiredo nasceu em 14 de fevereiro de 1725, na cidade de Mação, em Portugal. Respeitado historiador latinista e teólogo, tornou-se, em 1779, membro da Academia Real das Ciências de Lisboa. Como descrito por Geisler e Nix (2006, p.150), na condição de exímio filólogo e latinista, Figueiredo pôde utilizar-se de um estilo sublime e grandiloquente, e seu trabalho resultou em um verdadeiro monumento da prosa portuguesa.

O texto base dessa tradução foi a *Vulgata Latina* um trabalho que durou 65 anos para ser concluído. Nas palavras de Geisler e Nix (2006, p.250), a primeira edição do Novo Testamento saiu em 1778, em seis volumes. Quanto ao Antigo, os dezessete volumes de sua primeira edição foram publicados de 1783 a 1790 e a publicação em um único volume foi lançada em 1821.

Essa tradução foi bem recebida pelos estudiosos da época, tanto católicos como protestantes. Figueiredo era considerado um escritor elegante, primoroso e de larga erudição. A linguagem bonita e fluente de sua tradução caiu no gosto dos leitores portugueses e brasileiros, a ponto de muitos protestantes preferirem sua tradução à de João Ferreira de Almeida. (GIRALDI, 2012)

Corroborando com Zanon (2014, p.112), por ser uma versão com português mais recente, foi considerada melhor que a de Almeida, apesar de não ter sido baseado nos idiomas originais. A Bíblia traduzida por Figueiredo, foi a primeira completa impressa no Brasil.

Em 1902, as sociedades bíblicas empenhadas na disseminação da Bíblia no Brasil patrocinaram nova tradução da Bíblia para o português, baseada em manuscritos melhores que os utilizados por Almeida. A comissão constituída para tal fim, composta de especialistas nas línguas originais e no vernáculo, entre eles o gramático Eduardo Carlos Pereira, fez uso de ortografia correta e vocabulário erudito. Publicado em 1917, esse trabalho ficou conhecido como *Tradução brasileira*. Apesar de ainda hoje apreciadíssima por grande número de leitores, essa Bíblia não conseguiu firmar-se no gosto do grande público. (GEISLER E NIX, 2006, p. 251-252)

De acordo com a Sociedade Bíblica Brasileira (2020), esse projeto teve a participação de consultores linguísticos ilustres, como Rui Barbosa, José Veríssimo, Heráclito Graça, entre outros, que ajudaram a solucionar questões relacionadas com à sintaxe da língua portuguesa. Essa tradução teve como base os originais grego, hebraico e aramaico, conforme Giraldi (2013), seria fiel às línguas originais e à língua portuguesa do Brasil.

Em 1930, o padre Matos Soares publica pela Tipografia da Pia Sociedade de São Paulo a mais famosa e popular da Bíblia para os católicos, ela fora baseada na *Vulgata*. Segundo os

especialistas Geisler e Nix, (2006, p. 252), essa tradução possui notas entre parênteses defendendo os dogmas da Igreja Romana. E essa tradução foi considerada uma das prediletas para os católicos, como afirma Giraldo (2013, p.81), e até a década de 1980, apesar do lançamento de muitas outras traduções católicas, ela era ainda, ao lado da *Bíblia de Jerusalém*, uma das traduções da Bíblia preferidas dos católicos brasileiros.

A mais recente edição da *Bíblia de Jerusalém*, publicada em 2002 pela editora Paulus, é considerada por católicos e protestantes uma das melhores traduções disponíveis aos leitores, tal predileção é fruto do árduo e intenso trabalho do grupo de eruditos exegetas e revisores literários católicos e protestantes. A Bíblia de Jerusalém é a tradução em língua portuguesa da edição francesa da École Biblique, uma instituição acadêmica francesa de Jerusalém especializada em arqueologia e exegese bíblica. Como afirma Konings (2016), a qualidade científica tem o selo da École Biblique de Jérusalem.

A Sociedade Bíblica Trinitária fez a primeira revisão da Bíblia em português. Segundo Zanon (2014, p.112), a única tradução moderna em Português que utiliza os mesmos textos bases em grego e hebraico que foram utilizados por João Ferreira de Almeida é a versão Almeida Corrigida Fiel. Thomas Boys, do Trinity College, Cambridge, foi encarregado o responsável por essa obra.

Em 1948 organizou-se a Sociedade Bíblica destinada a “Dar a Bíblia à Pátria” (GEISLER e NIX, 2006, p.252). Essa entidade fez duas revisões no texto de Almeida, uma mais aprofunda, que deu origem à Edição *Revista e Atualizada no Brasil*, e uma menos profunda, que conservou o antigo nome *Corrigida*. No tópico 2.4 *Traduções completas e contemporâneas para o português brasileiro*, versaremos sobre essas traduções modernas completas e apresentaremos a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, *Nova Versão Transformadora*, *Nova Versão Internacional*, *A mensagem: Bíblia em linguagem contemporânea* e a *Bíblia de Jerusalém*.

Em suma, trilhamos o caminho desde o início da composição da Bíblia, passamos pelas traduções antigas, medievais e modernas, logo o ponto comum e incomum em cada tradução é o método de tradução, as escolhas linguísticas do tradutor em se aproximar ou distanciar da língua para qual se deseja traduzir ou ainda realizar o trabalho de revisão levando em conta as novas descobertas arqueológicas.

Ademais é inegável o fato de que a língua independentemente de sua nacionalidade sofreu ou sofre variações e mudanças linguísticas tornando o trabalho dos tradutores uma obra

incessante, pois à medida que a língua passa por processos de mudanças e descobertas arqueológicas e científicas faz-se necessário a revisão dos textos bíblicos.

3.2. Traduções completas e contemporâneas para o português brasileiro

Todo país precisa de uma norma linguística oficial, sem a qual não haveria oficialização de um determinado território como país.

Partindo desde ponto, versaremos sobre as traduções completas e contemporâneas para o português brasileiro, desconsiderando as diferenças linguísticas entre os países que têm a língua portuguesa como oficial. Foram selecionadas cinco traduções da Bíblia Sagrada: *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, *Nova Versão Transformadora*, *Nova Versão Internacional*, *A Mensagem: Bíblia em linguagem contemporânea* e *Bíblia de Jerusalém*.

A primeira é a *Bíblia Sagrada: Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH)*, publica pela Sociedade Bíblica Brasileira em 2000, essa tradução é uma revisão da tradução *Bíblia na Linguagem de Hoje (BLH)* que por sua vez é uma revisão da *Tradução na Linguagem de Hoje (TLH)*. O método de tradução usado na NTLH foi de *equivalência funcional* ou *dinâmica* ao fazer uso desse método os tradutores procuram traduzir todas as mensagens que estão nos textos originais sem omitir nada, porém segue a sintaxe da língua portuguesa, usa vocábulos mais comuns ao português contemporâneo e outros pontos relevantes são destacados pela Sociedade Bíblica Brasileira.

Como destaques dessa revisão aparecem os seguintes: (1) O Novo Testamento foi totalmente revisado, tanto do ponto de vista de uma leitura profunda do texto original grego, como do ponto de vista da Língua Portuguesa. (2) Revisão semelhante, mas a partir do texto hebraico, recebeu o livro dos Salmos, com especial atenção à poesia. (3) Simplificou-se ainda mais uma série de construções gramaticais, aplicando-as ao texto de toda a Bíblia. (4) Aceitou-se mudar a designação do nome de Deus no Antigo Testamento de “Deus Eterno” ou “Eterno” para “SENHOR Deus”, “Deus, o SENHOR”, ou simplesmente “SENHOR”. Assim, a NTLH, agora, aproxima-se, neste particular, do texto da tradução de Almeida, Revista e Atualizada, e do texto da maioria das demais traduções bíblicas em Língua Portuguesa. Esta revisão sozinha afetou perto de 7 mil passagens do Antigo Testamento. (5) Uma série de textos que apareciam no rodapé da BLH, agora na NTLH, voltaram ao texto da Bíblia. Isso refere-se, por exemplo, aos títulos originais dos Salmos, às vezes, difíceis de compreender, os quais aparecem traduzidos no início do respectivo Salmo em tipo itálico (*inclinado*). Também, no Novo Testamento, algumas passagens que não se encontram em alguns dos melhores e mais antigos manuscritos gregos mesmo assim aparecem, agora, traduzidas entre colchetes. (6) Finalmente, acolheu-se uma série de sugestões encaminhadas à Comissão de Tradução por parte de fiéis das mais diversas igrejas. (BRASILEIRA, 2008, p. 4)

Todos os desdobramentos da equipe de tradução e revisão foi em aproximar a mensagem bíblica do português contemporâneo, pois de acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.139) a mudança é entendida como uma consequência inevitável da dinâmica interna das línguas naturais. Dessa maneira, podemos afirmar que a mudança linguística é processo ininterrupto das línguas, sendo assim é necessário que os textos bíblicos passem por atualizações a fim de acompanhar esse processo dinâmico de mudança.

A versão bíblica *Nova Versão Transformadora (NVT)* publicada pela editora Mundo Cristão em 2016, também buscou aproximar os textos sagrados para o público leitor com o português atual. Conforme Barbosa (2019) foi recebida com vários elogios, em especial pela facilidade na leitura e o aparato técnico de sua produção, que contou com a participação do já falecido Carlos Osvaldo Pinto além de Mauricio Zágari e Estevan F. Kirschner, entre outros. Os autores dessa obra fizeram uso do método *equivalência funcional* ou *dinâmica*, e ela é indicada principalmente para leitura individual e devocional.

Todavia há ressalvas sobre o uso da NVT em cultos oficiais da igreja, como explica Barbosa (2016), o uso do gênero neutro em diversas instâncias e por vezes em textos cruciais, juntamente com um texto grego não confiável, fazem com que a NVT não deva ser adotada como versão padrão para uso na igreja, nem tampouco para pregação. Nesse sentido, é inevitável afirmar que sempre haverá discussões acerca da facilidade de compreensão e leitura dos textos bíblicos e a perda de sua veracidade.

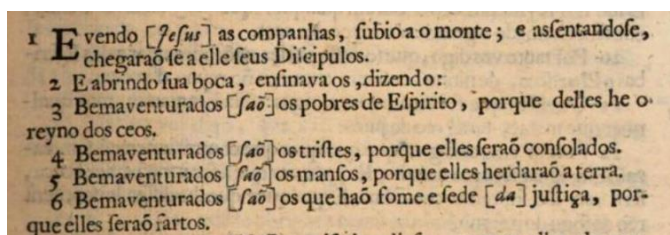
Outra prestigiada tradução bíblica é a *Nova Versão Internacional (NVI)* publicada em 2001 no Brasil. O projeto da Sociedade Bíblica Internacional teve início, em 1990 formado por uma equipe de eruditos do Brasil, EUA, Israel e Portugal, versados em teologia e linguística, foi balizada com os textos originais hebraico, aramaico e grego usando o método de tradução de equivalência dinâmica.

Sem dúvida alguma, a língua portuguesa é privilegiada pelo fato de contar com tantas boas traduções das Escrituras Sagradas. A NVI pretende fazer coro a tais esforços, prosseguindo a tarefa de transmitir a Palavra de Deus com fidelidade e com clareza, reconhecendo ao mesmo tempo a necessidade de uma nova tradução das Escrituras em português. Essa necessidade comprava-se particularmente em razão de dois fatores: a dinâmica de transformação constante da linguagem, tanto no vocabulário como na organização de frases (sintaxe); o aperfeiçoamento científico no campo da arqueologia bíblica, do estudo das línguas originais e de línguas cognatas, da crítica textual e da própria ciência linguística. (COMISSÃO DE TRADUÇÃO, 2000, p.7)

Ademais podemos afirmar que a capacidade natural de transformação das línguas com o passar do tempo favorece ao surgimento de novas traduções da Bíblia e a NVI além de

acompanhar os segmentos de estudos bíblicos também se preocupou com a dinâmica de transformação constante da linguagem. Do mesmo modo Sayão (2001, p.61) afirma que o texto de NVI é marcado por clareza de linguagem, naturalidade da língua receptora, expressividade e fluência.

A obra *A Mensagem: Bíblia em linguagem de contemporânea* é do autor Eugene H. Peterson, pastor da Igreja Presbiteriana em *Maryland*, nos Estados Unidos, estudioso, teólogo, autor e poeta que faleceu em 22 de outubro de 2018, mas antes de seu falecimento concluiu sua obra a qual pode ser considerada uma das melhores paráfrases bíblicas em língua portuguesa. A versão completa de *The Message* foi publicada em 2002, e o autor usou como base para sua tradução os textos originais bíblicos, porém preservou a linguagem contemporânea. A estrutura da apresentação dos textos sagrados relembra a primeira tradução de João Ferreira de Almeida em língua portuguesa do ano de 1681 ambas em uma única coluna como podemos ver nas imagens.



Tradução de João Ferreira de Almeida, de 1681¹⁰.

5^{1,2} Quando percebeu que seu ministério começava a atrair multidões imensas, Jesus subiu a uma montanha. Solicitou aos que estavam aprendendo com ele que o acompanhassem. Quando chegaram a um lugar bem tranquilo, ele se assentou e começou a ensinar aos seus companheiros de caminhada:
³ “Abençoados são vocês, que nada mais têm para oferecer. Quando vocês saem de casa, há mais de Deus e do seu governo.
⁴ “Abençoados são vocês, que sofrem por terem perdido o que mais amavam. Só assim, poderão ser abraçados por aquele que é o amor supremo.
⁵ “Abençoados são vocês, que se contentam com o que são — nem mais, nem menos. Assim, vocês se verão como os orgulhosos donos de tudo que não pode ser comprado.
⁶ “Abençoados são vocês, que sentem fome de Deus. Ele é comida e bebida — é alimento incomparável.
⁷ “Abençoados são vocês, que se preocupam com o bem-estar dos outros. Na hora em que precisarem de ajuda, também receberão cuidado.
⁸ “Abençoados são vocês, que puseram em ordem seu mundo interior, com a mente e o coração no lugar certo. Assim, vocês poderão ver Deus no mundo exterior.

A mensagem: Bíblia em linguagem contemporânea, de 2002¹¹.

Apesar da semelhança entre as estruturas das traduções, a linguagem se distancia claramente como podemos observar no trecho do livro de Mateus, 5, 6 de *João Ferreira de Almeida* “Bemaventurados [saõ] os que haõ fome e fede [da] juftiça, porque elles feraõ fartos”

¹⁰ NOVO TESTAMENTO, Isto he o Novo Concerto de Nosso Fiel Senhor e Redemptor Iesu Christo traduzido na Lingua Portuguesa. – Holanda: Tipografia: Zomerem, 1681.

¹¹ BÍBLIA SAGRADA. *A mensagem: Bíblia em linguagem contemporânea* / Eugene H. Peterson; [supervisão exegética e teológica Luiz Sayão]. – São Paulo: Editora Vida, 2016.

e em *A Mensagem: Bíblia em linguagem de contemporânea* “Abençoados são vocês, que sentem fome de Deus. Ele é comida e bebida – é alimento incomparável”. Podemos observar que a linguagem utilizada por Eugene H. Peterson é acessível a todos leitores independentemente do nível acadêmico. Para Peterson (2009) “*A Mensagem* é uma Bíblia de leitura. Não tem a intenção de substituir as excelentes Bíblias de estudo que estão disponíveis”.

Concluimos com a *Bíblia de Jerusalém* que foi publicada originalmente por um grupo de eruditos franceses da *Escola Bíblica de Jerusalém* o que justifica o nome dessa tradução. A primeira edição foi publicada em 1981, sendo submetida a uma rigorosa revisão e lançada novamente em 2001.

O original em francês, traduzido diretamente do aramaico, hebraico e grego, editado pela École Biblique de Jérusalem, foi preparado por uma equipe competente de profissionais católicos e protestantes – teólogos, historiadores, geógrafos, arqueólogos, cartógrafos, linguistas, lexicógrafos e exegetas. (FERNANDES, 2016, p. 58)

Embora na atualidade o trabalho dos tradutores e revisores dos textos bíblicos seja baseado em estudos linguísticos das línguas originais, em acesso aos manuscritos por meio de plataformas digitais, em recursos tecnológicos, em descobertas arqueológicas, entre outros métodos, nada disso serve para mitigar o mérito do trabalho desses profissionais. O trabalho de revisão não é conclusivo, trata-se de uma obra inconclusa, tendo em vista as inúmeras descobertas que favorecem à compreensão do texto bíblico, à dinâmica da semântica linguística da Bíblia e buscam aprimorar a qualidade dos textos bíblicos como observaremos na análise que versa sobre a tradução de João Ferreira de Almeida.

3.3. Por que a Bíblia tem tantas traduções?

Por que a Bíblia tem tantas traduções? Esta é uma pergunta que pode ser respondida por muitos vieses, todavia iremos respondê-la por três pontos. O primeiro está relacionado ao fato de que boa parte das versões da Bíblia têm o interesse em colocar os textos sagrados para o público leitor em uma linguagem mais próxima do idioma atual, devido ao seu papel missionário e, como já mencionamos, a língua passa por transformações ao longo do tempo, e essas transformações interferem intrinsecamente na maneira como os seres humanos estabelecem sua comunicação uns com os outros.

De acordo com Borba (1986, p.10), “a linguagem aparece como o mais difundido e, o mais eficaz instrumento natural de comunicação à disposição do homem.” Logo, encontramos

algumas traduções bíblicas que apresentam uma linguagem comum e acessível para os todos leitores brasileiros independente de sua região ou nível de formação acadêmica, como por exemplo a *Bíblia Sagrada Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, lançada em 2000 pela Sociedade Bíblica do Brasil, que é fiel aos textos originais e ao mesmo tempo apresenta aos leitores uma leitura fluida e comum, indicada àqueles que tiveram pouco ou nenhum contato com os textos sagrados para o público cristão. De acordo com Kaschel citado por Giraldo (2013, p.223), “essa tradução procura ser clara e compreensível para todos. Ela não é uma paráfrase ou explicação, pois transmite o sentido exato do original e nada mais.”

Da mesma maneira encontramos a *Bíblia Sagrada Nova Versão Transformadora*, publicada pela Editora Mundo Cristão em outubro de 2016, uma tradução que busca ser fiel aos textos originais do hebraico, aramaico e grego, mas ao mesmo tempo preocupada com o entendimento do texto no português falado hoje pelo usuário médio da língua com uma leitura agradável, fluida e clara um vocabulário contemporâneo.

No quadro abaixo apresentamos a comparação das traduções *Bíblia Sagrada Nova Tradução na Linguagem de Hoje* e *Bíblia Sagrada Nova Versão Transformadora* com a clássica *Tradução de João Ferreira de Almeida – Edição Revista e Corrigida*, publicada em 2011 pela Sociedade Bíblica da Brasil. O versículo usado para comparação está no evangelho de Mateus, 5, 13, a saber, um dos versículos que compõe o Sermão do Monte.

| |
|---|
| Recorte ¹² : Vós sois o sal da terra; e, se o sal for insípido, com que se há de salgar? Para nada mais presta, senão para se lançar fora e ser pisado pelos homens. |
| Recorte ¹³ : Vocês são o sal para a humanidade; mas se o sal perder o gosto, deixa de ser sal e não serve para mais nada. É jogado fora e pisado pelas pessoas que passam. |
| Recorte ¹⁴ : Vocês são o sal da terra. Mas, se o sal perder o sabor, para que servirá? É possível torná-lo salgado outra vez? Será jogado fora e pisado pelos que passam, pois já não serve para nada. |

Não é difícil identificar o texto de João Ferreira de Almeida, mesmo se tivéssemos omitido as notas de rodapé, e da mesma maneira percebe-se, nos trechos, ora certo distanciamento do português contemporâneo, ora proximidade. Poderíamos analisar muitos aspectos das escolhas linguísticas dos tradutores de cada versão da bíblia, porém iremos analisar apenas a escolha de dois vocábulos *vós* por *vocês*.

¹ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 4ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

¹³ BÍBLIA SAGRADA: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

¹⁴ BÍBLIA SAGRADA: Nova Versão Transformadora. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

Nos trechos analisados ambos os pronomes *vós* e *vocês* exercem a função sintática de sujeito da oração, no entanto, na Língua Portuguesa já não é comum o uso do pronome pessoal de segunda pessoa *vós*, sendo mais comum o uso do pronome de tratamento *vocês*, em seu processo de mudança linguística. De acordo com Lopes (2018, p. 27), a partir do século XX, no Português Brasileiro, houve um crescente e progressivo aumento da forma *você* em grande parte do território nacional, em concorrência com *tu* em algumas regiões ou única estratégia de referência ao interlocutor.

Essa concorrência é o que podemos chamar de variação linguística, e essa variação poderá ou não ocasionar a mudança linguística. No caso dos pronomes *tu/vós* e *você/vocês* Lopes (2018, p. 33) afirma que, no período inicial de ocupação do Brasil, século XVI, o desgaste semântico sofrido por *vós*, a redução fonética de *Vossa Mercê* e o seu uso generalizado como *você* já estavam em etapas bastante avançadas. Apesar do desgaste, podemos afirmar que, a escolha linguística do pronome *vós* como sujeito da oração na tradução de João Ferreira de Almeida intensifica as características de uma linguagem mais clássica e erudita.

O segundo ponto são os métodos de tradução utilizado pelos tradutores, conforme Barnwell (2011, p.15) há dois tipos tradução, a tradução literal e a tradução baseada no significado. Ambos métodos possuem pontos positivos e se complementam entre si. Por um lado, temos o método de *tradução literal* que preserva a estrutura gramatical do idioma original, e por outro lado temos o método de *tradução baseado no significado* que evita se atrelar a estrutura gramatical do texto original e aproxima-se da naturalidade do idioma para o qual é traduzido.

Uma tradução **literal** segue, na medida do possível, a **forma** da língua em que se encontra a mensagem original. Uma tradução **baseada no significado** tem como objetivo a comunicação do **significado** exato da mensagem original, expressando-o de uma forma natural no novo idioma, ou *língua receptora*. (BARNWELL, 2011, p.15)

O método *baseado no significado* também é conhecido como tradução com equivalência semântica, tradução idiomática e tradução de equivalência dinâmica ou funcional e o método de *tradução literal* também conhecido como tradução por equivalência formal. A partir dos estudos de Katharine Barnwell (2011, p.15) poderemos vislumbrar como a escolha do método de tradução influencia na disposição dos textos.

| |
|--|
| O texto grego com tradução literal (palavra por palavra) em português |
| Poiēsate oun karpon axion tēs metanoias fazei pois fruto digno do arrependimento |
| Traduções em português |
| Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento. (Almeida Revista e Corrigida) |
| Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento. (Almeida Revista e Atualizada) |
| Produzi, então, fruto digno de arrependimento. (A Bíblia de Jerusalém) |
| Deem fruto que mostre o arrependimento. (Nova Versão Internacional) |
| Façam coisas que mostrem que vocês se arrependeram dos seus pecados. (A Nova Tradução na Linguagem de Hoje) |
| Mostrem pelo fruto das vossas ações que estão verdadeiramente arrependidos. (A Bíblia Sagrada – Tradução em Português Corrente) |

(BARNWELL, 2011, p.15)

As traduções A-D são todas mais ou menos **literais**, já que seguem a forma do grego. Nota-se que: 1. Todas elas empregam a palavra “fruto”, embora seja uma expressão característica do grego. 2. As traduções A-D empregam o substantivo abstrato “arrependimento”, seguindo a gramática do texto grego. 3. Todas seguem a mesma ordem sintática das palavras e orações do texto grego. As traduções E e F se baseiam no **significado**. Comunicam o significado da mensagem original de uma forma clara e natural. (BARNWELL, 2011, p.15)

As traduções literais *Almeida Revista e Corrigida*, *Almeida Revista e Atualizada*, *A Bíblia de Jerusalém* e a *Nova Versão Internacional* mencionadas por Barwell reforçam a proximidade com o texto original. Do mesmo modo que as traduções baseadas no significado se aproximam da naturalidade da língua portuguesa como é caso das traduções *A Nova Tradução na Linguagem de Hoje* e *A Bíblia Sagrada – Tradução em Português Corrente*, porém na análise trataremos com mais profundidade da questão.

Fica claro que a escolha do método de tradução para os textos sagrados para o público cristão pode causar proximidade ou distanciamento da língua portuguesa contemporânea, porém há severas críticas acerca de traduções que primam apenas pelo método de tradução baseado no significado, pois essa escolha pode interferir na fidelidade dos textos originais. Nas palavras de Konings (1992, p. 34), a bíblia nos fala como a amigos, a respeito de um assunto que nos interessa: a vida. Logo ao se aplicar ambos os métodos em uma tradução é busca-se chegar a um texto próximo aos originais e ao mesmo tempo permitindo uma melhor compreensão do texto.

O último ponto está relacionado ao fato de algumas traduções procurarem trazer um texto mais atualizado, de acordo com as mais recentes descobertas arqueológicas, que datam

dos três últimos séculos, dentre elas destaca-se a descoberta dos chamados “rolos do mar Morto”. De acordo com a Sociedade Bíblica Brasileira (2020), “descobertas arqueológicas, como a dos manuscritos do mar Morto, continuam a fornecer novos dados aos tradutores e intérpretes da bíblia. Elas têm ajudado a resolver várias questões a respeito de palavras e termos hebraicos e gregos, cujo sentido não era totalmente claro”.

3.4. A tradução de João Ferreira de Almeida

Segundo o especialista Fernandes (2016, p.57) a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (hoje, Sociedade Bíblica Unidas, organismo que congrega cerca de 150 entidade nacionais dedicadas à tradução, produção e distribuição do texto sagrado) trouxe ao Brasil a tradução de Almeida, publicada em 1898. Porém, o trabalho de tradução de João Ferreira de Almeida começa bem antes de sua publicação no Brasil, pois em 1676, ele submeteu a primeira tradução do Novo Testamento ao Presbitério da Igreja Reformada Holandesa na Batávia e a publica em 1681 em Amsterdã, na Holanda.

A obra de João Ferreira de Almeida é a predileta do público protestante no Brasil, mas isso não é de hoje, como afirma Giraldo (2012) essa tradução da bíblia tornou-se a preferida dos *evangélicos brasileiros*¹⁵ durante os séculos XIX e XX, e ainda hoje, início do século XXI, mantém essa preferência. O trabalho é fruto da Reforma Protestante, que começou na Europa em 1517. Nesse sentido, Almeida pretendia dar aos leitores a tradução bíblica em português, pois um dos pontos da crítica reformista era a utilização do latim nos serviços religiosos da igreja.

De acordo com Watts (2011, p.29) a BÍBLIA SAGRADA, em Português, é resultado de mais de 350 anos de esforços dedicados, desde quando João Ferreira de Almeida começou o seu trabalho de tradução, em 1644 e dedica-se a essa tarefa praticamente toda a sua vida. No entanto, esse não era apenas um desejo do tradutor, mas de tradutores e revisores que viveram antes e depois de Almeida, tornando o trabalho tão relevante que até hoje é publicada pela Sociedade Bíblica Brasileira em duas versões de Almeida a *Revista e Corrigida* e a *Revista e Atualizada* e pela Sociedade Bíblica Trinitariana a versão *Almeida Corrigida Fiel*.

¹⁵ Evangélicos é nome que referencia os reformados do século XVI que se autodenominavam “evangélicos” e, atualmente, as igrejas que se identificam com o ideal reformista preferem se autodenominar da mesma forma (BETTENCOURT, 2000). Os *evangélicos brasileiros* surgem de dois movimentos como afirma Mendonça e Velasques Filho (1990), o imigratório, no começo do século XIX e pela viamissionária, ocorrida na mesma época.

3.4.1. Quem foi João Ferreira de Almeida?

João Ferreira de Almeida nasceu em 1628 na cidade de Torres de Tavares, em Portugal. Filho de pais católicos, fica órfão e passa a ser criado e educado por seu tio um clérigo da Igreja Católica Apostólica Romana. Não há registros na histórica que expliquem o motivo, mas em 1642 muda-se para a Holanda e, durante essa viagem, a leitura de um panfleto dá início a uma nova fase da fé de Almeida, como afirma Fernandes (2016, p. 33) leu um folheto em espanhol, produzido pelos protestantes e intitulado *Diferencias de la cristandad* (“Diferenças da cristandade”). A leitura causou-lhe grande impacto; ao desembarcar em Málaga, Almeida converteu-se à Igreja Reformada Holandesa.

Almeida iniciou a tradução do Novo Testamento para o português com apenas 16 anos, e concluiu a tradução em 1644, no entanto, a obra é extraviada o que não impediu a divulgação. Segundo o especialista Fernandes (2016, p.34) o tradutor fez cópias à mão de seu trabalho, as quais foram mandadas para as congregações de Málaga, Batávia e Ceilão (hoje Sri Lanka). É nesse momento que Almeida aprofunda seus estudos sobre as línguas originais da bíblia, o grego e o hebraico, e assim aperfeiçoa sua tradução, e passa a atuar como capelão visitante de doentes.

Conforme Pirola (2016, p.19), em terras holandesas, ele foi ordenado pastor calvinista da Igreja Reformada Holandesa aos 27 anos de idade, vindo a ser o primeiro ministro de culto protestante português, saindo logo um mês depois para a obra missionária no Índico. Em 1657 casou-se com Lucrecia de Lamos, com quem teve dois filhos, no mesmo período foi indicado ao Presbitério de Ceilão, no ano de 1663 volta para Batávia, na ilha de Java, dá continuidade no seu ministério de pastoreio e ao trabalho de tradução da bíblia. Com simplicidade Giraldi (2012) afirma em seu livro “A Bíblia no Brasil – Como um livro proibido durante o Brasil Colônia tornou-se uma das obras mais lidas nos tempos do Império”:

Em 1676, Almeida comunicou ao seu presbitério que a tradução do Novo Testamento estava pronta. *Aí* começou sua batalha para ver o texto publicado. Era necessário obter a recomendação do presbitério, e ela só seria concedida após a aprovação da tradução por uma comissão de revisores. Sem essa recomendação, a Companhia das Índias Orientais, na Holanda, não daria a licença para a publicação. (GIRALDI, 2012 e-book)

No entanto, a aprovação foi concedida cinco anos depois, conforme Giraldi (2012) foi impressa em Amsterdã, por ordem da *Companhia Holandesa das Índias Orientais*¹⁶. Mesmo

¹⁶ Companhia Holandesa das Índias Orientais trata-se de uma companhia majestática de mercadores neerlandeses de interesse comercial, mas após conflitos com os reinos ibéricos passam a apregoar a ortodoxia reformada da Igreja

após a concessão e impressão a obra precisou ser tirada de circulação e fossem destruídas, pois ao manusear a obra foram encontrados muitos erros de tradução e revisão, alguns desses exemplares não foram destruídos apesar da ordem Holandesa, e correções foram feitas à mão para que as comunidades pudessem fazer uso da tradução. Giraldi (2012) afirma que um desses exemplares se encontra hoje no Museu Britânico, em Londres.

Após a tradução ter sido tirada de circulação, as autoridades holandesas solicitaram ao presbitério holandês uma rápida revisão e correção da obra, no entanto, o trabalho demorou dez anos.

Dois anos depois de sua morte, em 1693, a segunda edição revista do Novo Testamento foi finalizada impressa e distribuída na Batávia, com a seguinte apresentação: “O Novo Testamento – isto é, todos os livros do Novo Concerto de nosso fiel Senhor e Redentor Jesus Cristo – traduzido na língua portuguesa pelo reverendo padre João Ferreira de Almeida, ministro pregador do Santo Evangelho nesta cidade de Batávia, em Java Maior. Em Batávia. Por João de Vries, impresso da ilustre Campanhia, e desta nobre cidade. Ano 1693.” (GIRALDI, 2012 e-book)

Enquanto tais fatos se passavam com a publicação do Novo Testamento, Almeida não parou com seu trabalho de tradução, e a partir de 1680, passou a dedicar a maior parte do seu tempo à tradução da Bíblia Sagrada, e em 1683 termina a tradução dos livros de Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, mas no ano de 1691 ele falece, deixando o Antigo Testamento traduzido até o livro de Ezequiel, 48, 21.

O pastor da Igreja Reformada Holandesa na Batávia, Rev. Jacobus Den Akker e amigo pessoal de João Ferreira de Almeida, concluiu a tradução em 1694. Segundo Giraldi (2012) somente 48 anos depois, entre 1742 e 1751, a tradução de Almeida foi revista pelo Rev. João Mauritz Mohr e pelo Rev. Lebrecht Augusto Behmer, e aprovada pelo presbitério. Em 1748 foi publicado o primeiro volume contendo os livros de Gênesis a Ester, no ano de 1753 o segundo volume com os livros de Jó a Malaquias.

3.4.2. Contexto histórico, linguístico e objetivos da obra de João Ferreira de Almeida

O português João Ferreira de Almeida, foi um grande missionário como já mencionado anteriormente, passou por países como Portugal, Holanda e Índia. A passagem por tantos países

Holandesa. Conforme Fernandes (2016, p.49), a atividade holandesa nos mares orientais, a princípio exclusivamente comercial, se transformou, já nas duas primeiras décadas de sua efetividade, uma verdadeira empresa colonizadora, transplantando às suas possessões ultramarinas o seu particular sistema de valores.

é marcada por sua orfandade logo na infância, por uma viagem que fez aos 14 anos e o período que viajara é marcado pela Inquisição a qual se espalhava pela Europa.

De acordo com Fernandes (2016, p.32) o objetivo da Inquisição era sair ao encalço de seguidores e líderes da doutrina protestante surgida no século anterior e que já influenciara fortemente várias nações, como Alemanha, França e Holanda. Almeida mora com o tio em Lisboa e embarca em porto holandês rumo à Batávia, mas seu destino final era em Málaca.

Foi durante a travessia marítima entre a Batávia e Málaca que Almeida, que ainda não completara 15 anos, leu um folheto em espanhol, produzido pelos protestantes e intitulado *Diferencias de la cristandad* (“Diferenças da cristandade”). O texto, de inspiração reformada, atacava doutrinas e conceitos católicos, como a utilização do latim na celebração dos ofícios religiosos, afastando boa parte dos fiéis do entendimento da Palavra de Deus. A leitura causou-lhe grande impacto; ao desembarcar em Málaca, Almeida converteu-se à Igreja Reformada Holandesa. (FERNANDES, 2016, p.33)

Após sua conversão Almeida passa a viajar por vários países e cidades com o desígnio de divulgar o evangelho. E nas palavras de Fernandes (2016, p.33) encontramos o objetivo da obra de João Ferreira de Almeida, “inspirado pela necessidade de aproximar o texto sagrado dos leitores de fala portuguesa, o jovem Almeida decidiu dedicar-se à tradução da bíblia”, pois neste período a língua portuguesa começa a se expandir.

[...] após a expansão marítima e comercial iniciada em fins do século 15, a língua portuguesa era muito utilizada no Sudeste asiático, não apenas na Batávia como em Goa e em Macau. Quando o domínio colonial da região passou para as mãos holandesas, as congregações da Igreja Reformada que iam surgindo utilizavam como língua dominante o português, tanto por asiáticos quanto por cristãos protestantes que haviam se convertido, principalmente do catolicismo. Com o passar dos anos, a quantidade de cristãos de fala portuguesa foi aumentado em Málaca e na Batávia, chegando mesmo, em certas ocasiões, a exceder o de cristãos de língua holandesa. (FERNANDES, 2016, p.33)

Neste ponto do texto podemos destacar que fatores econômicos e sociais foram determinantes para expansão da língua portuguesa na região mencionada. Para Monteiro (2000, p.13) língua e sociedade são duas realidades que se inter-relacionam de tal modo, que é impossível conceber-se a existência de uma sem a outra. E inserido neste contexto João Ferreira de Almeida decide iniciar a tradução para o português do Novo Testamento já que tinha profundos conhecimentos das línguas originais, do latim, do espanhol e de suas culturas. Como afirma Pirola (2016, p.20) era um poliglota multicultural.

O objetivo de apresentar aos falantes da língua portuguesa os textos sagrados jamais seria alcançado se João Ferreira de Almeida não tivesse preparo para desenvolver essa tarefa,

pois o desafio de tradução envolve muitos conhecimentos linguísticos, que abrange o conhecimento gramatical e lexical de uma língua e extralinguísticos, que faz referência ao modo como um determinado grupo linguístico se comunica e os fatores pelos quais o fazem de determinada maneira. Conforme Sayão:

Os autores do texto bíblico e os escribas que fizeram milhares de cópias dos manuscritos bíblicos antigos viviam num mundo muito diferente. Falavam línguas (hebraico, aramaico e grego) que ainda procuramos compreender, pertenciam a uma cultura muito distinta e não redigiam textos conforme a expectativa moderna. Por essa razão, nem todos os textos bíblicos são tão fáceis de ser entendidos, nem mesmo pelos peritos e especialistas nas línguas originais. Às vezes, a construção da frase não segue a gramática comum da língua; em outras ocasiões, ficamos em dúvida sobre onde devemos dividir a frase (a pontuação do texto grego do Novo Testamento, por exemplo, não faz parte do original); em certas passagens bíblicas, há palavras difíceis de ser compreendidas, pois o seu significado comum não cabe no contexto. (SAYÃO, 2017)

Mesmo em um período em que o acesso à formação acadêmica era privilégio de poucos João Ferreira de Almeida não perdera a oportunidade de ampliar seus conhecimentos. Segundo Fernandes (2016, p. 34) João Ferreira de Almeida permaneceu em Málaca até o ano de 1651, quando se transferiu para o Presbitério da Batávia. Ali, foi aceito como capelão da Igreja Reformada Holandesa e começou a estudar Teologia, enquanto se preparava para revisar trechos do Novo Testamento que havia traduzido. Almeida passou adotar nesse período um discurso marcado pelas críticas ao romanismo e assumiu publicamente posições anticatólicas, desta maneira começa a enfrentar vários problemas como o furor inquisitório.

Devido aos confrontos que teve nas cidades de Galle e Colombo, assim como em Tuticorin, no sul da Índia, onde foi pastor por cerca de um ano, Almeida foi julgado e condenado à morte por heresia pelo tribunal da Inquisição, na cidade de Goa, em 1661. Só escapou da execução porque o governador-geral holandês na Batávia o convocou de volta, agora em definitivo. (FERNANDES, 2016, p.34)

Sendo assim, a tradução de João Ferreira de Almeida pode ser vista como fonte de estudos para tradutores, revisores, biblistas, filólogos, teólogos e pesquisadores, já que a obra desse renomado tradutor pode ser considerada um marco da literatura portuguesa, por ser a bíblia um livro composto por diversos gêneros literários. Ademais, para Scholz (2009, p.138) a tradução é o desafio de adaptar o texto aos vários dialetos falados em diferentes partes em nosso país.

3.4.3. Característica da tradução de João Ferreira de Almeida

Em 1580, o português era uma língua mundial – a primeira língua da história a ter núcleos de fala em todos os continentes. Era falada em Portugal e na costa do Brasil; em diversas feitorias na costa da África (em regiões que hoje fazem parte de Guiné, Angola, Cabo Verde, Moçambique, por exemplo); em algumas colônias portuguesas na Ásia: Goa, Bombaim e Macau. Além disso, era a língua de maior difusão em todo o imenso trajeto que vai da Europa, contornando a África, passando pela Índia e a Malásia, até a China e o Japão. (SCHOLZ, 2009, p.122)

Assim como mencionado por Scholz, o português foi uma das línguas utilizadas por nove países de quatro continentes diferentes, e quando se converteu ao protestantismo João Ferreira de Almeida não teve dificuldades em ter acesso à leitura dos textos sagrados uma vez que dominava várias línguas, pois como afirma Cavalcante Filho (2013), “aos dezesseis anos de idade traduz para o português boa parte do Novo Testamento a partir da edição latina de Beza (uma versão Reformada), auxiliado pelas traduções de Cassiodoro de Reyna (espanhol) e a de Giovanni Diodati (italiano)” que estavam disponíveis na época. Seu engajamento com o movimento da Igreja Reformada, fez com que se desdobrasse boa parte de sua vida com a tarefa de traduzir a bíblia para o português.

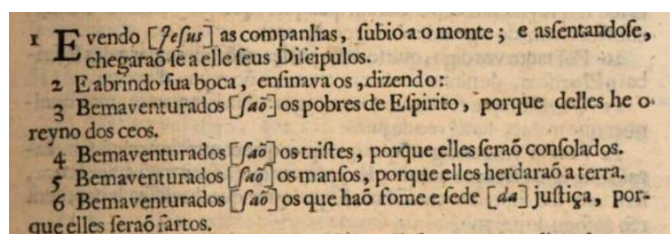
Segundo Pirola, (2016, p.20) críticos afirmam ainda hoje que o seu texto, elegante, revela que João Ferreira tinha profundos conhecimentos não só das línguas bíblicas originais como, também, de latim e das culturas afeitas a esses idiomas. Dessa maneira, podemos afirmar que a obra de João Ferreira de Almeida apresenta aos leitores da época uma tradução da bíblia harmônica com o português, mas ao mesmo tempo seguindo a organização sintática das línguas originais, pois *Como era comum na época, usou o método da equivalência sintática, que subordinava o conteúdo à forma* (PIROLA, 2016, p.20).

João Ferreira de Almeida fora muito rigoroso com sua obra e antes de mesmo de sair do prelo em janeiro de 1681, o próprio Almeida publica uma advertência com uma lista de mil erros da edição bíblica que haveria de ser publicada, pois a revisão da obra fora feita por holandeses que não eram especialistas na língua portuguesa. Como descrito por Geisler e Nix (2006, p.249) por conhecer o hebraico e o grego, Almeida pôde utilizar-se dos manuscritos dessas línguas, calcando suas traduções no chamado *Textus receptus*¹⁷, do grupo bizantino. Sua tradução foi balizada na tradução holandesa, francesa (Genebra, 1588), italiana (Diodati, 1641), espanhola (Reyna Valera, 1569) e latina (Vulgata).

¹⁷ De acordo com Oliveira (2016, p.13) o texto grego editado primeiramente por Erasmo de Roterdã, no século 16, usado para muitas traduções como a de Luterano e outros reformadores.

No século 13, um clérigo inglês, Stephen Langton – que se tornou depois, bispo de Cantuária –, vai introduzir a divisão em capítulos. E, cerca de 300 anos mais tarde, Robert Estienne introduz, na França, a divisão dos capítulos em versículos. Assim, temos esse precioso legado diante de nós em pleno século 21, cerca de 3.200 anos depois que ela começou a ser escrita. (JR. GONÇALVES, 2016, p. 42)

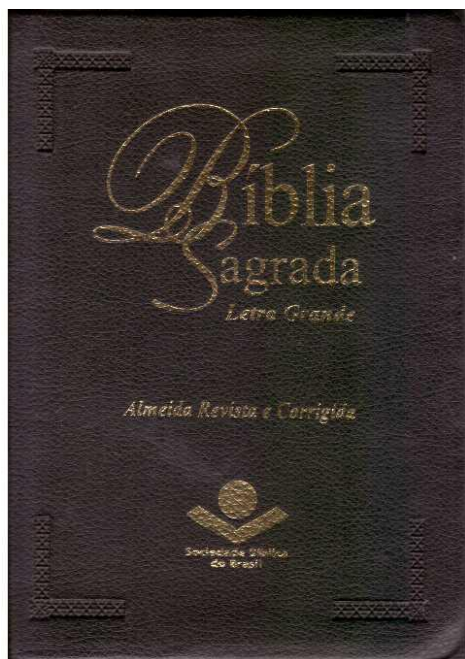
Silva (2007, p.42) explica que quanto à produção impressa, são apontados os aspectos nos quais essa nova tecnologia impulsionou a elaboração de instrumentos e formatos que permitissem também a hipertextualidade na Bíblia. A tradução de João Ferreira de Almeida, impressa no ano de 1681, já seguia a apresentação dos livros organizados em capítulos e versículos como temos na atualidade. No entanto, o texto não era estruturado em colunas como das traduções mais recentes, como podemos confirmar na imagem.



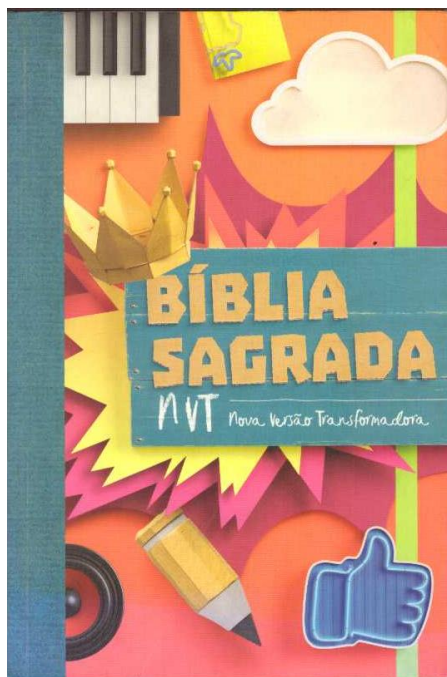
Tradução de João Ferreira de Almeida (1681).

A primeira impressão do Novo Testamento no Brasil também seguiu a mesma hipertextualidade da Bíblia de 1681 como afirma Giraldi (2012), sendo impresso em 1879, na Tipografia Preservada, em uma só coluna. Com o passar do tempo a Bíblia foi ganhando forma quanto a sua hipertextualidade até que chegamos ao que temos na contemporaneidade. Conforme Silva (2007, p.78), da transmissão oral à imprensa moderna, a Bíblia desenvolveu uma forma peculiar de construir a narrativa que serviria para orientar e definir os contornos do Cristianismo.

Ainda nas palavras de Silva (2007, p.78), nunca passou pela mente daqueles que participaram das diferentes etapas desse processo que um dia essa forma de estrutura narrativa poderia ser relacionada ao que se entende atualmente por hipertextualidade. Embora tenhamos uma infinidade de traduções com linguagens que ora se aproximam, ora se distanciam do português contemporâneo a forma como os textos sagrados se apresentam tende a ser a mesma na atualidade como podemos vislumbrar nas imagens.



Tradução de João Ferreira de Almeida – Edição Revista e Corrigida¹⁸ (2011).

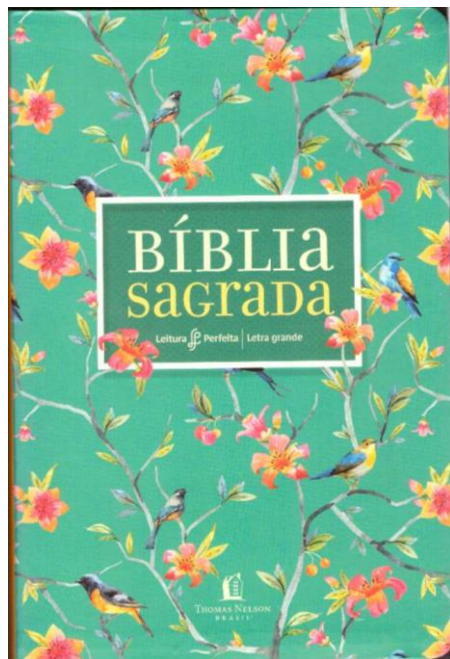


Bíblia Sagrada – Nova Versão Transformadora¹⁹ (2016).



¹⁸ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 4ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

¹⁹ BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Transformadora. 1. ed. – São Paulo: Mundo Cristão, 2016.



Bíblia Sagrada – Nova Versão Internacional²⁰ (2018).

MATEUS 4:18

Jesus chama os primeiros discípulos
(Mc 1:16-20; Lc 5:1-11; Jo 1:35-42)
"Andando à beira do mar da Galiléia, Jesus viu irmãos Simão, chamado Pedro, e seu irmão André. Eles estavam lançando redes ao mar, pois eram pescadores. "E disse Jesus: "Sigam-me, e eu os farei pescadores de homens." No mesmo instante eles deixaram as suas redes e o seguiram.
" indo adiante, viu outros dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão. Eles estavam num barco com seu pai, Zebedeu, preparando as suas redes. Jesus os chamou, e eles, deixando imediatamente seu pai e o barco, o seguiram.

Jesus ensina o povo e cura os doentes
"Jesus foi por toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas deles, pregando as boas novas do Reino e curando todas as enfermidades e doenças entre o povo. "Notícias sobre ele se espalharam por toda a Síria, e o povo lhe trouxe todos os que sofriam de vários males e tormentos: endemoninhados, loucos e paralíticos; e ele os curou. "Grandes multidões o seguiam, vindas da Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judeia e da região do outro lado do Jordão.

As bem-aventuranças
(Lc 6:20-23)
"Vendo as multidões, Jesus subiu ao monte e se assentou. Seus discípulos aproximaram-se dele, e ele começou a ensiná-los, dizendo:

"Bem-aventurados^a os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos céus.
"Bem-aventurados os que choram, pois serão consolados.
"Bem-aventurados os humildes, pois eles receberão a terra por herança.
"Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois serão satisfeitos.
"Bem-aventurados os misericordiosos,

^a 4:23 Grego: humildes.
^b S'3 Isto é, como são felizes; também nos versículos 4 a 5.

912

pois obterão misericórdia.
"Bem-aventurados os puros de coração, pois verão a Deus.
"Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus.
"Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, pois deles é o Reino dos céus.

"Bem-aventurados serão vocês quando, por minha causa, os insultarem, os perseguirem e levantarem todo tipo de calúnia contra vocês. "Alegram-se e regozijem-se, porque grande é a sua recompensa nos céus, pois da mesma forma perseguiram os profetas que viveram antes de vocês.

O sal da terra e a luz do mundo
"Vocês são o sal da terra. Mas se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens.

"Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. "E, também, ninguém acende uma candêla e a coloca debaixo de uma vasija. Ao contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa. "Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus.

Jesus cumpre a lei
"Não pense que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir. "Logo-lhe a verdade: Enquanto existirem céu e terra, de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra. "Todo aquele que desobedecer a um desses mandamentos, ainda que dos menores, e ensinar os outros a fazerem o mesmo, será chamado menor no Reino dos céus; mas todo aquele que praticar e ensinar estes mandamentos será chamado grande no Reino dos céus. "Pois eu lhes digo que se a justiça de vocês não for muito superior à dos fariseus e mestres da lei, de modo nenhum entrarão no Reino dos céus.

Outro aspecto relevante foram as revisões pelas quais a tradução de João Ferreira de Almeida foi submetida. A primeira revisão completa foi no ano de 1875, impressa em Lisboa, pela gráfica Lallemand Frères e intitulada *Revista e Correcta*, feita por Manoel Soares, João José da Graça e R. B. Girdlestone. Nessa revisão, de acordo com Fernandes (2016, p.34), o texto foi cuidadosamente revisado para eliminar erros ainda remanescentes.

Apesar do grande sucesso comercial essa tradução perde lugar para versão *Almeida Revista e Corrigida*, lançada em 1898 pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, foi a primeira versão da bíblia na língua portuguesa a contar com a participação de brasileiros em sua produção (FERNANDES, 2016, p. 35). O objetivo dessa revisão foi adequar a tradução de João Ferreira de Almeida ao português falado no Brasil, pois como explica Giraldi (2012) já estava difícil harmonizar a língua portuguesa falada no Brasil com a usada em Portugal.

Não podemos deixar de mencionar a revisão do Novo Testamento feita pelo erudito inglês Thomas Boys de 1869 intitulada *Versão Revista e Reformada*, também do Novo Testamento a revisão *Primeira Edição Brasileira*, de 1879 do Rev. Alexander Latimer Blackford, e a *Revisão João Nunes Chaves* de 1894, cujo objetivo era revisar a ortografia da tradução de João Ferreira de Almeida.

A primeira é a Bíblia Sagrada traduzida em Português por João Ferreira de Almeida versão *Revista e Corrigida* cuja última revisão foi feita em 2009 pela Sociedade Bíblica

²⁰ BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Internacional. 1. ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

Brasileira a fim de atualizá-la com a reforma ortográfica da língua portuguesa e com algumas alterações textuais. Conforme a Sociedade Bíblica Brasileira (2020), a edição de 1898, feita em Lisboa, viria a ser conhecida como Almeida Revista e Corrigida e o princípio de tradução usado para essa edição foi o de equivalência formal e segundo Fernandes (2016, p.57) essa versão tem grande aceitação, no Brasil e em Portugal.

Em 2017, a Sociedade Bíblica Brasileira (SBB) lança a edição *Nova Almeida Atualizada (NAA)*, que é uma revisão da edição *Almeida Revista e Atualizada (ARA)*. De acordo com Fernandes (2016, p.58) a ARA é uma das versões mais utilizadas pelos evangélicos no Brasil. E a pedido desse público a SBB entrega aos seus leitores um texto que preza pela melhor compreensão do texto bíblico mantendo a fidelidade dos textos originais, apresentando o texto clássico de Almeida em linguagem atual, cuja sonoridade da leitura a torna ideal para leitura em cultos, leitura em voz alta, leitura individual, memorização e estudo pessoal.

A edição ARA já passou por três revisões, a primeira em 1959, a segunda em 1993 que de acordo com Barnwell (2007, p.19) fez-se uma acurada revisão da pontuação, foram corrigidas algumas falhas de revisão e consertados uns poucos erros de concordância. Porém, a revisão NAA de 2017 fez alterações na estrutura sintática seguindo aos padrões naturais do português com sujeito antes de verbo, substituição de mesóclises, substituição de vocábulos considerados arcaicos para o português atual e troca dos pronomes pessoais do caso reto “tu” e “vós” pelos pronomes pessoais de tratamento “você” e “vocês”. As revisões precisam ser feitas periodicamente, pois a língua é viva e passa por processos dinâmicos e naturais de variação e mudança.

A seguir, apresentaremos as mudanças sintáticas encontradas em um fragmento da bíblia, no Novo Testamento, chamado de Sermão do Monte, que compreende os capítulos 5, 6 e 7 do Evangelho segundo Mateus, em revisões da tradução feita por João Ferreira de Almeida.

4. O SERMÃO DO MONTE (Mateus 5-7)

O Sermão do Monte faz parte de um grupo de trechos bíblicos conhecidos pelos leitores da bíblia, pois “este grande discurso em Mateus tem a justiça de Deus como eixo central e norteador da práxis de Jesus e da Igreja” (REIMER, 2018, p.139). Para Campos (2014, p.61), o Sermão do Monte é, provavelmente, a parte mais conhecida dos ensinamentos de Jesus.

As Bem-Aventuranças, como também é conhecido o Sermão do Monte, está registrada no Novo Testamento, no evangelho de Mateus, capítulos 5, 6 e 7, que faz parte do grupo dos quatro Evangelhos: de Mateus, Marcos, Lucas e João, “três dos quais são *sinópticos* (palavra de origem grega que significa ‘compartilhar o mesmo ponto de vista’)” (MACARTHUR, 2014, p. 13), são classificados como sinópticos os livros de Mateus, Marcos e Lucas.

Dentre os evangelhos sinópticos, o evangelho de Mateus é o que mais destaque dá aos discursos de Jesus (CAMPOS, 2014, p.61). O que nos guiou a escolher o Sermão da Monte para a análise das mudanças sintáticas na tradução de João Ferreira de Almeida é que esse sermão “se constitui como um dos grandes blocos discursivos de Jesus (IZIDORO, 2011, p.94)”. Por se tratar de um texto que busca representar o discurso de Jesus apresenta características específicas em sua estrutura sintática que serão apresentadas no capítulo seguinte.

Outro fato relevante é o da semelhança do Sermão da Planície, o qual se encontra no livro de Lucas, 6, 17-49 com o Sermão do Monte no evangelho de Mateus, Lucas representa o discurso de Jesus em trinta e três versículos, Mateus usa cento e onze versículos para escrever o mesmo discurso.

Para os autores Dianne Bergant e Robert J. Karris o Sermão do Monte está organizado em quatro partes:

Mateus juntou ditos tradicionais e os expressou em uma epítome do ensinamento de Jesus, com a seguinte estrutura: A parte introdutória (5,1-20) descreve os que são felizes (5,3-12), o papel dos discípulos (5,13-16) e o papel de Jesus (5,17-19). A segunda parte principal (5,21-48) contrasta a santidade ou a justiça dos especialistas, na interpretação veterotestamentária (os escribas), e a santidade ou justiça ensinada por Jesus. A terceira parte (6,1-18) adverte contra a santidade puramente exterior, cultivada por grupos como o dos fariseus, e a quarta parte (6,19-7,29) dá mais conselhos aos cristãos em sua busca da santidade (BERGANT; KARRIS, 1999, p. 17).

A organização do Sermão do Monte apresentada pelos autores mencionados revela uns dos atributos de Jesus, que se refere ao seu ministério de ensino, pois Mateus narra que um número expressivo de pessoas ouviam Jesus: “*Jesus, vendo a multidão [...] (MATEUS²¹, 5,1)* e que Jesus procurou um local onde pudesse se assentar e ensinar: “[...] *subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos; e abrindo a boca, os ensinava, dizendo: Bem-aventurados [...] (MATEUS²², 5,1-3)*. O número de ouvintes e a finalidade do discurso de Jesus o levaram a buscar local onde pudesse ter uma acústica adequada e ao mesmo tempo conforto para ensinar.

Domingues explica:

A palavra ensino de origem latina *insignare*, traz como significado as ações de apontar numa direção, fazer ou marcar com um sinal, gravar, assinalar, colocar signos, o que indica a presença de uma linguagem fortemente marcada por códigos. Essa mesma palavra, na origem grega, vem de *didasko*, que significa estender a mão para. Nesta acepção, o ensino é percebido como um ato puramente relacional e envolve muito mais que uma transmissão oral de algum conteúdo. Isso sinaliza para o lado humanizador do ensino, que busca resgatar, ajudar, possibilitar que a segunda pessoa nesta relação consiga superar obstáculos. É como se por meio do ensino quisesse-se abrir os olhos do aprendente, para o que não se consegue ver por um dado momento. Interessante que a palavra *didasko* aparece 95 vezes no Novo Testamento e destas, 38 se encontram nos Evangelhos, o que indica a relevância deste tema no contexto bíblico e no ministério de Jesus. (DOMINGUES, 2015, p. 43)

Domingues elucida sobre a origem da palavra ensino e a relevância do ensino para o ministério de Jesus e, ao olharmos para o Sermão do Monte, observa-se que Jesus “supera o círculo íntimo dos seguidores (IZIDORO, 2011, p. 95)”. De acordo com o filósofo cristão Huberto Rohden (2008, p. 122) “O Sermão da Montanha [...] é o maior documento de espiritualidade que o mundo conhece [...]” o que justifica a atenção dos ouvintes ao ser proferido na época e porque é um trecho bíblico tão conhecido na contemporaneidade.

4.1 Aspectos históricos

Para se compreender o horizonte histórico do Sermão do Monte faz-se necessário mencionar que ele foi proferido na Galileia. A palavra “galileia” vem do hebraico *galil*, empregada desde o Antigo Testamento, que significa círculo ou distrito. Atualmente, é uma

²¹ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. **Revista e Corrigida**. 4ª ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

²² BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. **Revista e Corrigida**. 4ª ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

região que pertence ao Estado de Israel e integra a maior parte do Distrito Administrativo do Norte do país (BECKER; BATISTA e RUSSINI, 2017, p.81).

No período do Novo Testamento “a região norte e mais alta da Galileia era predominantemente coberta de florestas e possuía uma população espalhada e a região é a mais baixa da Galileia e mais densamente povoada, pois contava com muitas terras férteis regadas por ribeiros que fluíam das montanhas” (CONEGERO, 2017). Jesus nasceu em Belém, passou a infância, adolescência e parte da vida adulta em Nazaré, e foi na Galileia que deu início ao seu ministério.

Os ouvintes do discurso do Sermão da Monte sofriam com a pressão do Império Romano. Conforme Lima (2010, p.3), décadas antes do nascimento de Jesus, toda a Palestina viu-se diante de uma drástica mudança de caráter político que transformaria significativamente a vida de todos daquele lugar, e também determinaria as condições de vida das gerações subsequentes.

O Império de Roma na época podia ser definido como *império agrário mercantil*, sobre esse modelo de império John Doninic explica:

“[...] *no império agrário tradicional*, a aristocracia toma o produto excedente da classe camponesa; *no império agrário mercantil*, a aristocracia toma a terra da classe camponesa. O primeiro devora o esforço e o produto dos camponeses, o segundo a própria identidade e dignidade deles [...]. No império agrário tradicional, a terra é herança familiar a ser conservada pela classe camponesa. No império agrário mercantil, a terra é mercadoria empresarial a ser explorada pela aristocracia. (CROSSAN, 1995, p. 201-202)”.

Logo, podemos encontrar no texto do Sermão do Monte tais dificuldades enfrentadas por esse modelo político elucidadas por Carter:

Descrevem não qualidades pessoais, mas situações de aflição ou infortúnio, que são honradas ou estimadas porque o reinado de Deus as revoga. As primeiras quatro bem-aventuranças criticam a tribulação política, econômica, social, religiosa e pessoal que resulta da elite poderosa que aprimora sua posição à custa dos demais. (CARTER, 2002, p. 178-179).

E pelo viés da sociolinguística sabemos que o momento histórico vivido tanto por Jesus como pelo autor do texto Mateus deixara marcas no texto, pois “a história de uma língua é a história de seus falantes” (CALVET, 2002, p.12). Muitos estudiosos do texto mateano, dentre eles Warren Carter já mencionado, afirmam que no evangelho de Mateus fora escrito na cidade Antioquia. “[...] existem boas razões para pensar que o Evangelho de Mateus foi escrito na cidade de Antioquia, na província romana de Síria, nas últimas duas décadas do primeiro

século, fundada aproximadamente no ano 300 a.C. por Seleuco I (CARTER, 2002, p.34). Sobre a situação econômica e social de Antioquia na Síria, Carter afirma:

[...] notáveis eram os grandes latifundiários, cuja riqueza provinha de seu controle sobre a terra e matérias-primas. Enquanto alguns ricos consideravam o comércio como inferior e via a riqueza proveniente das terras como preferível, o comércio, no entanto, parece ter proporcionado uma fonte subsidiária de renda. Alguns comerciantes sem terras podiam alcançar uma riqueza considerável, mas muitas vezes careciam de poder social ou político (CARTER, 2002, p.39).

É possível observar que apesar de se tratar de uma região com grande potencial econômico, o nível de desigualdade social era grande e que tal desigualdade advinha do modelo político estabelecido na região. Alguns estudiosos como o Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, José Luiz Izidoro levanta a possibilidade de o Sermão do Monte denunciar a desigualdade imposta pelos que detinham o poder religioso, político e social da época.

Entre essa realidade de Antioquia da Síria se situa a audiência à qual se dirigiu o evangelho de Mateus, e possivelmente onde também poderia ser gestado o próprio evangelho. Considerando os “sujeitos” das Bem Aventuranças, poderíamos inferir proposições ou afirmações que se tratasse dos “sujeitos marginalizados” do contexto social, econômicos e político de Antioquia. Porém, isto não seria verdadeira para todo o Evangelho de Mateus (IZIDORO, 2011, p. 93).

E continua:

As Bem Aventuranças, no Sermão do Montanha, se apresenta como um catálogo de virtudes aos “sujeitos” pobres e despossuídos, humildes e que choram, que tem fome e sede de justiça, que são perseguidores. As virtudes se constituem como bem aventuranças ou felicidade, e a promessa é o reino dos céus, a consolação, a terra, a justiça, a misericórdia, e serão chamados filhos de Deus (IZIDORO, 2011, p. 93).

O discurso de Jesus registrado no evangelho de Mateus, além dessas denúncias de desigualdades sociais narrados no Sermão do Monte, também apontam que o autor “desejava principalmente convencer os seus leitores ou reafirmar-lhes que Jesus é o Cristo das expectativas veterotestamentárias (HARE, 1967, p.170)”.

4.2 Autoria do evangelho de Mateus

De acordo com Frank Stagg (1986, p.102), a tradição sustenta que o nosso Evangelho foi escrito por Mateus, um dos doze apóstolos. Mateus morava na cidade de Cafarnaum, “o

nome, Cafarnaum, origina-se de Kefar Nahum (do aramaico) e significa “vila ou aldeia de Naum” (BECKER; BATISTA e RUSSINI, 2017, p.81). Em Cafarnaum Mateus trabalhava como funcionário público do império e foi no exercício de sua profissão que Jesus o encontra e convida-o para segui-lo. Tal foi narrado nos livros de Mateus, Marcos e Lucas.

No evangelho de Mateus:

E Jesus, passando adiante dali, viu assentado na alfândega um homem chamado Mateus e disse-lhe: Segue-me. E ele, levantando-se, o seguiu (MATEUS²³, 9,9, p.1257).

No evangelho de Marcos:

E tronou a sair para o mar, e toda a multidão ia ter com ele, e ele os ensinava. E, passando, viu Levi, filho de Alfeu, sentado na alfândega e disse-lhe: Segue-me. E, levantando-se, o seguiu (MARCOS²⁴, 2,13-14, p.1299).

No evangelho de Lucas:

E, depois disso, saiu, e viu um publicano, chamado Levi, assentado na recebedoria, e disse-lhe: Segue-me (MARCOS²⁵, 5,27, p.1341).

Pode-se observar que há uma variação no registro do nome de Mateus, pois nos evangelhos de Marcos e Lucas é registrado o nome de Levi. De acordo com Frank Stagg (1986, p.102) parece certo que Mateus 9:9-13, Marcos 2:13-17 e Lucas 5:27-32 são paralelos, referindo-se ao mesmo coletor de impostos. Em ambos os evangelhos o relato acontece logo depois a cura do paralítico em Cafarnaum e após registro da parábola do Vinho Novo em Odes Velhos.

Quando nos pomos a examinar mais de perto este assunto, começamos a nos dar conta de que abundam as razões para acreditar que Marcos deve ter sido o primeiro evangelho a ser escrito, e que os outros dois sinóticos, Mateus e Lucas, usam Marcos como base (BARCLAY, 1959, p.5-6). Sendo assim, é possível mensurar que o autor do evangelho de Mateus usou o texto de Marcos como base e acrescentou em seu texto os ensinamentos de Jesus.

²³ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 4ª ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

²⁴ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 4ª ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

²⁵ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 4ª ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

E com base nesses registros acerca dos ensinamentos de Jesus, fica claro que Mateus não era bem-vindo entre aqueles que o acompanhavam, uma vez que “exercia o seu ofício sobre a autoridade de Herodes Antipas, nas vizinhanças de Cafarnaum; e a sua função era receber os impostos ou taxas das mercadorias transportadas pela estrada Damasco-Acre e possivelmente lançar impostos sobre a pesca e outros negócios em sua região” (STAGG, 1986, p.102) e, por isso, era abominado. O sentimento de ódio é confirmado nas palavras de Barclay (ano, p.9-10), pois os judeus odiavam aos membros de sua própria nação que tinham entrado ao serviço civil de seus conquistadores.

Questionado pelos fariseus ao assentar-se à mesa com Mateus, Jesus responde: “Não necessitam de médico os sãos, mas sim, os doentes. Ide, porém, e aprende o que significa: Misericórdia quero e não sacrifício. Porque eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento (MATEUS²⁶, 9,12-13, p.1257)”. Mateus passa a integrar o grupo dos discípulos de Jesus e usa suas habilidades com a escrita para registrar os ensinamentos de Jesus.

A maioria dos discípulos eram pescadores. Sua habilidade para expressar-se por escrito deve ter sido muito reduzida. Mas Mateus era sem dúvida um perito neste campo. Quando Jesus o chamou, estando ele sentado no banco de cobrador de impostos, Mateus se levantou e o seguiu deixando tudo [...] (BARCLAY, ano, p.10).

Sobre o período em que foi escrito no evangelho de Mateus, Stagg (1986, p.104) escreve que “é impossível fixar uma data entre 70 d.C. e 90 d.C., pois não existe nenhum evento notável, pelo qual possamos ser guiados, nas décadas de 70 ou de 80, algumas vezes chamadas de “período do túnel”.

4.3 Características textuais do Sermão da Monte

Elucidaremos agora sobre as características textuais do Sermão da Monte: o sermão trata-se do discurso de Jesus aos seus discípulos e demais ouvintes que o seguiam e tal passagem bíblica é narrada com mais detalhes no evangelho de Mateus do que nos livros de Marcos e Lucas, pois como já mencionado anteriormente os livros de Mateus, Marcos e Lucas são sinópticos.

²⁶ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 4ª ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

Embora hoje possamos afirmar com exatidão a localização de textos bíblicos, como o do Sermão do Monte, nem mesmo o vocábulo *bíblia* era usada no período em que o Antigo e Novo Testamento foram escritos.

A palavra *Bíblia* (Livro) entrou para as línguas modernas por intermédio do francês, passando primeiro pelo latim *biblia*, com origem no grego *biblos*. Originariamente era o nome que se dava à casca de um papiro do século XI a.C. Por volta II d.C., os cristãos usavam a palavra para designar seus escritos sagrados (GEISLER E NIX, 2006, p.5)

E assim como os autores da bíblia ao escrevê-la desconheciam tal termo, também não a escreveram em capítulos e versículos como temos na atualidade.

As Bíblias mais antigas não eram divididas em capítulos e versículos. Essas divisões foram feitas para facilitar a tarefa de citar as Escrituras. Stephen Langton, professor da Universidade de Paris e mais tarde arcebispo da Cantuária, dividiu a Bíblia em capítulos em 1227. Robert Stephanus, impressor parisiense, acrescentou a divisão em versículos em 1551 (GEISLER E NIX, 2006, p.9).

A organização da bíblia em capítulos e versículos nos permite além de citar, analisar e compreender as características do texto. Ao longo dos 3 capítulos e 111 versículos que juntos compõem o Sermão da Monte há utilização de inúmeras palavras e fatos triviais como a utilização de candeias, objeto comum da época usado para clarear ambientes em Mateus²⁷, 5, 15: *nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas, no velador, e dá luz a todos que estão na casa.*

Outra característica do sermão é a utilização de frases curtas. Como observa John M. Price (2008, p.8) Jesus usa em seu discurso, “expressões proverbiais curtas e incisivas, que atraem a atenção, inculcam a verdade e se fixam na memória”. Campos (2014, p.64) exemplifica:

Vocês são o sal da terra [...] Vocês são a luz do mundo [...] Portanto, sejam perfeitos como perfeito é o Pai celestial de vocês [...] Não sejam iguais a eles, porque o seu Pai sabe do que vocês precisam, antes mesmo de o pedirem [...] Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração [...] Ninguém pode servir a dois senhores [...] Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro [...] Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas [...] Não julguem, para que vocês não sejam julgados [...] Peçam, e lhes será dado [...] Busquem, e encontrarão [...] Batam, e a porta lhes será aberta [...] Vocês os reconhecerão por seus frutos (Mt 5.13a, 13b, 48; 6.8, 21, 24a, 24b, 33; 7.1, 7a, 7b, 7c, 16) (CAMPOS, 2014, p.64).

²⁷ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 4ª ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

As frases curtas facilitam a memorização e dão destaque aos ensinamentos de Jesus. Tais ensinamentos são reforçados com a recorrência de perguntas, usadas para “chamar e prender a atenção [...] provocar pensamentos [...] aclarar e aprofundar as impressões” (PRICE, p.132). Ao longo do Sermão do Monte “Jesus fez dezenove perguntas” (CAMPOS, 2014, p. 64). O autor, também, dá ênfase à ocorrência das antíteses²⁸ e cita “Vocês ouviram o que foi dito...eu, porém, vos digo... (cf. Mt 5.21, 22, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 38, 39, 43, 44)” (CAMPOS, 2014, p. 65).

Outras figuras de linguagens são usadas por Jesus em seu discurso como comparação, metáforas e hipérboles, pois buscava “entrelaçar a explicação, ilustração e a aplicação de princípios” (CAMPOS, 2014, p. 65). No capítulo seguinte trataremos da estrutura e mudança sintática das traduções de João Ferreira de Almeida de 1681 e 2011, pelo viés da sociolinguística.

²⁸ De acordo com Houaiss (2015, p. 65), ideia que é o oposto de uma outra ideia.

5. MUDANÇAS SINTÁTICAS NO SERMÃO DO MONTE

Conforme mencionamos em vários momentos desta dissertação, nosso objetivo é apresentar as mudanças sintáticas no Sermão do Monte na tradução de João Ferreira de Almeida (século XVII – XXI), inserido no Evangelho de Mateus, capítulos 5 a 7. A seguir, faremos considerações pertinentes sobre a sintaxe da língua portuguesa.

De acordo com Coutinho (1976), a sintaxe ocupa-se das palavras relacionadas umas às outras na frase. Dessa maneira, faz-se necessário o domínio da morfologia, pois a morfologia estuda a estrutura, formação e classificação das palavras e, por conseguinte, da sintaxe, uma vez que a sintaxe trata das relações estabelecidas entre as palavras. Sobre a análise sintática, Kury conceitua que

A análise sintática serve para tornar “claras e racionalmente perceptíveis as relações entre os membros da frase” (sua concordância, sua regência, sua colocação); serve, mais, como elemento de verificação da boa construção de uma frase: “a análise lhe revelará o ponto fraco, a estrutura mal urdida”; permite, ainda, racionalizar a pontuação. (KURY, 1985, p.13)

Para Silva e Koch (1986), toda frase de uma língua consiste em uma organização, uma combinação de elementos linguísticos agrupados segundo certos princípios, que a caracterizam como uma estrutura. Ou seja, a língua tem dois eixos de funcionamento: o eixo paradigmático que é a seleção, e o eixo sintagmático, que é a combinação. Nos quadros abaixo, temos os signos disponíveis no eixo paradigmático e sintagmático.

EIXO PARADIGMÁTICO

| SUBSTANTIVO | ARTIGO | VERBO | PREPOSIÇÃO | ADVÉRBIO | PRONOME |
|-------------|--------|-------|------------|----------|---------|
| Jesus | a | vendo | ao | quando | aquelas |
| multidão | as | ver | | | |
| multidões | | viu | | | |

EIXO SINTAGMÁTICO

| | |
|-------------------------------|----------------------------|
| VERSÃO A ²⁹ | Jesus, vendo a multidão, |
| VERSÃO B ³⁰ | Ao ver as multidões, Jesus |
| VERSÃO C ³¹ | Vendo as multidões, Jesus |

²⁹ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 4ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

³⁰ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada. 3ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

³¹ BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Internacional. 1. ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

Sendo assim, a análise sintática estuda as combinações e, ao mesmo tempo, como mecanismo. verifica as construções de uma frase. As línguas apresentam características em sua estrutura sintática, diferenciando-se umas das outras, e tais características são decorrentes de sua origem, do modo de colonização, do contato com outras línguas, do processo de evolução da própria língua com o passar do tempo, dentre outros fatores que as caracterizam.

Para Galves (2001), a principal característica sintática do português do Brasil é que ele é uma língua de tópico, diferentemente do português de Portugal e das demais línguas latinas. Assim como Galves, usaremos nesta demonstração as abreviações SN (sintagma nominal) e V (verbo) para observar a frase ‘*Jesus, vendo a multidão*’. Repare no SN *a multidão*, em que ‘*multidão*’ é o nome e ‘*a*’ é o determinante, ou seja, o SN ‘*a multidão*’ é um tópico da frase ‘*Jesus, vendo a multidão*’. O sintagma consiste, portanto, num conjunto de elementos que constituem uma unidade significativa dentro da oração e que mantêm entre si relações de dependência e de ordem (SILVA e KOCH, 1986).

Um sintagma é um elemento linguístico de nível inferior ao da frase e que possui na sua forma elementos linguísticos de nível sintático ainda mais baixo, em geral, ele combina pelo menos dois elementos. (GUIMARÃES, 2005, p.26)

Em outras palavras, o fato de o português ter uma estrutura de tópico para suas frases diz respeito ao modo como no Brasil se faz referência às coisas, ou seja, diz respeito a como, num acontecimento enunciativo específico, refere-se a algo (GUIMARÃES, 2005).

Passos e Fonseca (2011) igualmente afirmam que as estruturas de tópico presentes nas frases do português estão associadas à maneira como o falante se refere às coisas, e diz respeito à forma como um determinado acontecimento enunciativo específico se refere a algo. Ou seja, a estrutura da língua é influenciada pela forma como os falantes estruturam suas falas, tais características da língua portuguesa favorecem as mudanças sintáticas que serão analisadas neste capítulo.

Conforme Silva (1993), devido aos avanços teóricos da ciência da linguagem, torna-se necessária a observação dos dados empíricos da história das línguas, de agora e de outrora, para que se possa entrever as rotas dos seus percursos, no perene constituir-se das línguas humanas. Dessa maneira, ao observamos a tradução bíblica de João Ferreira de Almeida, de

³² BÍBLIA SAGRADA: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

1681, com a tradução mais recente, de 2011, evidenciaremos a perene mudança sintática da língua portuguesa.

Examinando-se um conjunto qualquer de frases de nossa língua, verifica-se, à primeira vista, que elas pouco têm em comum, já que variam consideravelmente quanto à extensão, ao sentido, às palavras de que se compõem e à ordem em que estas se apresentam. É possível, porém, demonstrar que, sob essa aparente diversidade, todas elas possuem uma organização interna que obedece a princípios gerais bem definidos, a partir dos quais o falante será capaz de dizer: a) se uma sequência de palavras está de acordo com o sistema gramatical da língua, isto é, se essa sequência pode ser obtida através da aplicação das regras da gramática; b) se ela se apresenta completa ou incompleta; c) se é passível de interpretação semântica, etc. Pode-se evidenciar, ainda, que tais frases se constituem de classes de elementos equivalentes quanto às funções que nelas vêm a desempenhar. (SILVA e KOCH, 1986, p. 11, grifo da autora)

O trabalho de revisão da bíblia se relaciona com os processos de transformação da língua ao passar tempo, mas alguns princípios da organização da língua não podem ser quebrados ao longo do tempo, como o uso dos artigos definidos ou indefinidos que precedem os substantivos, pois ao analisamos a frase “Jesus, vendo a multidão” podemos afirmar que a língua não admite a construção “Jesus, vendo o multidão”, já que o substantivo coletivo *multidão* é um substantivo feminino e deve estar acompanhado por artigo feminino. Se tivesse de se fazer uma troca, seria possível apenas a troca de artigo definido feminino *a* por um artigo indefinido *uma*, ou a possível flexão em número singular e plural.

No entanto, com o decorrer do tempo, algumas estruturas sintáticas que admitem variação sofreram mudança, pois ao analisarmos e comparamos a primeira tradução de João Ferreira de Almeida (1681), com a tradução Revista e Corrida (2011) foi possível comprovar a inversão de sujeito e predicado, figura sintática nominada *hipérbato*. Conforme Cunha e Cintra (2016, p.641), hipérbato (do grego hypérbaton “inversão”, “transposição”) é a separação de palavras que pertencem ao mesmo sintagma, pela intercalação de um membro frásico.

Outro fenômeno de mudança sintática que será apresentado se refere ao das conjunções coordenativas que aparecem em variados momentos, como a conjunção coordenativa adversativa ‘*porém*’, que pode ser deslocada na oração; a conjunção coordenativa explicativa ‘*pois*’, que pode ser trocada ora pela conjunção coordenativa adversativa ‘*porém*’, ora pela conjunção coordenativa conclusiva ‘*portanto*’; e a troca da conjunção coordenativa adversativa ‘*mas*’ que não é intercambiável. No percurso deste capítulo, trataremos de tais mudança linguísticas, pois conforme Humboldt, citado por Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.73), as línguas do mundo, em toda a sua variedade morfológica, são configuradas para atingir os mesmos objetivos sintáticos.

5.1. Inversão Sintática JFA (1681) para JFA (2011)

Os versículos que compõem os capítulos V, VI e VII do livro de Mateus são estruturados em períodos. Kury (1985, p.15) conceitua o período como um enunciado, de sentido pleno, constituído de uma ou mais orações, e terminado por uma pausa bem definida, marcada na por: a) ponto; b) ponto-de-exclamação; c) ponto-de-interrogação; d) reticências; e) dois-pontos; f) mais de um sinal simultaneamente.

Logo, podemos conceituar que as orações são formadas por sintagmas nominais e verbais e, dessa maneira, em uma oração podemos ter mais de um sintagma nominal, porém somente um deles será o sujeito da oração. De acordo com as palavras de Bechara (2009, p.409), chama-se sujeito a unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. Já o sintagma verbal constitui o predicado, com um verbo que, quando significativo, é o núcleo do predicado. “O sintagma verbal pode ser complementado por sintagmas nominais e modificado por advérbios ou expressões verbais” (CUNHA e CINTRA, 2016, p. 138).

Além dos termos essenciais sujeito e predicado, as orações podem ser constituídas por termos integrantes e acessórios, que podem ser estruturados em três ordens: a direta, a indireta e a invertida, porém, na língua portuguesa, a construção mais comum é a ordem direta.

Conforme Bechara (2009, p. 427), a construção básica da oração apresenta o predicado à direita do verbo. Mas, a princípio, o texto bíblico de João Ferreira de Almeida não seguia esse padrão básico de construção de *sujeito + verbo + predicado* ou *sujeito + verbo + objeto direto + objeto indireto*, mas a ordem inversa de *verbo + sujeito*. Tal fenômeno de mudança sintática foi observado e analisado quando comparamos a primeira tradução do *Novo Testamento*, de João Ferreira de Almeida, publicado pela Companhia da Índia Oriental em 1681 (apresentada como *versão A*) com a tradução completa do mesmo autor *Revista e Corrigida*, publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil em 2011 (apresentada como *versão B*).

A Bíblia de Almeida acabou por revelar-se uma obra-referência, primeiro, por apresentar a Bíblia na língua portuguesa e, em segundo lugar, por acabar se tornando uma fonte de uma série de alterações, que procuraremos confirmar por meio da análise crítica entre a primeira e a quarta edição, ambas realizadas em Batávia e sob controle da Companhia Eclesiástica das Índias Orientais (NUNES, 2016, p. 62).

O texto bíblico traduzido de JFA sofreu, ao longo do processo de tradução e revisão, durante a vida e, ainda, após a morte do tradutor, diversas mutações no conteúdo original (NUNES, 2016, p.70). Dessa forma, a nossa análise dar-se-á conforme o modelo de Weinreich,

Labov e Herzog (2006), em que primeiro serão apresentados os excertos dos versículos analisados, em que a versão A refere-se à tradução de 1681, e a versão B refere-se à tradução de 2011, seguida pela análise sintática das orações que compõem cada versículo e, por último, a análise dos fatores que acarretaram a mudança linguística. As três etapas de apresentação e discussão da mudança linguística referem-se aos três refinamentos relevantes sobre as teorias de mudança linguística e esses nos permitiram compreender tais transformações (a) *reclassificação*, (b) *fatores condicionantes* e (c) *causas* (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006, p.61-63).

A primeira tabela apresenta o versículo inicial do Sermão do Monte, retirado do evangelho de Mateus, 5,1.

**Tabela 1 - Disposição dos textos bíblicos 1681 e 2011
Evangelho de Mateus, 5, 1**

| VERSÃO | TEXTO |
|--------|--|
| A | E vendo [<i>Jesus</i>] as companhias, subiu a o monte; e assentando-se, chegaram-se a elle seus Discipulos. |
| B | Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos; |

**Tabela 2 - Análise sintática das orações
Evangelho de Mateus, 5, 1**

| VERSÃO | ANÁLISE SINTÁTICA |
|--------|---|
| A | 1ª. oração: [Jesus] subiu ao monte a) Oração principal em relação à 2ª. oração. 2ª. oração: vendo as companhias a) Oração subordinada adverbial temporal reduzida de gerúndio. 3ª. oração: assentando-se a) Oração subordinada adverbial temporal reduzida de gerúndio. 4ª. oração: chegaram-se a ele seus discípulos a) Oração principal em relação à 3ª. oração. |
| B | 1ª. oração: Jesus subiu a um monte a) Oração principal em relação à 2ª. oração. b) Oração coordenada assindética em relação à 3ª. oração. 2ª. oração: vendo a multidão a) oração subordinada adverbial temporal reduzida de gerúndio em relação à 1ª. oração. |

| | |
|--|---|
| | <p>3ª. oração: assentando-se</p> <p>a) Oração subordinada adverbial temporal reduzida de gerúndio em relação à 4ª. oração.</p> <p>4ª. oração: e aproximaram-se dele os seus discípulos</p> <p>a) Oração coordenada sindética aditiva em relação à 1ª. oração</p> <p>b) Oração principal em relação à 3ª. oração</p> |
|--|---|

Os excertos *A* e *B* referem-se a um período composto, no qual “as orações podem coordenar-se entre si ou subordinar-se a uma oração principal (ALEXANDRE JÚNIOR, 2016, p.75)”. Sendo assim, podemos dizer que os dois excertos são formados por quatro orações, porém na *versão A* a relação entre as orações é de subordinação; já na *versão B* a relação entre as orações é de subordinação e coordenação.

Bechara (2009, p. 47-48) define tais relações como sendo

Hipotaxe ou (subordinação) [que] consiste na “possibilidade de uma unidade correspondente a um estrato superior poder funcionar num estrato inferior, ou em estratos inferiores. É o caso de oração passar a funcionar como membro de outra oração [...]. Parataxe ou (coordenação) consiste [...] em duas ou mais unidades de um mesmo estrato funcional podem combinar-se nesse mesmo nível para construir, no mesmo estrato, uma nova unidade suscetível de contrair relações sintagmáticas próprias das unidades simples deste estrato. Portanto, o que caracteriza a parataxe é a circunstância de que unidades combinadas são equivalentes do ponto de vista gramatical, isto é, uma não determina a outra [...]” (BÉCHARA, 2009, p. 47- 48).

Considerando os fatores que acarretaram a mudança sintática do texto bíblico podemos analisar, na *versão A*, que a conjunção ‘e’ inicia oração coordenada aditiva em relação ao versículo 25 do capítulo anterior “*E seguia-o uma grande multidão da Galileia, de Decápolis, de Jerusalém, da Judeia e além do Jordão*”³³. A escolha pelo tradutor da conjunção ‘e’ indica marca de oralidade, característica predominante nos sermões, uma vez que, na fala, a expressão de ideias, pensamentos, explicações etc. advém de maneira mais livre e menos formal do que por meio da escrita. Dessa maneira, a escolha da conjunção se deu pela representação do discurso falado.

O hipérbato, que de acordo com Bechara (2009, p.641), é o termo genérico para designar toda inversão de ordem normal das palavras na oração, ou de ordem das orações no período, com finalidade expressiva, no caso da ‘*versão A*’ refere-se à inversão do sujeito e predicado, em “*E vendo [Jesus] as campanhas,*” destaca a ação do verbo, priorizando o discurso

³³ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 4ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

e não o sujeito da ação, inclusive, há elipse do sujeito, que precisou ser demarcado pelos colchetes. Também há hipérbato na última oração do período: “*chegando-se a ele seus discípulos*” Nesse excerto, evidencia-se a importância dada à ação do verbo ‘chegar’, por isso o sujeito da ação, “*os discípulos*” vem após o verbo, minimizando, assim, a importância do sujeito, enfatizando que Jesus é o personagem principal, que todas as ações ocorrem devido a ele, ao redor dele e para ele.

Sobre a ‘*versão B*’, podemos analisar que o sujeito da oração, “*Jesus*”, é enfatizado, destacando-o em detrimento de suas ações. Tal mudança sintática na organização do período foi possível por tratar-se de um texto que foi traduzido do grego para o português.

A ordem das palavras em grego é bem mais livre e flexível do que em português. O seu amplo sistema de flexões torna possível o reconhecimento da relação sintática entre as palavras independentemente da sua ordem. Desse modo, por razões de ênfase e efeito estilístico, os escritores se afastam com muita frequência da ordem normal, que é a seguinte: o sujeito do verbo, sempre que expresso, tende a vir no princípio da oração; o verbo tende a colocar-se no fim; os outros elementos no meio, precedendo geralmente as palavras que modificam (ALEXANDRE JÚNIOR, 2016, p.77).

Desse modo, na ‘*versão B*’ a ênfase não está nas ações e sim em quem as profere. E toda a construção do período se faz em razão do sujeito portador da palavra. Sendo assim, o versículo é traduzido de forma a que se preze a leitura em voz alta, em celebrações religiosas. A ‘*versão B*’ é a edição mais atual da tradução da Bíblia Sagrada Almeida Revista e Corrigida, publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil em 2011, e ao comparamos e analisarmos com a 2ª edição de 1969 e a 3ª edição de 1995, é possível comprovar a mudança sintática e o momento em que aconteceu.

Tabela 3 - Comparação da 2ª, 3ª e 4ª edição da tradução Almeida Revista e Corrigida – Evangelho de Mateus, 5, 1

| EDIÇÃO | TEXTO |
|---------------------------|---|
| 2ª ed. 1969 ³⁴ | E Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximara-se dele os seus discípulos; |
| 3ª ed. 1995 ³⁵ | Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos; |

³⁴ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 2ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

³⁵ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 3ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

| | |
|---------------------------------|--|
| 4ª ed. 2011³⁶ | Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos; |
|---------------------------------|--|

É possível observar que na 2ª edição do excerto em análise já apresentava quase a mesma organização sintática que a 4ª edição, com exceção da conjunção ‘e’ no início do período. Mas a partir da 3ª edição, a estrutura sintática é exatamente a mesma, o que caracteriza a mudança sintática. Podemos assegurar que foram necessários trezentos e trinta anos para que essa mudança linguística acontecesse e que o processo de mudança é contínuo, gradual e lento.

[...] As mudanças vão ocorrendo gradativamente, isto é, vão atingindo partes da língua e não seu conjunto; e mais: a gradualidade do processo histórico se evidencia ainda pelo fato de que a substituição de uma forma x ou outra (y) passa sempre por fases intermediárias (FARACO, 1991, p. 28).

Além do todo processo contínuo, gradual e lento há outras variantes que coexistem ao mesmo tempo, como é caso da tradução *Nova Almeida Atualizada*, publicada em 2018 pela Sociedade Bíblica Brasileira (SBB), que é uma atualização do texto da tradução Almeida Revista e Atualizada, e que, de acordo com a SBB (2018), surgiu com a preocupação de que o antigo texto de Almeida já não falava com naturalidade ao povo brasileiro. Para essa versão, que trataremos como ‘*versão C*’, a organização sintática dos sintagmas é diferente da ‘*versão B*’, que também é utilizada na atualidade.

**Tabela 4 - Disposição dos textos bíblicos 2011 e 2017
Evangelho de Mateus, 5, 1**

| VERSÃO | TEXTO |
|---------------|--|
| B | Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos; |
| C | Ao ver as multidões, Jesus subiu ao monte. Ele se assentou e os seus discípulos se aproximaram dele. |

**Tabela 5 - Análise sintática das orações
Evangelho de Mateus, 5, 1**

| VERSÃO | ANÁLISE SINTÁTICA |
|---------------|--|
| B | 1ª. oração: Jesus subiu a um monte c) Oração principal em relação à 2ª. oração. d) Oração coordenada assindética em relação à 3ª. oração. |

³⁶ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 3ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

| | |
|---|--|
| | <p>2ª. oração: vento a multidão b) oração subordinada adverbial temporal reduzida de gerúndio em relação à 1ª. oração.</p> <p>3ª. oração: assentando-se b) Oração subordinada adverbial temporal reduzida de gerúndio em relação à 4ª. oração.</p> <p>4ª. oração: e aproximaram-se dele os seus discípulos c) Oração coordenada sindética aditiva em relação à 1ª. oração d) Oração principal em relação à 3ª. oração</p> |
| C | <p><i>1º período: Ao ver as multidões, Jesus subiu ao monte.</i> 1ª. oração: Jesus subiu ao monte a) Oração principal 2ª. oração: ao ver as multidões a) Oração subordinada adverbial temporal</p> <p><i>2º período: Ele se assentou e os seus discípulos se aproximaram dele.</i> 1ª. oração: Ele se assentou a) Oração coordenada assindética 2ª. oração: e os seus discípulos se aproximaram dele a) Oração coordenada sindética aditiva.</p> |

Na ‘*versão C*’, o mesmo excerto é organizado sintaticamente em dois períodos, o primeiro período inicia-se com oração subordinada adverbial temporal reduzida de infinitivo e a oração principal, que contém o protagonista, que vem em segundo plano. Observa-se, assim, a importância dada ao número de pessoas para enfatizar que Jesus precisou subir ao monte para que todos pudessem vê-lo e ouvi-lo.

As análises das versões contemporâneas *B* e *C* não deixam dúvidas que a organização sintática muda a ênfase dada, ou não, aos sintagmas de uma frase e que tal escolha de organização está atrelada à finalidade do discurso, pois o texto da *versão B* seria usado durante as celebrações religiosas e o texto da *versão C* para leitura individual. Entretanto, atualmente, a *versão C* é muito utilizada em celebrações por ser uma tradução fluente.

Retomando a discussão sobre inversão sintática do excerto em análise, recorreremos às palavras de Silva (2008),

Sociolinguistas e gerativistas, juntos, vêm estabelecendo que, no final do século XIX, várias mudanças encadeadas tinham acontecido no português brasileiro, predominando os seguintes fatos: a relativa cortadora, que se sobrepõe à canônica com preposições; a tendência para o preenchimento do sujeito e apagamento do objeto; a adjacência do objeto indireto ao verbo. Todos esses fatos levam ao enrijecimento da ordem no sentido de sujeito/verbo/objeto (SILVA, 2008, p.43).

Embora as colocações de Silva estejam mais voltadas ao posicionamento e utilização dos pronomes, a autora ressalta o enrijecimento da ordem no sentido de sujeito/verbo/objeto, e em seu artigo acrescenta que tais observações marcam os estudos das primeiras mudanças linguísticas da língua portuguesa. Tal fato pode ser visto como um fator condicionante pela *ordem sintática da versão 'A' "E vendo [Jesus] as campanhas" para "Jesus, vendo a multidão", 'versão B'*.

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.170), a mudança das estruturas expõe o problema da transição, isto é, há estágios intermediários nessa mudança, os quais podem ser empiricamente observados e controlados, visto que *"uma mudança linguística pode ocorrer numa gradação discreta"*. Ao retomarmos a tabela 3 com as comparações da 2ª, 3ª e 4ª edições, tradução Almeida Revista e Corrigida, é possível observar a gradação discreta da mudança linguística no texto bíblico.

A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a covariação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006, p.126).

Mediante as afirmações dos autores, podemos dizer que é uma tendência das traduções bíblicas a proximidade com a língua falada dos brasileiros, porém, o processo de mudança na estrutura da língua, como é o caso da organização sintática, é lento, e que tais mudanças são capazes de permear traduções mais eruditas, como o texto bíblico da tradução Almeida Revista e Corrigida.

Os leitores do texto bíblico têm hoje no mercado uma infinidade de traduções, as quais apresentam o texto sagrado de formas variadas, e tais variações são condicionadas pela finalidade da leitura (coletiva, individual, de estudo etc.) e nível acadêmico do leitor, dentre outros fatores. Porém, até as traduções mais eruditas como a tradução Almeida Revista e Corrigida, cujo método de tradução utilizado é o da *tradução baseada no significado* ou *tradução literal* que segue, na medida do possível, a forma da língua dos textos originais, tem a tendência de se distanciar da estrutura das línguas originais (hebraico, aramaico e grego) e se aproximar da estrutura do português falado no Brasil.

No entanto, o ideal é que tais mudanças linguísticas não se afastem o objetivo do autor, pois *"Mateus nos oferece Jesus Cristo, e nunca a pregação, ensino ou cura à parte dele"* (STAGG, 1986, p.136). E ao compararmos, observamos e analisarmos o versículo 1, do evangelho de Mateus, capítulo V da atual tradução bíblica de Almeida Revista e Corrigida com

a primeira tradução de 1681 vemos diacronicamente a alteração de dois vocábulos: de ‘*campanhas*’ para ‘*multidão*’ e de ‘*chegarão*’ para ‘*aproximaram*’, além da mudança sintática que discutimos.

A escolha linguística por uma organização sintática, que é mais próxima da língua portuguesa e que preza pela ênfase em Jesus e não nas ações, não feriu os princípios da tradução literal que “está associada à ideia de tradução *fiel, neutra e objetiva* (SOUZA, 1998, p.52)”, pelo contrário, pois assim o autor do texto deu destaque a Jesus.

É bem provável que Mateus aqui, como através de todo o Evangelho, tenha seguido o princípio de reunir material de ensino e narrativa ao redor de temas básicos. Isto não exclui a existência de um sermão básico, pré-Mateus, mas reconhece a liberdade dada ao autor em arranjar os materiais de forma a apresentar Jesus e a sua mensagem da maneira mais significativa para os leitores (STAGG, 1986, p.102 grifo da autora).

Stagg, usa o advérbio ‘*aqui*’, destacado na citação, fazendo alusão ao Sermão do Monte, e elucida acerca da importância de Jesus. “*Em Mateus, Jesus sobe para ensinar. Para Mateus, Jesus não é um novo Moisés, dando uma nova lei, mas o cumpridor da Lei e dos Profetas*” (STAGG, 1986, p.138). Dessa maneira, a tradução Almeida Revista e Corrigida, assim como o autor do texto bíblico, dá ênfase ao personagem principal do Novo Testamento, Jesus.

5.2. Deslocamento da conjunção ‘*porém*’ JFA (1681) para JFA (2011)

Seguindo com a análise sobre a mudança sintática no Sermão do Monte trataremos neste tópico sobre o deslocamento da conjunção “*porém*”. De acordo com Bechara (2009, p.319), “a língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado. Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: *coordenadas e subordinadas*.”

Ao reunirem orações as conjunções passam a estabelecer relações de independência ou dependência. Conforme Bechara (2009, p.319), as conjunções coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se *independentes* umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados. Tais conjunções coordenativas podem ser classificadas em aditivas, adversativas, alternativas, explicativas e conclusivas.

De acordo com Bechara (2009, p.319-320), a conjunção subordinativa é um *transpositor* de um enunciado que passa à função de palavra, portanto, de nível inferior dentro das camadas de estruturação gramatical. As conjunções subordinativas podem ser classificadas

em temporais, causais, condicionais, proporcionais, finais, consecutivas, concessivas, comparativas, conformativas e integrantes.

As conjunções podem ser usadas para reunir orações, períodos e, em alguns casos, parágrafos, além de exercerem um papel importante na construção de um texto coeso e coerente, pois fazem parte de uma gama de elementos linguísticos e estruturais de um bom texto escrito. As escolhas linguísticas de traduções bíblicas são imprescindíveis, pois zelam pela coerência e coesão das traduções, e o cuidado com as escolhas é justificada pela necessidade de confiabilidade e clareza que o texto bíblico precisa apresentar.

Tratamos neste ponto da análise sobre o deslocamento da conjunção ‘*porém*’, classificada como uma conjunção coordenativa adversativa, e discutiremos sobre a escolha da conjunção coordenativa aditiva ‘*e*’. Nas palavras de (DIK, 1997, p.189), a construção coordenada consiste em dois ou mais membros, funcionalmente equivalentes, combinados no mesmo nível estrutural por meio de mecanismos de ligação. Tanto a equivalência, quanto a combinação procuram representar o discurso oral de Jesus no Sermão do Monte, pois na visão do autor do texto bíblico Jesus é para é visto como mestre e profeta.

Mestre e profeta não são prerrogativas que estabeleçam Jesus como divino; mas, com a autoridade de Deus reclamada para as suas palavras de mestre e profeta, forte apoio é dado ao que algures é explícito. Na antítese (**eu, porém, vos digo**) do Sermão da Montanha (5:22, 28, 32, 39, 44; 7:29), Jesus reclama para si uma autoridade que o coloca acima de rabi e profeta, pois essa autoridade o coloca acima de Moisés (STAGG, 1986, p.96).

A antítese é uma figura de linguagem ou pensamento que consiste no emprego de vocábulos que se opõem quanto ao sentido, e para a construção das oposições de ações colocadas no discurso do Sermão do Monte, faz-se necessária uma organização sintática que represente tal discurso.

Ao longo do Sermão do Monte constatamos a ocorrência de deslocamentos da conjunção ‘*porém*’ quatro vezes e ambas estão no capítulo 5, no trecho intitulado “*O cumprimento da lei e dos profetas*”, versículos 22, 28, 32 e 34. Para elucidar sobre a mudança linguística, usaremos os mesmos pressupostos teóricos que utilizamos no tópico anterior (*a*) *reclassificação*, (*b*) *fatores condicionantes* e (*c*) *causas* (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006, p.61-63).

**Tabela 6 - Disposição dos textos bíblicos 1681 e 2011
Evangelho de Mateus, 5, 1**

| VERSÃO | TEXTO |
|--------|---|
| A | 22 Porém eu vos digo, que qualquer que contra seu irmão sem razão se indignar será réu de juízo. E qualquer que a seu irmão disser Raca, será réu do Supremo Conselho. E qualquer que lhe disser louco, será réu do fogo do inferno. |
| B | Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão será réu de juízo, e qualquer que chamar a seu irmão de raca será réu do Sinédrio; e qualquer que lhe chamar de louco será réu do fogo do inferno. |

**Tabela 7 - Análise sintática das orações
Evangelho de Mateus, 5, 1**

| VERSÃO | ANÁLISE SINTÁTICA |
|--------|--|
| A | <p>1º período: Porém eu vos digo, que qualquer que contra seu irmão sem razão se indignar será réu de juízo.</p> <p>1ª. oração: eu vos digo a) Oração principal em relação à 2ª. oração.</p> <p>2ª. oração: que qualquer será réu de juízo a) Oração subordinada substantiva objetiva direta em relação à 1ª. oração. b) Oração principal em relação à 3ª. oração.</p> <p>3ª. oração: que contra seu irmão sem razão se indignar a) Oração subordinada adjetiva restritiva em relação à 2ª. oração.</p> <p>2º período: E qualquer que a seu irmão disser raca, será réu do Supremo Conselho.</p> <p>1ª. oração: qualquer será réu do Supremo Conselho a) Oração principal em relação à 2ª. oração.</p> <p>2ª. oração: que a seu irmão disser raca a) Oração subordinada adjetiva restritiva em relação à 1ª. oração.</p> <p>3º período: e qualquer que lhe disser louco, será réu do fogo do inferno</p> <p>1ª. oração: qualquer será réu do fogo do inferno a) Oração principal em relação à 2ª. oração.</p> <p>2ª. oração: que lhe disser louco a) Oração subordinada adjetiva restritiva em relação à 1ª. oração.</p> |
| B | <p>1ª. oração: eu vos digo a) Oração principal em relação à 2ª. oração.</p> <p>2ª. oração: que qualquer será réu de juízo a) Oração subordinada substantiva objetiva direta em relação à 1ª. oração. b) Oração principal em relação à 3ª. oração.</p> |

| | |
|--|--|
| | <p>3^a. oração: que sem motivo se encolerizar contra seu irmão</p> <p>a) Oração subordinada adjetiva restritiva em relação à 2^a. oração.</p> <p>4^a. oração: qualquer será réu do Sinédrio</p> <p>a) Oração principal em relação à 5^a. oração.</p> <p>5^a. oração: que chamar seu irmão de raca</p> <p>a) Oração subordinada adjetiva restritiva em relação à 4^a. oração.</p> <p>6^a. oração: qualquer será réu do fogo do inferno</p> <p>a) Oração principal em relação à 7^a. oração.</p> <p>7^a. oração: que lhe chamar de louco</p> <p>a) Oração subordinada adjetiva restritiva em relação à 6^a. oração.</p> |
|--|--|

Sobre a análise sintática da ‘*versão A*’, podemos elucidar que a conjunção, ‘*porém*’ introduz oração coordenada sindética adversativa. Essa oração está opondo-se ao versículo anterior que diz “*Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; mas qualquer que matar será réu de juízo*³⁷.”. Não faz parte da tradição gramatical iniciar-se oração com conjunção coordenada adversativa ‘*porém*’, entretanto essa postura é marca de oralidade que atribui entonação forte à conjunção dando ênfase à contrariedade em relação aos ensinamentos anteriores. A conjunção coordenada sindética aditiva ‘*e*’, nesse versículo, além de cumprir seu papel de adição de ideias, já que inicia outro período, também marca a pausa para ascensão da voz, para a introdução de novo argumento.

No entanto, na ‘*versão B*’, a colocação do sujeito antes da conjunção coordenada sindética adversativa destaca a importância do sujeito EU (Jesus). Indica que ele está alterando os ensinamentos anteriores e isso deve ser seguido’ porque foi dito por um sujeito protagonista e não por qualquer outra pessoa. Nesse sentido, percebe-se a entonação que é dada ao pronome EU, que em pregação diante de um grande público, provavelmente foi dito em voz com grande intensidade.

Portanto, podemos inferir que o deslocamento da conjunção ‘*porém*’ ocorreu em virtude da ênfase dada ao protagonista do discurso e à estrutura linguística da língua portuguesa falada, que busca representar o discurso do Sermão do Monte em uma ordem sintática mais comum na atualidade. De acordo com Borba (1932, p. 29), por ser a língua indispensável para que a fala produza seus efeitos, também a fala é necessária para que a língua se estabeleça.

Sendo assim, ao analisarmos ambos os excertos encontramos marcas de oralidade (fala), na ‘*versão A*’ o uso da conjunção ‘*porém*’ no início do período, fugindo da tradição

³⁷ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 4^a ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011

gramatical, e na ‘*versão B*’, a colocação do sujeito EU antes da conjunção, caracterizando a ordem direta mais comum na língua portuguesa. Mas ao mesmo tempo, podemos verificar que a ‘*versão B*’, embora seja o texto mais atual da tradução Almeida Revista e Corrigida, apresenta alguns vocábulos típicos de uma linguagem mais erudita.

No entanto, ao comparamos as traduções contemporâneas Almeida Revista e Corrigida e Almeida Revista e Atualizada constatamos que não há diferença na organização sintática, mas há substituição de alguns vocábulos por outros mais comuns.

**Tabela 8 - Disposição dos textos bíblicos 2011 e 2017
Evangelho de Mateus, 5, 1**

| VERSÃO | TEXTO |
|--------|--|
| B | Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão será réu de juízo, e qualquer que chamar a seu irmão de raca será réu do Sinédrio; e qualquer que lhe chamar de louco será réu do fogo do inferno. |
| C | Eu, porém, lhes digo que todo aquele que se irar contra o seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem insultar o seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem o chamar de tolo estará sujeito ao inferno de fogo. |

**Tabela 9 - Análise sintática das orações
Evangelho de Mateus, 5, 22**

| VERSÃO | ANÁLISE SINTÁTICA |
|--------|---|
| B | <p>1ª. oração: eu vos digo</p> <p>b) Oração principal em relação à 2ª. oração.</p> <p>2ª. oração: que qualquer será réu de juízo</p> <p>c) Oração subordinada substantiva objetiva direta em relação à 1ª. oração.</p> <p>d) Oração principal em relação à 3ª. oração.</p> <p>3ª. oração: que sem motivo se encolerizar contra seu irmão</p> <p>b) Oração subordinada adjetiva restritiva em relação à 2ª. oração.</p> <p>4ª. oração: qualquer será réu do Sinédrio</p> <p>b) Oração principal em relação à 5ª. oração.</p> <p>5ª. oração: que chamar seu irmão de raca</p> <p>b) Oração subordinada adjetiva restritiva em relação à 4ª. oração.</p> <p>6ª. oração: qualquer será réu do fogo do inferno</p> <p>b) Oração principal em relação à 7ª. oração.</p> <p>7ª. oração: que lhe chamar de louco</p> <p>b) Oração subordinada adjetiva restritiva em relação à 6ª. oração.</p> |

| | |
|---|---|
| C | <p>1ª. oração: eu lhes digo</p> <p>a) Oração principal em relação à 2ª. oração</p> <p>2ª. oração: que todo aquele estará sujeito a julgamento</p> <p>a) Oração subordinada substantiva objetiva direta em relação à 1ª. oração</p> <p>b) Oração principal em relação à 3ª. oração</p> <p>3ª. oração: que se irar contra o seu irmão</p> <p>a) Oração subordinada adjetiva restritiva em relação à 2ª. oração</p> <p>4ª. oração: [todo aquele] estará sujeito a julgamento do tribunal</p> <p>a) Oração principal em relação à 5ª. oração</p> <p>5ª. oração: quem insultar o seu irmão</p> <p>a) Oração subordinada adjetiva restritiva em relação à 4ª. oração</p> <p>6ª. oração: [todo aquele] estará sujeito ao fogo do inferno</p> <p>a) Oração principal em relação à 7ª. oração</p> <p>7ª. oração: quem o chamar de tolo</p> <p>a) Oração subordinada adjetiva restritiva em relação à 6ª. oração</p> |
|---|---|

É possível verificar certas semelhanças entre a ‘*versão C*’ e a ‘*versão B*’, no entanto, o pronome de tratamento VOS – 2ª pessoa do plural – foi substituído por LHES – 3ª pessoa do plural. Essa mudança do pronome é uma atualização gramatical, já que no português brasileiro os pronomes de 2ª pessoa estão caindo em desuso; também há a substituição dos vocábulos arcaicos ‘*encolerizar*’, ‘*raca*’ e ‘*Sinédrio*’. A ‘*versão C*’ procura atender aos anseios dos leitores que falam com naturalidade a língua brasileira, já que a linguagem é mais simples e o arranjo sintático dá-se pela ordem direta das orações, facilitando assim a interpretação.

Podemos afirmar que houve mudança linguística na organização sintática da *versão A* para a *B*, mas conservou-se os vocábulos como podemos observar na tabela 10.

Tabela 10 - Comparação da 2ª, 3ª e 4ª edição da tradução Almeida Revista e Corrigida – Evangelho de Mateus, 5, 22

| EDIÇÃO | TEXTO |
|---------------------------|--|
| 2ª ed. 1969 ³⁸ | Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão: Raca, será réu de juízo, e qualquer que disser a seu irmão Raca, será réu do sinédrio; e qualquer que disser: Louco, será réu do fogo do inferno. |

³⁸ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 2ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

| | |
|---------------------------------|--|
| 3ª ed. 1995³⁹ | Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão será réu de juízo, e qualquer que chamar o seu irmão de raca será réu do Sinédrio; e qualquer que lhe chamar de louco será réu do fogo do inferno. |
| 4ª ed. 2011⁴⁰ | Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão será réu de juízo, e qualquer que chamar a seu irmão de raca será réu do Sinédrio; e qualquer que lhe chamar de louco será réu do fogo do inferno. |

A mudança sintática ocorreu da 2ª edição para a 3ª edição, sem haver qualquer alteração da 3ª edição para a 2ª edição. Em todas as versões (A, B e C) há paralelismo sintático, que é uma sequência de estruturas sintáticas, como termos e orações, que são semelhantes ou possuem igual valor sintático. O uso de estruturas com essa simetria sintática confere clareza, objetividade e precisão ao discurso, além de enfatizar a argumentação.

Da mesma maneira, é possível afirmar que o mesmo fator linguístico, o qual se refere à organização sintática das orações dando destaque ao protagonista do Sermão do Monte (Jesus), e os fatores sociais, como a proximidade com a estrutura falada no português brasileiro, são os mesmos que acarretaram mudanças linguísticas no evangelho de Mateus, capítulo V, nos versículos 28, 32 e 34, como podemos observar nas tabelas de número 11 a 16.

**Tabela 11 - Disposição dos textos bíblicos 1681 e 2011
Evangelho de Mateus, 5, 28**

| VERSÃO | TEXTO |
|--------|---|
| A | 28 Porem eú vos digo , que qualquer que atentar para [algũa] mul mulher, para a cobiçar, ja com ella adulterou em seu coração. |
| B | Eu porém, vos digo que qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar já em seu coração cometeu adultério com ela. |

**Tabela 12 - Análise sintática das orações
Evangelho de Mateus, 5, 28**

| VERSÃO | ANÁLISE SINTÁTICA |
|--------|---|
| A | 1ª. oração: eu vos digo a) Oração principal e relação à 2ª. oração. 2ª. oração: que qualquer já com ela adulterou em seu coração. a) Oração subordinada substantiva objetiva direta em relação à 1ª. oração. |

³⁹ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 3ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

⁴⁰ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 3ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

| | |
|---|--|
| | <p>b) Oração principal em relação à 3ª. oração.</p> <p>3ª. oração: que atentar para [alguma] mulher</p> <p>a) Oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo em relação à 2ª. oração.</p> <p>b) Oração principal em relação à 4ª. oração.</p> <p>4ª. oração: para a cobiçar</p> <p>a) Oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo em relação à 3ª. oração</p> |
| B | <p>1ª. oração: eu vos digo</p> <p>a) Oração principal em relação à 2ª. oração.</p> <p>2ª. oração: qualquer já em seu coração cometeu adultério com ela</p> <p>a) Oração subordinada substantiva objetiva direta em relação à 1ª. oração.</p> <p>3ª. oração: que atentar uma mulher</p> <p>a) Oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitiva em relação à 2ª. oração.</p> <p>b) Oração principal em relação à 4ª. oração.</p> <p>4ª. oração: para cobiçar</p> <p>a) Oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo em relação à 3ª. oração.</p> |

**Tabela 13 - Disposição dos textos bíblicos 1681 e 2011
Evangelho de Mateus, 5, 32**

| VERSÃO | TEXTO |
|--------|---|
| A | 32 Porém eu vos digo , que qualquer que deixar sua mulher fora de causa de fornicação , faz que ella adultere , e qualquer que com a deixada se casar adultera. |
| B | Eu, porém, vos digo que qualquer que repudiar sua mulher, a não ser por causa de prostituição, faz que ela cometa adultério; e qualquer que casar com a repudiada comete adultério. |

**Tabela 14 - Análise sintática das orações
Evangelho de Mateus, 5, 32**

| VERSÃO | ANÁLISE SINTÁTICA |
|--------|--|
| A | <p>1ª. oração: eu vos digo</p> <p>a) Oração principal em relação à 2ª. oração</p> <p>2ª. oração: que qualquer faz</p> <p>a) Oração subordinada substantiva objetiva direta em relação à 1ª. oração</p> <p>b) Oração principal em relação à 3ª. oração</p> <p>3ª. oração: que ela adultere</p> |

| | |
|---|---|
| | <p>a) Oração subordinada substantiva objetiva direta em relação à 2ª. oração</p> <p>4ª. oração: que deixar sua mulher fora de causa de fornicação</p> <p>a) Oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo em relação à 3ª. oração.</p> <p>5ª. oração: qualquer adultera</p> <p>a) Oração principal em relação à 6ª. oração</p> <p>6ª. oração: que com a deixada se casar</p> <p>a) Oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo.</p> |
| B | <p>1ª. oração: eu vos digo</p> <p>b) Oração principal em relação à 2ª. oração</p> <p>2ª. oração: que qualquer faz</p> <p>c) Oração subordinada substantiva objetiva direta em relação à 1ª. oração</p> <p>d) Oração principal em relação à 3ª. oração</p> <p>3ª. oração: que ela cometa adultério</p> <p>b) Oração subordinada substantiva objetiva direta em relação à 2ª. oração</p> <p>4ª. oração: que repudiar uma mulher</p> <p>b) Oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo em relação às 2ª. e 3ª. orações.</p> <p>c) Oração principal em relação à 5ª. oração</p> <p>5ª. oração: não ser por causa de prostituição</p> <p>a) Oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo em relação à 4ª. oração.</p> <p>6ª. oração: qualquer comete adultério.</p> <p>a) Oração principal em relação à 7ª. oração</p> <p>7ª. oração: que casar com a repudiada</p> <p>a) Oração subordinada adjetiva restritiva e relação à 6ª. oração.</p> |

**Tabela 15 - Disposição dos textos bíblicos 1681 e 2011
Evangelho de Mateus, 5, 34**

| VERSÃO | TEXTO |
|--------|--|
| A | 34 Porem cu vos digo, que em maneira nenhuá jureis, nem polo ceo, porque he o throno de Deus. |
| B | Eu, porém, vos digo que, de maneira nenhuma, jureis nem pelo céu, porque é o trono de Deus, |

**Tabela 16 - Análise sintática das orações
Evangelho de Mateus, 5, 34**

| VERSÃO | ANÁLISE SINTÁTICA |
|--------|--|
| A | <p>1ª. oração: eu vos digo</p> <p>a) Oração principal em relação à 2ª. oração</p> <p>2ª. oração: que em maneira nenhuma jureis nem pelo céu</p> <p>a) Oração subordinada substantiva objetiva direta em relação à 1ª. oração</p> <p>b) Oração coordenada assindética em relação à 3ª. oração</p> <p>3ª. oração: porque é o trono de Deus</p> <p>a) Oração coordenada sindética explicativa em relação à 2ª. Oração.</p> |
| B | <p>1ª. oração: eu vos digo</p> <p>b) Oração principal em relação à 2ª. oração</p> <p>2ª. oração: de maneira nenhuma jureis nem pelo céu</p> <p>c) Oração subordinada substantiva objetiva direta em relação à 1ª. oração</p> <p>d) Oração coordenada assindética em relação à 3ª. oração</p> <p>3ª. oração: porque é o trono de Deus</p> <p>b) Oração coordenada sindética explicativa em relação à 2ª. oração</p> |

Segundo Faraco (1991, p.15), as atividades escritas estão, em sua maioria, ligadas a contextos sociais marcados de formalidade, e os estudos sociolinguísticos mostram que há uma forte correlação entre situações formais e o uso preferencial de formas linguísticas mais conservadoras. Com base nas palavras do autor verificamos que, embora a tradução Almeida Corrigida e Revista tenha sofrido mudanças no nível sintático de algumas orações, ela preserva uma linguagem erudita marcada pela escolha de vocábulos arcaicos e conservação de orações subordinativas completiva ou substantiva.

As *completivas*, designadas *substantivas* pela gramática tradicional, são aquelas que complementam a oração matriz, funcionando nela como *sujeito* (SUJ), *objeto direto* (OD) ou *indireto* (OI), *complemento nominal* (CN), *predicativo* (PRED) ou *aposto* (AP) (SILVA e KOCH, 1986, p.94). No período arcaico a conjunção integrante ‘*que*’ varia com ‘*ca*’, mas essa variante tem frequência baixa em relação a *que* e começa a deixar de ser documentada já no século XV Silva (1993, p.108). Constatamos ao observar, desde a primeira tradução em 1681 até a atualidade, a utilização do ‘*que*’ integrante, a conservação de estruturas sintáticas e de

vocábulos linguísticos do século XVII, marcas preservadas pelas escolhas linguísticas do autor do texto bíblico, Mateus, na representação escrita do Sermão do Monte.

Observa-se, nos excertos e análises documentais das tabelas 6 a 16, que houve mudanças linguísticas na organização sintática que, por sua vez, influenciaram no foco ou ênfase dada ao sintagma nominal, e tais mudanças foram condicionadas pela ordem mais comum da língua portuguesa, pois “*uma mudança não é um fato isolado, mas ocorre dentro de um contexto linguístico e social*” (PERES, 2007, p.162).

5.3. Substituição da conjunção *MAS* de JFA (1681) para JFA (2011)

Em primeiro lugar, é preciso lembrar que a conjunção ‘*mas*’ é classificada como uma conjunção coordenativa adversativa. Bechara (2009, p.321) define que “as adversativas por excelência são *mas*, *porém* e *senão*. Ao contrário das aditivas e alternativas, que podem enlaçar duas ou mais unidades, as adversativas se restringem a duas. *Mas* e *porém* acentuam a oposição, *senão* marca de incompatibilidade”.

Sobre o olhar normativo de Cunha e Cintra (2016, p.595), apenas a conjunção ‘*mas*’ aparece obrigatoriamente no começo da oração. Também, os gramáticos afirmam que o ‘*mas*’ apresenta múltiplos valores afetivos, além da ideia básica de oposição, de contraste como podemos observar nos exemplos apresentados pelos autores.

a) de restrição: - Vai, se queres, disse-me este, **mas** temporariamente. (Machado de Assis, OC, I, 547.). b) de retificação: Eram mãos nuas, quietas, essas mãos, serenas, modestas e avessas a qualquer exibicionismo. **Mas** não acanhadas, isso nunca. (M. J. de Carvalho, PSB, 138.); c) de atenuação ou compensação: Vinha um pouco transtornado, **mas** dissimulava, afetando sossego e até alegria. (Machado de Assis, OC, I, 541.); d) de adição: Anoitece, **mas** a vida não cessa. (CUNHA e CINTRA, 2016, p. 598-599).

Os autores fazem alusão à conjunção ‘*mas*’ como sendo um dos possíveis conectores de orações adversativas (CUNHA e CINTRA, 2016, p. 611). Entretanto, na perspectiva descritiva, Andrade (2020, p. 235) elucida que muito mais do que um elemento de conexão entre palavras, orações ou enunciados, o olhar descritivo sobre o ‘*mas*’ tende a refletir sobre as possibilidades discursivas provenientes da interação verbal. Uma vez que tal conjunção traz a discursos e textos grande apelo semântico, elucidaremos sobre os fatores linguísticos e extra linguísticos que acarretaram a mudança no evangelho de Mateus, capítulo V, versículos 37 e 39, capítulo VI no versículo 15.

**Tabela 17 - Disposição dos textos bíblicos 1681 e 2011
Evangelho de Mateus, 5, 37**

| VERSÃO | TEXTO |
|--------|--|
| A | 37 Mas seja vosso falar, si, si, não, não; porque o que disto passa, de mal procede. |
| B | Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; não, não, porque o que passa disso é de procedência maligna. |

**Tabela 18 - Análise sintática das orações
Evangelho de Mateus, 5, 37**

| VERSÃO | ANÁLISE SINTÁTICA |
|--------|---|
| A | <p>1ª. oração: seja o vosso falar sim, sim, não, não</p> <p>a) oração coordenada assindética em relação à 2ª. oração</p> <p>2ª. oração: porque do mal procede</p> <p>b) oração coordenada sindética explicativa em relação à 1ª. oração</p> <p>c) Oração principal em relação à 3ª. oração</p> <p>3ª. oração: o que disso passa</p> <p>d) Oração subordinada adjetiva restritiva</p> |
| B | <p>1ª. oração: seja o vosso falar sim, sim, não, não</p> <p>e) oração coordenada assindética em relação à 2ª. oração</p> <p>2ª. oração: porque é de procedência maligna</p> <p>a) oração coordenada sindética explicativa em relação à 1ª. oração</p> <p>b) oração principal em relação à 3ª. oração</p> <p>3ª. oração: o que passa disso</p> <p>a) oração subordinada adjetiva restritiva</p> |

Da versão 'A' para a 'B' ocorreu a substituição da conjunção 'mas' pela conjunção 'porém', e o fator linguístico que acarretou a mudança deve-se ao fato de a conjunção 'mas' não ser intercambiável, ao contrário da conjunção 'porém' que pode ser deslocada de lugar na oração. Outrossim, Cunha e Cintra (2016, p.595) afirmam que "das conjunções coordenadas, apenas *mas* aparece obrigatoriamente no começo da oração; *porém, todavia, entretanto* e *no entanto* podem vir no início da oração ou após um dos termos".

A estrutura atual do versículo enfatiza a fala do orador do sermão e o mandamento a ser obedecido. De acordo com Borba (1986, p.187), dentro de uma estrutura, cada elemento tem sua *função* que pode resultar da posição de uns com relação aos outros ou pode identificar-se com a atividade típica do elemento. Verificamos que a reestruturação da oração condicionou a substituição da conjunção devido à posição dentro da oração e a relação de adversidade se

manteve com menor carga semântica. A substituição já é recorrente desde a 2ª edição da tradução Almeida Revista e Corrigida, como se observa na tabela 19.

Tabela 19 - Comparação da 2ª, 3ª e 4ª edição da tradução Almeida Revista e Corrigida – Evangelho de Mateus, 5, 37

| EDIÇÃO | TEXTO |
|---------------------------|--|
| 2ª ed. 1969 ⁴¹ | Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim, Não, não, porque o que passa disto é de procedencia maligna. |
| 3ª ed. 1995 ⁴² | Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; não, não, porque o que passa disso é de procedência maligna. |
| 4ª ed. 2011 ⁴³ | Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; não, não, porque o que passa disso é de procedência maligna. |

Observa-se que a organização do excerto e dos vocábulos continuaram os mesmos, com atualização apenas na pontuação. Nas três edições, as orações são introduzidas pelo verbo ‘*ser*’, que está conjugado no imperativo representando o discurso (fala) do orador, o qual discursa sobre *o cumprimento da lei e dos profetas*, “considerando o uso desse termo associado – Lei e Profetas – tudo indica que Jesus se refere ao grupo de textos reconhecido pelos judeus como inspirados por Deus, referência para sua prática de fé” (STRACK e BILLERBECK, 1986, p.240).

Tendo em vista a importância do texto bíblico em análise, seguimos com a comparação da mais atual tradução da Sociedade Bíblica do Brasil, de 2018, pois observamos que, na versão contemporânea de ‘B’ há maior nível de alterações, como apresentado na tabela 20.

Tabela 20 - Disposição dos textos bíblicos 2011 e 2017 Evangelho de Mateus, 5, 37

| VERSÃO | TEXTO |
|--------|--|
| B | Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; não, não, porque o que passa disso é de procedência maligna. |
| C | Que a palavra de vocês seja: Sim, sim; não, não. O que passar disto vem do Maligno. |

⁴¹ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 2ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

⁴² BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 3ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

⁴³ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 3ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

**Tabela 21 - Análise sintática das orações
Evangelho de Mateus, 5, 37**

| VERSÃO | ANÁLISE SINTÁTICA |
|---------------|---|
| B | <p>1ª. oração: seja o vosso falar sim, sim, não, não</p> <p>f) oração coordenada assindética em relação à 2ª. oração</p> <p>2ª. oração: porque é de procedência maligna</p> <p>c) oração coordenada sindética explicativa em relação à 1ª. oração</p> <p>d) Oração principal em relação à 3ª. oração</p> <p>3ª. oração: o que passa disso</p> <p>b) Oração subordinada adjetiva restritiva</p> |
| C | <p>1º período Simples: Que a palavra de vocês seja: Sim, sim; não, não</p> <p>2º período Simples: O que passar disto vem do Maligno</p> |

Na ‘*versão C*’ não há nenhuma das conjunções já mencionadas. O que fica evidente é que em todas as versões há o imperativo, a ordem, entretanto, na ‘*versão B*’, o verbo ‘*seja*’ no início da oração possui maior valor semântico que a conjunção ‘*porém*’. Isso pode indicar que o imperativo, a ordem do orador deva ser cumprida. Sobre a ‘*versão C*’ acrescentamos que não há conjunção coordenativa sindética explicativa, como há nas duas versões anteriores por intermédio da conjunção ‘*porque*’. Só há períodos simples em ordem direta sem explicações, tornando, assim, o imperativo mais incisivo, mais direto, mais autoritário, como uma ordem direcionada aos ouvintes do sermão.

Sendo assim, podemos inferir que tais alterações foram condicionadas pela importância do texto para a comunidade cristã, pois ele deve ser lido e cumprido sem questionamentos, logo os “fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p.126).

Seguimos com a análise observando as tabelas 22 e 23, que apresentam mais um caso de substituição da conjunção adversativa ‘*mas*’.

**Tabela 22 - Disposição dos textos bíblicos 1681 e 2011
Evangelho de Mateus, 5, 39**

| VERSÃO | TEXTO |
|--------|---|
| A | 39 Mas eu vos digo , que não resistais a o mal; antes a qualquer que te der em tua face direita , virá lhe tambem a outra. |
| B | Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; |

**Tabela 23 - Análise sintática das orações
Evangelho de Mateus, 5, 39**

| VERSÃO | ANÁLISE SINTÁTICA |
|--------|---|
| A | <p>1ª. oração: eu vos digo</p> <p>a) Oração principal em relação à 2ª. oração</p> <p>2ª. oração: que não resistais ao mal</p> <p>a) Oração subordinada substantiva objetiva direta em relação à 1ª. oração</p> <p>3ª. oração: antes a qualquer que te der em tua face direita</p> <p>a) Oração subordinada adverbial temporal em relação à 4ª. oração</p> <p>4ª. oração: vira-lhe também a outra</p> <p>a) Oração principal em relação à 3ª. oração</p> |
| B | <p>1ª. oração: eu vos digo</p> <p>b) Oração principal em relação à 2ª. oração</p> <p>2ª. oração: que não resistais ao mal</p> <p>b) Oração subordinada substantiva objetiva direta em relação à 1ª. oração</p> <p>3ª. oração: se qualquer te bater na face direita</p> <p>b) Oração subordinada adverbial condicional em relação à 4ª. oração</p> <p>4ª. oração: oferece-lhe também a outra</p> <p>b) Oração principal em relação à 3ª. oração</p> |

Nota-se a substituição da conjunção adversativa e não intercambiável ‘*mas*’ pela conjunção adversativa e intercambiável ‘*porém*’; entretanto, na ‘*versão B*’ o ‘*mas*’ é empregado no início da 3ª oração com objetivo de reforçar ainda mais oposição à oração anterior. Os condicionantes linguísticos e extralinguísticos seguem pelo viés até aqui elucidados e seguimos com o confronto entre as *versões B* e *C* analisando escolhas linguísticas diferentes que foram feitas.

**Tabela 24 - Disposição dos textos bíblicos 2011 e 2017
Evangelho de Mateus, 5, 39**

| VERSÃO | TEXTO |
|--------|--|
| B | Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; |
| C | Eu, porém, lhes digo: Não resistam ao perverso. Se alguém lhe der um tapa na face direita, ofereça-lhe também a face esquerda. |

**Tabela 25 - Análise sintática das orações
Evangelho de Mateus, 5, 39**

| VERSÃO | ANÁLISE SINTÁTICA |
|--------|--|
| B | <p>1ª. oração: eu vos digo</p> <p>a) Oração principal em relação à 2ª. oração</p> <p>2ª. oração: que não resistais ao mal</p> <p>a) Oração subordinada substantiva objetiva direta em relação à 1ª. oração</p> <p>3ª. oração: se qualquer te bater na face direita</p> <p>a) Oração subordinada adverbial condicional em relação à 4ª. oração</p> <p>4ª. oração: oferece-lhe também a outra</p> <p>a) Oração principal em relação à 3ª. oração</p> |
| C | <p>1ª. oração: eu lhes digo</p> <p>a) Oração principal em relação à 2ª. oração</p> <p>2ª. oração: não resistam ao perverso</p> <p>a) Oração subordinada substantiva objetiva direta em relação à 1ª. oração</p> <p>3ª. oração: se alguém lhe der um tapa na face direita,</p> <p>a) Oração subordinada adverbial condicional em relação à 4ª. oração</p> <p>4ª. oração: oferece-lhe também a outra</p> <p>Oração principal em relação à 3ª. oração</p> |

Nesse caso, as versões bíblicas contemporâneas seguiram os mesmos padrões de organização sintática e as mudanças linguísticas estão relacionadas com a substituição de vocábulos mais eruditos por vocábulos mais comuns. Quanto à organização sintática, da versão B, também segue o mesmo padrão desde a 2ª edição de 1969.

Tabela 26 - Comparação da 2ª, 3ª e 4ª edição da tradução Almeida Revista e Corrigida – Evangelho de Mateus, 5, 39

| EDIÇÃO | TEXTO |
|---------------------------|--|
| 2ª ed. 1969 ⁴⁴ | Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; |
| 3ª ed. 1995 ⁴⁵ | Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; |
| 4ª ed. 2011 ⁴⁶ | Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; |

Observa-se que esses excertos da tradução Almeida Revista e Corrigida, ao logo de 42 anos, ainda não passou por qualquer tipo de mudança linguística, preservando organização sintática e vocábulos. Embora nosso objetivo na análise não seja discorrer sobre o conservadorismo linguístico, faremos apenas alusão às palavras de Ribeiro e Lacerda (2013, p.91) que “na maior parte dos estudos brasileiros, a não mudança (ou conservadorismo linguístico ou manutenção linguística) ficou em segundo plano e/ou restrita à comparação entre o português do Brasil e o português Europeu”.

Embora os estudos que seguem o viés da não variação tenham ficado em segundo plano, eles são imprescindíveis, pois textos com maior rigor de preservação, como esses, podem ser analisados com a finalidade de verificar os aspectos mais antigos da língua. Retomamos nossa discussão com o último caso de substituição da conjunção *mas* apresentado nas tabelas 27, 28, 29, 30 e 31.

Tabela 27 – Disposição dos textos bíblicos 1681 e 2011 Evangelho de Mateus, 5, 15

| VERSÃO | TEXTO |
|--------|--|
| A | 15 Mas se a os homens não perdoardes suas offensas, taó pouco vos perdoara voffo Pae voffas affensas a vos. |
| B | Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas. |

⁴⁴ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 2ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

⁴⁵ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 3ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

⁴⁶ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 3ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

**Tabela 28 - Análise sintática das orações
Evangelho de Mateus, 5, 15**

| VERSÃO | ANÁLISE SINTÁTICA |
|---------------|--|
| A | <p>1ª. oração: se aos homens não perdoardes suas ofensas</p> <p>a) Oração Subordinada Adverbial Condicional em relação à 2ª oração.</p> <p>2ª. oração: tampouco vos perdoará vosso Pai vossas ofensas a vós.</p> <p>a) Oração Principal em relação à 1ª oração.</p> |
| B | <p>1ª. oração: Se não perdoardes aos homens as suas ofensas</p> <p>a) Oração Subordinada Adverbial Condicional em relação à 2ª oração.</p> <p>2ª. oração: também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas.</p> <p>a) Oração Principal em relação à 1ª oração</p> |

Ao observarmos e analisarmos a ‘*versão A*’ é possível notar que a conjunção coordenativa sindética adversativa ‘*mas*’, no início do período, enfatiza a contradição em relação do ensinamento do versículo anterior “*Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós*”⁴⁷.

No caso do MAS, ele [o locutor] emprega (segundo E. Guimarães) a “estratégia do suspense”, isto é, faz com que venha à mente do interlocutor a conclusão R, para depois introduzir o argumento (ou conjunto de argumentos) que irá levar à conclusão ~ R [...] (KOCH, 2006, p. 37)

De acordo com a lógica desse raciocínio, o ‘*mas*’ promove uma quebra de expectativa para o interlocutor, que se vê obrigado a desviá-lo para uma direção contrária àquela que foi considerada inicialmente, ou seja para se obter o perdão divino é preciso perdoar aos homens que se nos ofendem.

No entanto, na *versão B* a conjunção subordinativa condicional *se* sobrepõe-se à contradição representada pela conjunção coordenativa sindética adversativa *porém*, priorizando a condição para que o Pai perdoe as ofensas. Mateus confrontou os seus leitores com um evangelho tanto de dádiva como de demanda (STAGG, 1986, p.93), ideia que é reforçada com a organização sintática e semântica do texto bíblico da *versão B*, deixando claro aos seus leitores “que as exigências de Deus são expressas em amor e misericórdia” (STAGG, 1986, p.94). É

⁴⁷ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 3ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

possível afirmar nesse ponto da análise que a organização sintática das orações pode influenciar principalmente no aspecto semântico do texto bíblico, assim como afirma Gorman:

[...] A sintaxe tem a ver com as próprias palavras, com os itens léxicos e como são combinados. Algumas palavras têm um espectro de função ou significado muito limitado. Além disso, a função de muitas palavras, ou quando são combinadas nas frases com outras palavras, ou quando são usadas para servir particularmente em funções retóricas. (GORMAN, 2017, p.58-59)

Logo, a substituição da conjunção ‘*mas*’ atribui ao discurso do Sermão do Monte maior ênfase ao orador e ao mesmo tempo aos mandamentos. A ‘*versão C*’ também seguiu os mesmos critérios de organização sintática que a ‘*versão B*’, como é possível observar nas tabelas 29 e 30.

**Tabela 29 - Disposição dos textos bíblicos 2011 e 2017
Evangelho de Mateus, 6, 15**

| VERSÃO | TEXTO |
|--------|---|
| B | Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas. |
| C | Se, porém, não perdoarem aos outros as ofensas deles, também o Pai de vocês não perdoará as ofensas de vocês. |

**Tabela 30 - Análise sintática das orações
Evangelho de Mateus, 6, 15**

| VERSÃO | ANÁLISE SINTÁTICA |
|--------|--|
| B | 1ª. oração: Se não perdoardes aos homens as suas ofensas a) Oração Subordinada Adverbial Condicional em relação à 2ª oração. 2ª. oração: também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas. Oração Principal em relação à 1ª oração |
| C | 1ª. oração: Se não perdoarem aos outros as ofensas deles a) Oração Subordinada Adverbial Condicional em relação à 2ª oração. 2ª. oração: também o Pai de vocês não perdoará as ofensas de vocês. a) Oração Principal em relação à 1ª oração |

É possível notar que tanto na ‘*versão B*’ como na ‘*C*’ a conjunção subordinativa condicional ‘*se*’ sobrepõe-se à contradição representada pela conjunção coordenativa sindética

adversativa ‘*porém*’, priorizando condição de perdão, e tal organização segue os mesmos padrões da edição de 1969 como se observa na tabela 31.

Tabela 31 - Comparação da 2ª, 3ª e 4ª edição da tradução Almeida Revista e Corrigida – Evangelho de Mateus, 6, 15

| EDIÇÃO | TEXTO |
|---------------------------|--|
| 2ª ed. 1969 ⁴⁸ | Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas. |
| 3ª ed. 1995 ⁴⁹ | Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas. |
| 4ª ed. 2011 ⁵⁰ | Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas. |

Portanto, podemos afirmar que a primeira tradução de João Ferreira de Almeida, do ano de 1681, passou e ainda passará por mudanças linguísticas, e que tais mudanças são condicionadas por fatores linguísticos e extralinguísticos que visam se aproximar do leitor contemporâneo.

Uma tradução bíblica é uma forma acadêmica de traduzir as histórias e pensamentos de pessoas que viveram em antigas culturas e que falavam línguas do passado em linguagem moderna, que é falada por pessoas que vivem em culturas contemporâneas muito diferentes (GORMAN, 2017, p. 58).

Entretanto, é imprescindível que se mantenha a autenticidade dos textos originais, mas existe um método de tradução mais preciso para se manter a fidelidade do texto sagrado e, ao mesmo tempo, atender aos anseios do leitor contemporâneo? Sobre tal questionamento Souza (1998, p.52) elucida que “ao conceito de tradução literal está associada a ideia de tradução *fidel*, *neutra*, *objetiva*, e ao de tradução livre, a ideia de tradução *infidel*, *parcial*, *subjetiva*”. Partindo dessa afirmação o autor apresenta personalidades históricas cristãs que defendiam a tradução livre como Cícero (1º. Século A.C), São Jerônimo (384 AD) e Martinho Lutero.

Enquanto para alguns tradutores a função literária é a função predominante da linguagem bíblica, para outros é a função referencial que predomina, ou seja, a sua função de informar (SOUZA, 1998, p.52). Em nosso ponto de vista, ambos os métodos são importantes

⁴⁸ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 2ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

⁴⁹ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 3ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

⁵⁰ BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 3ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

para se obter uma tradução fiel e, ao mesmo tempo, de fácil entendimento aos leitores, então é impossível separar fala e escrita, pois embora tenham definições e finalidades diferentes, elas representam a identidade de uma comunidade de fala. Gorman (2017, p.60) caracteriza uma boa tradução da seguinte maneira,

Uma boa tradução da Bíblia exige um conhecimento profundo de idiomas e culturas da antiguidade, bem como uma profunda compreensão sobre como preencher as lacunas culturais entre aquele tempo e de hoje (GORMAN, 2017, p.60).

Sendo assim, não é possível separar, em tempo algum, língua e sociedade. A sociolinguística toma a função social da linguagem como ponto de partida e, por isso, procura determinar como interagem a língua e a sociedade que dela se servem (BORBA, 1932, p. 80). O Sermão do Monte foi escrito com objetivo de atender a demandas linguísticas e sociais de uma determinada época, como mencionamos no capítulo anterior, além de representar o discurso de Jesus. Se paramos para refletir na possibilidade de que autor e orador envolvidos no episódio do Sermão do Monte vivessem nos dias atuais, provavelmente não fariam as mesmas escolhas linguísticas, uma vez que a língua passa por processos de mudança constante.

O que se pode concluir análise e comparação das traduções é que, independente do grau de formalidade, mudanças linguísticas sempre ocorreram, e “a observação e reflexão sobre o período arcaico do português é muito significativa para a melhor compreensão do percurso histórico da língua portuguesa” (SILVA, 1993, p.133).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos para a análise e a comparação de uma mudança linguística envolvem muitas demandas de estudos e a partir de excertos do Sermão do Monte pôde-se verificar a importância da escolha adequada do método de pesquisa para se alcançar os objetivos propostos. Iniciamos a análise apresentada a organização e análise sintática dos excertos das traduções de João Ferreira de Almeida do ano de 1681 e 2011, após a apresentação das traduções contemporâneas do mesmo tradutor Almeida Revista e Corrigida (2011) e Almeida Revista e Atualizada (2018), também fizemos alusão à 2ª edição de (1969) e à 3ª edição de (1995) da tradução Almeida Revista e Corrigida. Entre as apresentações das tabelas e análises sintáticas nos balizamos em teóricos linguistas, gramáticos e estudos exegéticos para discutir cada mudança sintática no texto sagrado, utilizando os refinamentos sobre as teorias de mudança linguística (a) *reclassificação*, (b) *fatores condicionantes* e (c) *causas*, apresentados por Weinreich, Labov e Herzog (2006) os quais apresentados no capítulo II e aplicados no capítulo IV.

Nas palavras de Borba (1986) encontramos palavras que justificam nossa caminhada até esse ponto do texto,

Se estabelecer a comunicação entre as pessoas é a finalidade essencial da língua, parece estranho supor que ela esteja sempre mudando, uma vez que a intercompreensão implica a estabilidade do código. Mas, se por um lado, a língua é um conjunto organizado que contém em si os mecanismos próprios de sua transformação, por outro lado, do ponto de vista institucional, só alcança sua finalidade como instrumento de interação social e portanto, o dinamismo das sociedades humanas condiciona as mudanças pela busca de adequação às necessidades dos usuários (BORBA, 1986, p.280).

Dessa maneira, ao olharmos para o texto bíblico, é possível afirmar que ele representa parte da história de línguas antigas. Na atualidade existe uma infinidade traduções e versões da bíblia disponíveis aos leitores, os quais podem balizar suas escolhas de acordo com o seu nível acadêmico, viés doutrinário, objetivo da leitura do texto sagrado, dentre outros fatores e tais leitores precisam ter acesso a esse conteúdo, porém o leitor de hoje não se comunica como o leitor de 300 anos atrás.

E devido ao acesso à leitura dos textos bíblicos na atualidade é que ocorrem as atualizações, revisões e surgem novas traduções, pois a língua de seus leitores passa por processos de mudanças linguísticas incessantes. Instituições responsáveis por essas demandas como é o caso da Sociedade Bíblica do Brasil já apresentam ao público leitor uma variação do

texto como as traduções Almeida Revista e Corrigida, Almeida Revista e Atualizada e a Nova Tradução na Linguagem de hoje.

Retomando o que já fora mencionado, essa variedade de traduções está relacionada aos métodos de tradução. Conforme, Gorman (2017, p. 61),

Tradutores de equivalência formal enfatizam a similaridade nas formas linguísticas (como estruturas gramaticais e de vocabulário) entre o idioma original e a língua para a qual está sendo traduzido. Traduções de equivalência funcional, por outro lado, dão ênfase à similaridade funcional (significado) entre os dois idiomas.

Porém, mesmo traduções como a Almeida Revista e Corrigida, que preza pela conservação linguística de estruturas e vocábulos das línguas originais, e pela apresentação de um texto que segue os vieses de uma língua portuguesa arcaica em um dado momento da história da língua, passará por mudanças linguísticas como elucidamos na análise. À medida em que identificamos os condicionamentos que agem sobre a mudança, adiantamos uma explicação da forma como a mudança vai se expandindo por diferentes contextos estruturais (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006, p.143).

À medida que foram realizadas as revisões do texto bíblico do autor João Ferreira de Almeida, as mudanças linguísticas chegaram à sintaxe do texto, uma vez que “a sintaxe tem a ver com as próprias palavras, com os itens léxicos e como são combinados (GORMAN, 2017, p. 58)”, observamos que a alteração da ordem sintática e o deslocamento e substituição de conjunções corroboram com os objetivos do autor do texto Mateus, e com uma maior similaridade com a estrutura da língua falada no Brasil nos dias atuais.

Sendo assim, além de apresentar a análise, a pesquisa buscou contribuir com os estudos sociolinguísticos levando o leitor a compreender os diferentes processos que fazem com que a língua se transforme e mude ao longo do tempo, uma vez que os estudos acerca da mudança linguística deram luz aos estudos sobre a linguagem e ao funcionamento das línguas.

Por muito tempo a mudança linguística foi considerada como algo negativo, mas ao ser vista pelo viés da sociolinguística passa ser entendida como um processo natural de transformação das línguas humanas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Alisson Guimaraes. **Contribuições semântico-discursivas da conjunção ‘mas’ para a argumentação de propagandas.** Macabéa Revista Eletrônica do Netlli, v.9, nº1, jan/mar, 2020.

ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel. **Exegese do Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2016.

ALMEIDA, Adriano Praça de; ARRUDA, Itamar Soares de. **Reforma ortográfica: o que muda na língua portuguesa.** Campo Grande – MS: Gráfica Editora Alvorada, 2009.

ALMEIDA, João Ferreira de. **O Novo Testamento.** Amsterdam: Companhia da Índia Oriental, 1681.

ALMEIDA, Maria Aparecida de Andrade; FUNARI, Pedro Paulo A. **Exegese Bíblica: vantagens, desvantagens, limites e contribuições na interpretação moderna da Bíblia.** Disponível em: < file:///D:/Downloads/4823-13996-1-PB.pdf >. Acessado em: 08 de jun. de 2020.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões.** São Paulo: Paulus, 1984.

BARBOSA, Victor Leonardo. **Tradução Bíblica em foco: Nova Versão Transformadora.** Disponível em: <<https://scriptumestblog.wordpress.com/2019/07/26/traducao-biblica-em-foco-nova-versao-transformadora/>>. Acessada em: 09 de jul. de 2020.

BARCLAY, William. **The Master’s Men.** New York: Abingdon, 1959.

BARNWELL, Katharine. **Tradução bíblica – Um curso introdutório aos princípios básicos de tradução.** 3ª ed. – Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; Anápolis, GO: Associação Internacional de Linguística, 2011.

BAKHTIN, M. 1979. **Marxismo e filosofia da linguagem; problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem** [1929]. São Paulo, Hucitec.

BECHARA, Evanildo. **Amnésia ou ignorância?** Disponível em: <<http://ipol.org.br/artigo-de-evanildo-bechara-sobre-o-acordo-ortografico/>>. Acessado em: 22 de mar. 2020.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa.** 37. ed. Revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico, editora Fronteira: Rio de Janeiro, 2009.

BECKER, Elsbeth Léia Spode; BATISTA, Natália Lampert; RUSSINI, Augusto. **O Mar da Galileia e seus contextos de simbolismos.** RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 03, nº 02, mai./ago., p.77-100, 2017.

BETTENCOURT, E. T. **Crenças, religiões, igrejas e seitas: quem são?** São Paulo: Editora Mensageiro de Santo Antonio, 2000.

BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. (organizadores). **Comentários Bíblicos**. São Paulo – SP: Loyola, 1999.

BÍBLIA SAGRADA. **A mensagem: Bíblia em linguagem contemporânea** / Eugene H. Peterson; [supervisão exegetica e teológica Luiz Sayão]. – São Paulo: Editora Vida, 2016.

BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia de Jerusalém**. 1.^a ed. São Paulo – SP: Paulus, 2002.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução por João Ferreira de Almeida. **Revista e Atualizada no Brasil**. Edição Revista e Atualizada no Brasil, 3.^a ed. (Nova Almeida Atualizada). Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. **Revista e Corrigida**. 2.^a ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. **Revista e Corrigida**. 3.^a ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. **Revista e Corrigida**. 4.^a ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

BÍBLIA SAGRADA: **Nova Tradução na Linguagem de Hoje**. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

BÍBLIA SAGRADA. **Nova Versão Internacional**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

BÍBLIA SAGRADA: **Nova Versão Transformadora**. 1. ed. – São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística**. 2. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos Estudos Linguísticos**. 9.^a ed. – São Paulo: Editora Nacional, 1986.

BRASILEIRA, Sociedade Bíblica. **Os achados arqueológicos vêm fornecendo importantes dados aos pesquisadores da Bíblia**. Disponível em: <<https://www.sbb.org.br/a-biblia-sagrada/descobertas-arqueologicas/>>. Acessado em: 20 de jun. de 2020.

BRASILEIRA, Sociedade Bíblica. **Tradução Brasileira**. Disponível em: <<https://www.sbb.org.br/a-biblia-sagrada/as-traducoes-da-sbb/traducao-brasileira/>>. Acessado em 25 de junho de 2020.

BORBA, F. da S. **Introdução aos Estudos Linguísticos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 1998.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna – a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo. Parábola Editorial, 2009.

BUZZETTI, C. **La Bibbia come testo letterario da tradurre**. In: Meta 32, 1:55-63, 1987.

CAMPOS, Samuel Marques. **A pregação de Jesus como paradigma para a pregação contemporânea: reflexões exegéticas do Sermão do Monte**. São Leopoldo, RS: Tear Online, v.3, n.1, p. 60-72, jan./jun., 2014.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo, SP: Ed. Parábola, 2002.

CARTER, Warren. **O Evangelho de São Mateus**. Comentários Sócio-político e Religioso a partir das margens. São Paulo: Paulus, 2002.

CARVALHO, N. de. **Empréstimos linguísticos**. São Paulo: Ática, 1989.

CARRIÃO, Luiz Humberto. **Do Cristo cósmico e do Cristo telúrico na visão de Huberto Rohden**. 2016. 129 f. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, 2016.

CASONATTO, Odalberto Domingos. **Como e quando o tradutor bíblico João Ferreira de Almeida aprendeu hebraico e grego?** Disponível em: <<https://www.abiblia.org/ver.php?id=6566>>. Acessado em: 24 de abril de 2021.

CAVALCANTE FILHO, Jairo Paes. **O método de tradução de João Ferreira de Almeida: o caso do Evangelho de Mateus**. São Bernardo do Campo, 2013. 186p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Humanidades e Direito, Programa de Pós Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013.

CHAGAS, Paulo. A mudança linguística. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística I: Objetos teóricos**. São Paulo, SP: Contexto, 2003. 141-163.

CHAIKA, Elaine. **Language – The Social Mirror: Rowley: Newbury House Publ.** p. 260, 1982.

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic Theory**. Basil Blackwell, 1955.

COELHO, Lázara Divina; SILVA, Yaski Gondim da; VIEIRA, Régia Cristina Campos. **A Intertextualidade no Processo Hermenêutico da Bíblia: uma abordagem inicial**. Revista de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas da Fama vol. 3, nº. 2, 2011.

CONEGERO, Daniel. **A Região da Galileia na Bíblia**. Disponível em: <<https://estiloa.doracao.com/galileia-na-biblia/>>. Disponível em: 25 de abr. de 2021.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. – 7.ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CROSSAN, J. D. **Jesus: uma biografia revolucionária**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luis Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. – 7. ed. – Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

DIAZ Y GARCIA TALAVERA, Miguel. **Dicionário Santillana para estudantes: espanhol-português, português-espanhol.** – São Paulo: Moderna, 2003.

DIK, S. C. 1997a. The theory of functional grammar. Part I: The structure of the clause. 2nd rev. ed.) Berlin / New York: Mouton de Gruyter.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **Um olhar pedagógico sobre o sentido do ensino no Ministério de Jesus.** FABAPAR Faculdades Batistas do Paraná: Via Teológica, v. 16, n. 32, p. 39-60, dez., 2015.

DUBOIS, J. et al. (1993). **Dicionário de linguística.** 9ª ed. São Paulo: Cultrix. 653 p.

FACHAIN, Paulo Cesar; MINUZZI Crislaine. **Estudo sobre língua e linguagem: considerações.** Disponível em: < http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/marco2012/portugues_artigos/linguagem.pdf>. Acessado em: 22 de mar. 2020.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica uma introdução ao estudo da história das línguas.** São Paulo, SP: Ed. Ática, 1991.

FARACO, C. A. **Empréstimos e neologismos: uma breve visita histórica.** In: Revista ALFA. São Paulo, 2001, p. 131-148.

FARIAS, Ivy. **Quantas línguas são faladas no Brasil?** Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/quantas-linguas-sao-faladas-no-brasil/>. Acessado em: 24 de fev. 2020.

FERNANDES, Carlos. **Na língua de Camões.** In: GEO em revista. Santo André, SP: Geográfica Editora, 2016.

FERNANDES, Carlos. **Preferência Nacional.** In: GEO em revista. Santo André, SP: Geográfica Editora, 2016.

FERNANDES, Luis Henrique Menezes. **Diferença da Cristandade: A controvérsia religiosa nas Índias Orientais holandesas e o significado histórico da primeira tradução da Bíblia em Português (1642-1694).** Dissertação (Doutorado em Letras) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2016.

FONTAINE, Maria. **A palavra de Deus atemporal.** Disponível em: <<https://activated.org/pt/alicerce/a-palavra-de-deus/a-biblia/a-palavra-de-deus-atemporal/>>. Acessado em: 15 de abr. de 2021.

FOHRER, G. e SELLIN, E. **Introdução ao antigo testamento.** São Paulo: Editora Academia Cristã Ltda. 2007.

GADET, Françoise. **Variation et hétérogénéité.** In: - (org). Hétérogénéité et variation: Labov, un bilan. Langages, 108:5-15, 1992.

GALVÃO, Glaucinei Dutra. **Bíblia e Bíblia em mangá - estilos diferentes com o mesmo objetivo.** In: - (org). Animando as mangas – ensaios sobre animes e mangás. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020.

GARCIA-TALAVERA, Miguel Diaz y. **Dicionário Santillana para estudantes: espanhol-português, português-espanhol**. São Paulo: Moderna, 2003.

GALVES, CH. **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas, Editora da Unicamp, 2001.

GEISLER, Norman; NIX, William. **Introdução a Bíblia**. São Paulo: Editora Vita, 2006.

GIRALDI, Luiz Antônio. **A Bíblia no Brasil – Como um livro proibido durante o Brasil Colônia tornou-se uma das obras mais lidas nos tempos do Império**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

GIRALDI, Luiz Antonio. **História da Bíblia no Brasil**. 2ª ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

GORMAN, Michael J. **Introdução à exegese bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

GUIMARÃES, Eduardo. **A Língua Portuguesa no Brasil**. São Paulo: Ciência e Cultura, 2005.

HARE, DOUGLAS R. A. **The Theme of Jewish Persecution of Christians in the Gospel According to St. Matthew**. Cambridge: University Press, 1967.

HODGE, Charles. **Teologia sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001.

HUDSON, R. A. **Sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press. 250 p. (1984).

IZIDORO, José Luiz. **As bem aventuranças: MT 5, 1-2**. Juiz de Fora – MG: RHEMA, v.15, n.48/49/50, p.91-108, jan./dez. 2011 – Edição Unificada.

JESI, Furio. **Lutero e a Tradução do Sagrado**. Florianópolis: Boletim de pesquisa NELIC, 2014.

GONÇALVES JUNIOR, Almir dos Santos. Assinatura Divina: só mesmo a vontade de Deus seria capaz de fazer a Bíblia chegar íntegra, completa e perfeita aos nossos tempos. In: JUNQUEIRA, Fernanda Gomes Coelho. **Confronto de vozes discursivas no contexto escolar: percepções sobre o ensino de gramática da língua portuguesa**. 2003. 250 f. Dissertação (Mestrado em Letras) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, Rio de Janeiro, 2003.

KLEIN, William W.; BLOMBERG, Craig L; HUBBARD JR.; Robert L. **Introdução à Interpretação Bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

KRUGER, Michael J. **Sola Scriptura**. Disponível em: < <https://ministeriofiel.com.br/artigos/sola-scriptura/#ouvir>>. Acessado em: 14 de jun. de 2020.

KURY, Adriano da Gama. **Novas lições de análise sintática**. São Paulo: Ática, 1985.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KONINGS, Johan. **A Bíblia, sua história e leitura: uma introdução**. Belo Horizonte – MG: Editora Vozes, 1992.

KONINGS, Johan. **Traduções bíblicas católicas no Brasil (2000-2015)**. Belo Horizonte – MG: Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 8, n. 1, 89-102, jan./abr. 2016.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pensilvania Press, 1972.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. 2.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

LIEBSCHER, Banning. **Enraizados: os lugares onde Deus desenvolve você**. São José dos Campos – SP: Inspire, 2017.

LIMA, Anderson de Oliveira. **Roma e os camponeses da Galileia: Os motivos que proporcionaram o nascimento do movimento de Jesus de Nazaré**. Disponível em: < <https://www.klineeditora.com/revistajesushistorico/arquivos4/4Pedro%20Paulo.pdf> >. Acesso em: 01 de mai. de 2021.

LOPES, Célia Regina. **História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavras: perspectivas funcionalistas**. São Paulo: Contexto, 2018.

MARCARTHUR, John. **Uma vida perfeita: Tudo que a Bíblia revela sobre Jesus, de Gênesis a Apocalipse**. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2014.

MANFREDO, Maria Teresa. **Entre fidelidade e traição, simetria e criatividade**. Campinas: DICYT, 2012.

MENDONÇA, A. G.; VELASQUES FILHO, P. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

MINUZZI, Crislaine; FACHIN, Paulo Cesar. **Estudo sobre língua e linguagem: considerações**. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/marco2012/portugues_artigos/linguagem.pdf/ Acesso em: 13 de out. de 2019.

MONTEIRO, José Lemos, 1944. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2000.

NASCIMENTO, Mara Cristina Watanabe do; PRIMO, Franciele do Prado; SIMÕES, Vivianne Augusta Pires. **Martinho Lutero e a História da Educação**. Paraná – Cascavel: Educere - Revista da Educação, v. 15, n. 1, p. 119-126, jan./jun. 2015.

CAMPOS NETO, Antonio Augusto Machado de. **O judaísmo. O direito talmúdico**. Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, v. 103, p. 43 jan./dez. 2008. Disponível em: < <file:///D:/Downloads/67797-Texto%20do%20artigo-89228-1-10-20131125.pdf> >. Acesso em: 07 de jun. de 2020.

NEVES, Maria Helena de Moura. **O acordo ortográfico da língua portuguesa e a meta de simplificação e unificação**. São Paulo: DELTA vol.26 no.1 2010.

NEVES, Maria Helena de Moura. **O Legado Grego na Terminologia Gramatical Brasileira**. São Paulo: Alfa, 2011.

NOVO TESTAMENTO, **Isto he o Novo Concerto de Nosso Fiel Senhor e Redemptor Iesu Christo traduzido na Lingua Portuguesa**. – Holanda: Tipografia: Zomerren, 1681.

NUNES, Jakeline Pereira. EM BUSCA DO MAIS VALIOSO E PRECIOSO TESOURO, HISTORIOGRAFIA DA TRADUÇÃO DA BÍBLIA DE JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2016, 200f. Dissertação de mestrado em Estudos da Tradução.

OBSERVADO. Disponível em: <<https://observador.pt/2015/04/25/cinco-graficos-entender-mundo-fala/>>. Acessado em: 24 de fev. de 2020.

PACHECO, Thiago da Silva. **Moisés: origens e processos de reelaboração do personagem nos textos canônicos**. Disponível em: <<https://ateliedehumanidades.com/2020/10/02/fios-do-tempo-moises-origens-e-processos-de-reelaboracao-do-personagem-nos-textos-canonicos/>>. Acessado em: 15 de abr. de 2021.

PAIVA, Maria da Conceição A. de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvim. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo, SP: Ed. Parábola, 2006.

PENNA, Angelo. **San Jerónimo**. Barcelona: LM, 1952.

PERES, Edenize Ponzo. De “vossa mercê” a “cê”: os processos de uma mudança em curso. R. (con.) Tex. Ling. Vitória nº 1, p.155 –168, 2007.

PIROLA, Rubinho. **Um certo João**. In: GEO em revista. Santo André, SP: Geográfica Editora, 2016.

POSTALI, Alessandra. **Jornada da Tradução da Bíblia**. Disponível em: <<https://wycliffe.org.br/sem-categoria/jornada-da-traducao-da-biblia/>>. Acessado em: 11 de abr. de 2020.

QUEIROZ, Rita de C. R. de. A informação escrita: do manuscrito ao texto virtual. Disponível em: < http://www.ufrgs.br/limc/escritacoletiva/pdf/a_info_escrita.pdf >. Acessado em: 05 de set. de 2021.

RAMOS, Érika Rodrigues de Maynard. **Os escribas e a Cultura Mnemônica: Status e Intermediação de Práticas Culturais no Reino Médio Egípcio**. 2017. 111 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

REIMER, Ivoni Richter. **As bem-aventuranças como antídoto contra a dominação e corrupção**. Universidade Metodista de São Paulo. Ribla. v. 78, n. 2. (2018).

REIS, Caroline Kirsten. **História da escrita: uma contextualização necessária para o processo de alfabetização**. Uberlândia – MG, 2019.

RIBEIRO, Patrícia Rafaela Otoni; LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha. **Varição, mudança e não mudança linguística: ressignificando o conservadorismo linguístico no português do Brasil.** Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. v. 9, n. 2. (2013).

ROHDEN, Huberto. **O Sermão da Montanha. 1. reimpressão.** São Paulo: Martin Claret, 2008.

ROMA, Boringhiere. **Linguística Testuale**, 1997.

SANTOS, Pedro Paulo Alves dos. **A Septuaginta (LXX): a Torá na diáspora judaico-helenista.** Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. Belo Horizonte, v. 2, n. 2, mar. 2008.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral.** 27ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein].

SAYÃO, Luiz. **NVI: a Bíblia do século 21.** – São Paulo: Editora Vida, 2001.

SAYÃO, Luiz. **A tradução da Bíblia: a herança da Reforma.** Disponível em: <<https://pleno.news/opiniaoluiz-sayao/a-traducao-da-biblia-a-heranca-da-reforma.html>> Acessado em: 02 de jul. de 2020.

SCHOLZ, Vilson. **O Desafio da tradução bíblica para o Português hoje.** In: CAVACO, Timóteo; DANIEL, Simão. A Bíblia e suas edições em Língua Portuguesa 200.º Aniversário da primeira edição bíblica em português da Sociedade Bíblica / 1809-2009. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas Sociedade Bíblica de Portugal, 2009.

SOUZA e SILVA, Maria Cecília Pérez; KOCH, Ingedore Villaça. **Linguística aplicada ao português: sintaxe.** São Paulo: Cortez, 1986.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos. **O português arcaico: morfologia e sintaxe.** São Paulo: Contexto, 1993.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos. **Teorias da mudança linguística e a sua relação com a(s) história(s) da(s) língua(s).** Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras/CNPq (Brasil) - Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto – v.3 – 2008.

SILVA, Wagner Bandeira da. **E-BIBLE: características de hipertexto na bíblia impressa e digital.** 181 f. Dissertação (Mestrado em Artes e Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SCHOLZ, Vilson. **O que a Bíblia fez com Lutero e o que Lutero fez com a Bíblia.** Disponível em: <<https://www.ultimo.com.br/conteudo/o-que-a-biblia-fez-com-lutero-o-que-ele-fez-com-a-biblia>>. Acessado em: 14 de jun. de 2020.

SOARES, Esequias. **Gramática prática de grego: um curso dinâmico para leitura e compreensão do Novo Testamento.** São Paulo: Hagnos, 2011.

STAGG, Frank. **Mateus.** In: Comentário Bíblico Broadman: Novo Testamento. Editor geral: Clifton J. Allen. Tradução de Adiei Almeida de Oliveira. 3. “edição. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1986.

STRACK, H. L.; BILLERBECK, P. **Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch (Vols. I-III)**. Munique: C.H. Beck, 1986.

SOUZA, José Pinheiro de. **Teorias da tradução uma visão integrada**. Revista de Letras, Universidade Federal do Ceará, N.º. 20 – Vol 1/2 p.51-67, jan/dez. 1998.

SOUZA e SILVA, Maria Cecília Pérez de; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística aplicada ao português: sintaxe**. São Paulo: Cortez, 1986.

SOUZA, Paulo Chagas de. **A mudança linguística**. In: Introdução à linguística [S.l: s.n.], 2006.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa, sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

TEIXEIRA, Paulo; ZIMMER, Rudi. **Breve histórico da Bíblia de Genebra (1560)**. MANUAL do SEMINÁRIO de CIÊNCIAS BÍBLICAS Sociedade Bíblica do Brasil Barueri, SP, 2008.

TEIXEIRA, Paulo; ZIMMER, Rudi. **Tradução da Bíblia: história, princípios e influência**. In: - Manual do Seminário de Ciências Bíblicas. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014 digital.

TIMBANE, A. A. **A variação terminológica dos termos de futebol moçambicano**. In: MURAKAWA, C. A. A.; NADIN, O. L. (Org.). Terminologia: uma ciência interdisciplinar. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.p.145-166.

UNTERMAND, Alan. **Dicionário judaico de lendas e tradições**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo**. Bauru: EDUSC, 2002. 396P. Resenha de: MARTINS, Maria Amaral Peixoto. **Escândalos da tradução**. Rio de Janeiro: Tradterm, 2003, p. 241-246.

VILLASENOR, Rafael Lopez. **Como a Bíblia foi escrita?** Disponível em: <<https://www.xaverianos.org.br/noticias-e-artigos/teologia/1396-como-a-biblia-foi-escrita>>. Acessado em: 08 de abr. de 2020.

WATER, Mark. **Enciclopédia de Fatos da Bíblia**. São Paulo: Editora Hagnos, 2014.

WATTS, Malcolm. **O Senhor deu a Palavra: Um estudo na história do texto bíblico**. São Paulo, SP: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2011.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvim. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo, SP: Ed. Parábola, 2006.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvim.

ZANON, Sandro. **A difícil tarefa de traduzir suas armadilhas, seus desafios**. América, Joinville – SC: Clube de Autores, 2014.

ANEXOS

Anexo 01: ALMEIDA, João Ferreira de. *O Novo Testamento*. Amsterdam: Companhia da Índia Oriental, 1681. Mateus capítulos 5, 6 e 7.

SEGUNDO S. MATHEUS. Cap. V. 7

[Filho] de Zebedeo, e a João seu irmão, em hum barco, com Zebedeo seu Paç, que estavaõ remendando suas redes, e chamou os.

22 E ellés logo deixando o barco, e a seu Paç, o seguirão.

23 E rodeou Jesus toda Galilea, ensinando em suas synagogas e pregando o Euangelho d'o reyno, e farando toda enfermidade, e toda fraqueza no povo.

24 E corria sua fama [d'abs] por toda a Syria, e traziaõ lhe todos os que se achavaõ mal, alcançados de diversas enfermidades e tormentos, e a os endemoninhados, e alumados, e paralijticos, e farava os.

25 E seguiaõ o muitas companhas de Galilea, e de Decapolis, e de Jerusaleem, e de Judea, e d'alem do Jordaõ.

CAPITULO V.

1 Christo ensina no monte quem são os verdadeiros bem aventurados. 13 compara seus discipulos com o sal, com a luz, e com huã cidade posta sobre monte. 17 declara que veio para cumprir a ley. 21 contradiz a perversa explicação dos antigos a cerca o sexto mandamento. 27 a cerca do sétimo mandamento, e da carta de desquite. 33 a cerca do juramento. 38 a cerca da vingança. 40 manda a paciencia. 42 a benignidade e verdadeiro amor ate com os inimigos.

1 **E** vendo [Jesus] as companhas, subio a o monte; e asentandose, chegarão se a elle seus Discipulos.

2 E abrindo sua boca, ensinava os, dizendo:

3 Bemaventurados [são] os pobres de Espírito, porque delles he o reyno dos ceos.

4 Bemaventurados [são] os tristes, porque elles seraõ consolados.

5 Bemaventurados [são] os mansos, porque elles herdaraõ a terra.

6 Bemaventurados [são] os que haõ fome e sede [da] justiça, porque elles seraõ fartos.

7 Bemaventurados [são] os misericordiosos, porque elles alcançaraõ misericordia.

8 Bemaventurados [são] os limpos de coração, porque elles veraõ a Deus.

9 Bemaventurados [são] os pacificos, porque elles seraõ chamados filhos de Deus.

10 Bemaventurados [são] os que padecem perseguição por causa da justiça, porque delles he o reyno dos ceos.

11 Bemaventurados sois vos outros, quando vos [os homens] injuriarem, e perseguirem, e de vos differem todo mal, por minha causa, mentindo.

12 Gozae [vos] e alegrae [vos] que grande [he] vossõ galardão em.

em os ceos. Porque assi perseguirão a os Prophetas que [ferão] antes de vos outros.

13 Vos foids o sal da terra; pois se o sal se esvaecer, com que se salgará para nada mais presta, senão para se lançar fora, e dos homens se pisar.

14 Vos foids a luz d'o mundo: Não se pode esconder a cidade sobre o monte ^{a Ou, posta.} fundada.

15 Nem se acende a candea, e se poem de baixo do algucire, mas no candieiro, e alumia a todos quantos em casa [estão.]

16 Assi resplandeça vossa luz diante dos homés para que vejaõ vossas boas obras, e glorifiquem a vosso pae que está nos ceos.

17 Não cuideis que vim a desfatar a ley, ou os Prophetas: não vim a [os] desfatar, senão a os cumprir.

18 Porque em verdade vos digo, que até que [naõ] passem o ceo e a terra, nem hum jota, nem hum til se passará dá ley, que tudo [naõ] aconteça.

19 De maneira que qualquer que desfatar hum destes mais pequenos mandamentos, e assi ensinar a os homens, o mais pequeno sera chamado n'o reyno dos ceos. Porem qualquer que [os] fizer e ensinar, esse sera chamado o grande n'o reyno dos ceos.

20 Portanto vos digo, que se vossa justiça não sobrepujar a dos Escribas e Phariseos, de ninhuã maneira entrareis no reyno dos ceos.

21 Ouvistes que foi dito [a] os antigos: Não matarás; mas qualquer que matar, sera ^{b Ou, cul} reo de juizo. ^{pado.}

22 Porem eu vos digo, que qualquer que contra seu irmão sem razão se indignar sera reo de juizo. E qualquer que a seu irmão disser Raca, sera reo d'o supremo conselho. E qualquer que lhe disser louco, sera reo do fogo do inferno.

23 Por tanto se trouxeres teu presente a o altar, e ali te lembrares que teu irmão tem alguã cousa contra ty.

24 Deixa ali teu presente diante d'o altar, e vae, reconcilia te primeiro com teu irmão, e então vem, e offerece teu presente.

25 ^{c Ou, reconcilia te.} Concordate a sinha com teu adversario, entretanto que com elle estas n'o caminho, porque não aconteça que o adversario te entregue a o Juiz e o juiz te entregue a o ministro, e te lancem na prisão.

26 Em verdade te digo que de ninhuã maneira faires d'ali até não pagares o derradeiro ceutil.

27 Ouvistes que foi dito [a os] antigos: não adulteraras.

28 Porem eu vos digo, que qualquer que atentar para [alguã] mul

mulher, para a cobiçar, ja com ella adulterou em seu coração.

29 Portanto se teu olho direito te escandalizar, arranca o, lança o fora de ty; pois melhor te he que hum de teus membros se perca, dô que todo teu corpo seja lançado no inferno.

30 E se tua mão direita te escandalizar, corta a, e lança a fora de ty; pois melhor te he que hum de tuis membros, se perca, do que todo teu corpo seja lançado no inferno.

31 Tambem foi dito: Qualquer que deixar sua mulher, de lhe carta de desquite.

32 Porem eu vos digo, que qualquer que deixar sua mulher fora de causa de fornicação, faz que ella adultere, e qualquer que com a deixada se casar adultera.

33 Outro si, ouvistes que foy dito [*d'os*] Antigos: Não te perjurarás, mas pagarás a o senhor teus juramentos.

34 Porem eu vos digo, que em maneira nenhuma jureis, nem polo ceo, porque he o throno de Deus.

35 Nem pola terra, porque he o ^d escabello de seus pés: nem por Jerusalem, por que he a cidade do grao rey. *d Ou, effra- do, ou banco.*

36 Nem por tua cabeça juraras, pois nem ainda hum cabello podes fazer branco, ou preto.

37 Mas seja voffo fallar, si, si, não, não; porque o que disto passa, ^e mal procede. *e Ou, d' e malino.*

38 Ouvistes que foi dito: olho por olho, e dente por dente.

39 Mas eu vos digo, que não resistaes a o mal; antes a qualquer que te der em tua face direita, virá lhe tambem a outra.

40 E a o que com tigo preitear quiser, e tua roupeta te tomar, larga lhe tambem a capa.

41 E qualquer que te obrigar a caminhar huã legoa, vae com elle duas [*legoas.*]

42 Da a quem te pedir, ea quem de ty quiser tomar emprestado, não te afastes.

43 Ouvistes que foi dito: Amarás a teu proximo, e aborreccerás a teu inimigo.

44 Pois eu vos digo: Amae a vossos inimigos, bendizej a os que vos maldizem, fazei bem a os que vos aborreccem, e rogae polos que vos ^fmal tratao, e vos perseguem. *f Calumniã.*

45 Para que sejais filhos de voffo Pae que esta nos ceos: porque faz que seu sol saia sobre maos, e bons, e ghove sobre justos e injustos.

46 Porque se amardes a os que vos amaõ , que galardão avereis? não fazem os publicanos tambem o mesmo?

47 E se fomento fraudardes a vossos irmãos, que fazeis de mais? não fazem os publicanos tambem assi?

48 Sede pois vosoutros perfeitos , como vosso Pae, que está nos ceos, he perfeito.

CAPITULO VL

1 *Christo ensina como avemas de dar esmola. 5 orar. 16 jejuar. 19 quaes thesauras amonstuar. 22 como amiffier enderecar o entendimento. 24 não podermos servir a dous senhores. 25 que amiffier deixar a Deus ter cuidado das cousas d'essa vida. 33 e buscar primeiro o reino de Deus.*

^a Ou, *dian-*
te, em para
com.
^b Ou, *deres.*
1 **A** tentai que não façaes vossa esmola perante os homens para que d'elles sejaes vistos: d'outra maneira, não avereis galardão ^a acerca de vosso Pae que está n'os ceos.

2 Portanto quando ^b fizeres esmola, não faças tocar trombeta diante de ty, como fazem n'as Synagogas e n'as ruas os hypocritas, para dos homens serem estimados: Em verdade vos digo, que ja tem seu galardão.

3 Mas quando tu fizeres esmola, não saiba tua [*maõ*] ezquerda o que fas a tua direita.

4 Para que tua esmola seja em oculto, e teu Pae que ve em oculto, elle tó renderá em publico.

5 E quando orares, não sejas como os hypocritas, porque folgão de orar empé n'as synagogas, e n'os cantos das ruas, para dos homens serem vistos. Em verdade vos digo, que ja tem seu galardão?

6 Mas tu, quando orares, entra em tua camara, e cerrando tua porta, ora a teu Pae que está em oculto, e teu Pae que vé em oculto elle tó renderá em publico.

7 E orando, não useis palavras vaãs como os gentios, que cuidão que por seu muito fallar haõ de ser ouvidos.

8 Não vos facaes pois semelhantes a elles, que vosso Pae sabe o que vos he necessário, antes que vos lho peçaes.

9 Vos outros pois orareis assi: Pae nosso que [*estás*] n'os ceos, sanctificado seja o teu nome.

^c Ou, *como,*
n'occe, tam-
bem n'a ter-
ra.
10 Venha o teu reyno. Seja feita a tua vontade ^c [*assi*] n'a terra como n'o ceo?

11 O pão nosso de cada dia nos dá hoje.

12 E perdoanos nossas dividas, assi como nos perdoamos a os nossos devedores.

SEGUNDO S. MATHEUS. Cap. VI. 11

13 E não nos ^d metas em tentação, mas livranos ^e de mal: porque teu he o reyno, e a potencia, e a gloria, para todo sempre. Amen. d Ou, indu-
zas.
e Ou, de
malino.

14 Porque se a os homens perdoardes suas offensas, tambem voffo Pae celestial vosperdoara a vos.

15 Mas se a os homens não perdoardes suas offensas, tão pouco vos perdoara voffo Pae vossas affensas a vos.

16 E quando jejúardes, não vos mostreis tristonhos, como os hypocritas, que desfiguraõ feus rostos, para a os homens parecerem que jejuaõ. Em verdade vos digo, que ja tem seu galardão.

17 Porem tu, quando jejúares, unge tua cabeça e lava teu rosto.

18 Para a os homens não pareceres que jejuas, senão a teu Pae que está em oculto, e teu Pae que vé em oculto, elle to renderá em publico,

19 Não vos ajunteis thesouros n'a terra, aonde a traça e a ferrugem tudo corrumpem e aonde os ladroens minaõ e roubaõ.

20 Mas ajunctaevos thesouros n'o ceo, aonde a traça e a ferrugem não corrumpem e aonde os ladroens não minaõ nem roubaõ.

21 Porque aonde voffo thesouro estiver, ali estará tambem voffo coração.

22 A candeá do corpo he o olho: Affi que se teu olho for sincero, todo teu corpo sera luminoso.

23 Porem se teu olho for malino, todo teu corpo será tenebroso. Affi que se a luz que em ty ha, faõ trevas; quantas seraõ as [mesmas] trevas?

24 Ninguem pode servir a dous senhores: pois ou hade aborrecer a o hum, e amar a o outro; ou se hade chegar a o hum, e desprezar a o outro: Não podeis servir a Deus e a ^f mamon. f Riquetas.

25 Portanto vos digo, não andeis sollicitos por vossa vida, que aveis de comer, ou que aveis de beber nem por voffo corpo que aveis de vestir: Não he a vida mais que o mantimento, e o corpo mais que o vestido?

26 Olhae para as aves do ceo, que nem semeaõ: nem segaõ, nem ajuntaõ em celeiros, e [com sudo] voffo Pae celestial as alimenta: Não sois vos muito melhores que ellas?

27 Mas qual de vos outros podera com [sua] sua sollicitadaõ acrescentar hum covado a sua estatura?

28 E polo vestido, porque andaes sollicitos? atentae para os lyrios do campo, como vaõ cteocendo; Nem trabalhaõ, nem fiaõ.

29 E vos digo, quem nem ainda Salamaõ, com toda sua gloria, foi vestido como hum delles.

30 Pois, se Deus affi veste a erva do campo, que hoje he, e á manhaã se lança no forno; Naõ vos vestirá muito mais a vós, apoucados n'a fê.

31 Naõ andeis pois folicitos, dizendo, que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos vestiremos?

32 Porque todas estas cousas buscaõ os gentios: pois bem sabe voffo Pae celestial que de todas estas cousas necessitaes.

33 Mas buscae primeiro o reyno de Deus, e sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrecentadas.

34 Naõ andeis pois folicitos polo d'amanhaã; porque a manhaã terã bom cuidado de si mefma. Basta a o [cada] dia sua afflicãõ.

2 Ou, de seu.

C A P I T U L O VII:

1. Christo ensina como devemos julgar do proximo, e reprehendo. 6 que naõ avemos de dar as cousas Sanctas a os desprezadores. 7 que devemos continuar n'as oracões. 12 e como emos de tratar a os proximos. 13 da porta estreita e larga. 15 de evitar os falsos Prophetas. 20 que naõ qualquer, que em publico servir a Deus, sera salvo. 24 que devemos a palavra de Deus naõ somente ouvir, mas tambem fazer.

1. **N**Aõ julgueis, pera que naõ sejaes julgados.

2 Porque como o juizo que julgardes, sereis julgados; e com a medida que medirdes, vos tornaram a medir.

3 E porque atentas tu pera o argueiro que está no olho de teu irmaõ, e a trave naõ enxergas que em teu olho está?

4 Ou como diras tu a teu irmaõ: deixame tirar de teu olho o argueiro; e eis aqui huã trave em teu olho?

5 Hypocrita, tira primeiro a trave do teu olho, e entam atentarás em tirar o argueiro do olho de teu irmaõ.

6 Nam deis as cousas sanctas a os caens, nem lanceis vossas perolas diante dos porcos, para que com seus pees as naõ venhaõ a pisar, e virando se vos despedacem.

7 Pedi, e darvos ham; buscae, e achareis; batei, e abrir vos ham.

8 Porque qualquer que pede, recebe: e qualquer que busca, acha; e a qualquer que bate, se lhe abre.

9 E qual de vos será, o homem, que a seu filho dara huã pedra, pedindo lhe elle pam?

10 E se lhe pedir peixe, lhe dara huã serpente?

11. Pois

SEGUNDO S. MATHEUS. Cap. VII. 13

11 Pois se vos, sendo maos, sabeis dar boas dadas a vossos filhos: quanto mais dará vósso Pae, que está nos ceos, bens a os que lhos pedirem?

12 Por tanto tudo o que vos quizerdes que os homês vos fação, fazeilhos vos tambem da mesma maneira: porque está he a ley, e os Prophetas.

13 Entrae pela porta estreita: porque a porta larga, e o caminho espaçoso he, o que leva á perdição: e muitos são os que por elle entram.

14 Porque estreita he a porta, e apertado o caminho; que leva á vida: e poucos há que o achem.

15 Porem guardae vos dos falsos Prophetas, que vem a vos outros com vestidos de ovelhas, mas por dentro são lobos arrebatadores.

16 Por seus frutos os conhecereis. por ventura colhemse uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos?

17 Assim toda boa arvore dá bons frutos: mas a arvore ^apodre dá ^amaos frutos. a Ou, corrupta.

18 Não pode a boa arvore dar maos frutos: nem a arvore podre dar bons frutos.

19 Toda arvore que não dá bom fruto, se corta, e se lança no fogo.

20 Assim que por seus frutos os conhecereis.

21 Não qualquer que me diz, senhor, senhor, entrara no reyno dos ceos: mas aquelle que faz a vontade de meu Pae que está n'os ceos.

22 Muitos me diram n'aquelle dia: Senhor, snõr, não avemos prophetizado nos em teu nome? e em teu nome não avemos lançado fora os demonios? e em teu nome fizemos muitas virtudes?

23 E entõces claramente lhes direi: nunca vos conheci: apartae vos de my, ^bobradores de maldade.

24 Por tanto qualquer que me ouvir estas palavras e as guarda, ^bcomparaloeia o varam prudente, que edificou sua casa sobre penha. b Ou, vos que obras perverfidade.

25 E deceo a chuva, e vieram rios, e aliopraraõ ventos, ^ce combateram aquella casa, e não cahio, por que estava fundada sobre penha. c Ou, e derrotaõ com impetu naquella casa e affõ no versõ 27.

26 Mais qualquer que me ouvir estas palavras, e não as guarda, comparaloei a o varaõ parvo, que edificou sua casa sobre area.

27 E deceo a chuva, e vieram rios, e aliopraram ventos, e combateram a quella casa, e cahio, e foi grande sua caida.

B. 3.

28 E.

14

O S. EUANGELHO

28 E aconteceu que acabando Jesus estas palavras, se maravilhavaõ as companhas de sua doutrina.

d Ou, tendo, autoridade.

29 Porque os ensinava como ^dquem tem autoridade, e nam como os escribes.

Capítulo V

O sermão da montanha.

As beatitudes

(Lucas 6.20-29)

¹Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos; ²e, abrindo a boca, os ensinava, dizendo: ³Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus; ⁴bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados; ⁵bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra; ⁶bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos; ⁷bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia; ⁸bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus; ⁹bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus; ¹⁰bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus; ¹¹bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa. ¹²Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.

Os discípulos são o sal da terra

e a luz do mundo

¹³Vós sois o sal da terra; e, se o sal for insípido, com que se há de salgar? Para nada mais presta, senão para se lançar fora e ser pisado pelos homens. ¹⁴Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte; ¹⁵nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas, no velador, e dá luz a todos que estão na casa. ¹⁶Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus.

O cumprimento da lei

e dos profetas

¹⁷Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim ab-rogar, mas cumprir. ¹⁸Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei sem que tudo seja cumprido. ¹⁹Qualquer, pois, que violar um destes menores mandamentos e assim ensinar aos homens será chamado o menor no Reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no Reino dos céus. ²⁰Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no Reino dos céus. ²¹Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; mas qualquer que matar será réu de juízo. ²²Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão será réu de juízo, e qualquer que chamar a seu irmão de raca será réu do Sinédrio; e qualquer que lhe chamar de louco será réu do fogo do inferno. ²³Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, ²⁴deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem, e apresenta a tua oferta. ²⁵Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele, para que não aconteça que o adversário te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao oficial, e te encerrem na prisão. ²⁶Em verdade te digo que, de maneira nenhuma, sairás dali, enquanto não pagares o último ceutil. ²⁷Ouvistes que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério. ²⁸Eu porém, vos digo que qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar já em seu coração cometeu adultério com ela. ²⁹Portanto, se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti, pois te é melhor que se perca um dos teus membros do que todo o teu corpo seja

lançado no inferno. ³⁰E, se a tua mão direita te escandalizar, corta-a e atira-a para longe de ti, porque te é melhor que um dos teus membros se perca do que todo o teu corpo seja lançado no inferno. ³¹Também foi dito: Qualquer que deixar sua mulher, que lhe dê carta de desquite. ³²Eu, porém, vos digo que qualquer que repudiar sua mulher, a não ser por causa de prostituição, faz que ela cometa adultério; e qualquer que casar com a repudiada comete adultério. ³³Outrossim, ouvistes que foi dito aos antigos: Não perjurarás, mas cumprirás teus juramentos ao Senhor. ³⁴Eu, porém, vos digo que, de maneira nenhuma, jureis nem pelo céu, porque é o trono de Deus, ³⁵nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés, nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei, ³⁶nem jurarás pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto. ³⁷Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; não, não, porque o que passa disso é de procedência maligna. ³⁸Ouvistes que foi dito: Olho por olho e dente por dente. ³⁹Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; ⁴⁰e ao que quiser pleitear contigo e tirar-te a vestimenta, larga-lhe também a capa; ⁴¹e, se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas. ⁴²Dá a quem te pedir e não te desvies daquele que quiser que lhe emprestes. ⁴³Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo. ⁴⁴Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem, ⁴⁵para que sejais filhos do Pai que está nos céus; porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos. ⁴⁶Pois, se amardes os que vos amam, que galardão tereis? Não fazem os publicanos também o mesmo? ⁴⁷E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também assim? ⁴⁸Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai, que está nos céus.

Capítulo VI

Continuação do sermão da montanha.

Esmolas, oração, jejum

¹Guardai-vos de fazer a vossa esmola diante dos homens, para serdes vistos por eles; aliás, não tereis galardão junto de vosso Pai, que está nos céus. ²Quando, pois, deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. ³Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita, ⁴para que a tua esmola seja dada ocultamente, e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará publicamente. ⁵E, quando orares, não sejas como os hipócritas, pois se comprazem em orar em pé nas sinagogas e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. ⁶Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai, que vê o que está oculto; e teu Pai, que vê o que está oculto, te recompensará. ⁷E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que, por muito falarem, serão ouvidos. ⁸Não vos assemelheis, pois, a eles, porque vosso Pai sabe o que vos é necessário antes de vós lho pedirdes. ⁹Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome. ¹⁰Venha o teu Reino. Seja feita a tua vontade, tanto na terra como no céu. ¹¹O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. ¹²Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores. ¹³E não nos induzas à tentação, mas livra-nos do mal; porque teu é o Reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém! ¹⁴Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós. ¹⁵Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas. ¹⁶E, quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas, porque desfiguram o rosto, para que aos homens pareça que jejuam. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. ¹⁷Porém tu, quando jejuares, unge a cabeça e lava

o rosto, ¹⁸para não pareceres aos homens que jejuas, mas sim a teu Pai, que está oculto; e teu Pai, que vê o que está oculto, te recompensará.

O tesouro no céu. O olho puro.

Os dois senhores. A ansiosa

solicitude pela nossa vida

¹⁹Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam. ²⁰Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam, nem roubam. ²¹Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração. ²²A candeia do corpo são os olhos; de sorte que, se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz. ²³Se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas! ²⁴Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou há de odiar um e amar o outro ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom. ²⁵Por isso, vos digo: não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo, mais do que a vestimenta? ²⁶Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas? ²⁷E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura? ²⁸E, quanto ao vestuário, porque andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham, nem fiam. E eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. ³⁰Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pequena fé? ³¹Não andeis, pois, inquietos, dizendo: Que comeremos ou que beberemos ou com que nos vestiremos? ³²(Porque todas essas coisas os gentios procuram.) Decerto, vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas essas coisas; ³³Mas buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas. ³⁴Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal.

Capítulo VII

***Continuação do sermão
da montanha.***

O hábito de julgar os outros

¹Não julgueis, para que não sejais julgados, ²porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós. ³E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão e não vês a trave que está no teu olho? ⁴Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, estando uma trave no teu? ⁵Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e, então, cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão. ⁶Não deis aos cães as coisas santas, nem deiteis aos porcos as vossas pérolas; para que não as pisem e, voltando-se, vos despedacem.

A bondade de Deus

⁷Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á. ⁸Porque aquele que pede recebe; e o que busca encontra; e, ao que bate, se abre. ⁹E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? ¹⁰E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente? ¹¹Se, vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem? ¹²Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas.

Os dois caminhos

¹³Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; ¹⁴E porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem.

Os falsos profetas

¹⁵Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores. ¹⁶Por seus frutos os conhecereis. Porventura, colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? ¹⁷Assim, toda árvore boa produz bons frutos, e toda árvore má produz frutos maus. ¹⁸Não pode a árvore boa dar maus frutos, nem a árvore má dar frutos bons. ¹⁹Toda árvore que não dá bom fruto corta-se e lança-se no fogo. ²⁰Portanto, pelos seus frutos os conhecereis.

Quem entra no Reino dos céus

²¹Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. ²²Muitos me dirão naquele Dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? E, em teu nome, não expulsamos demônios? E, em teu nome, não fizemos muitas maravilhas? ²³E, então, lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade.

Os dois alicerces

²⁴Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhará-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha. ²⁵E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. ²⁶E aquele que ouve estas minhas palavras e as não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia. ²⁷E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda.

A autoridade de Jesus

²⁸E aconteceu que, concluindo Jesus este discurso, a multidão se admirou da sua doutrina, ²⁹porquanto os ensinava com autoridade e não como os escribas.